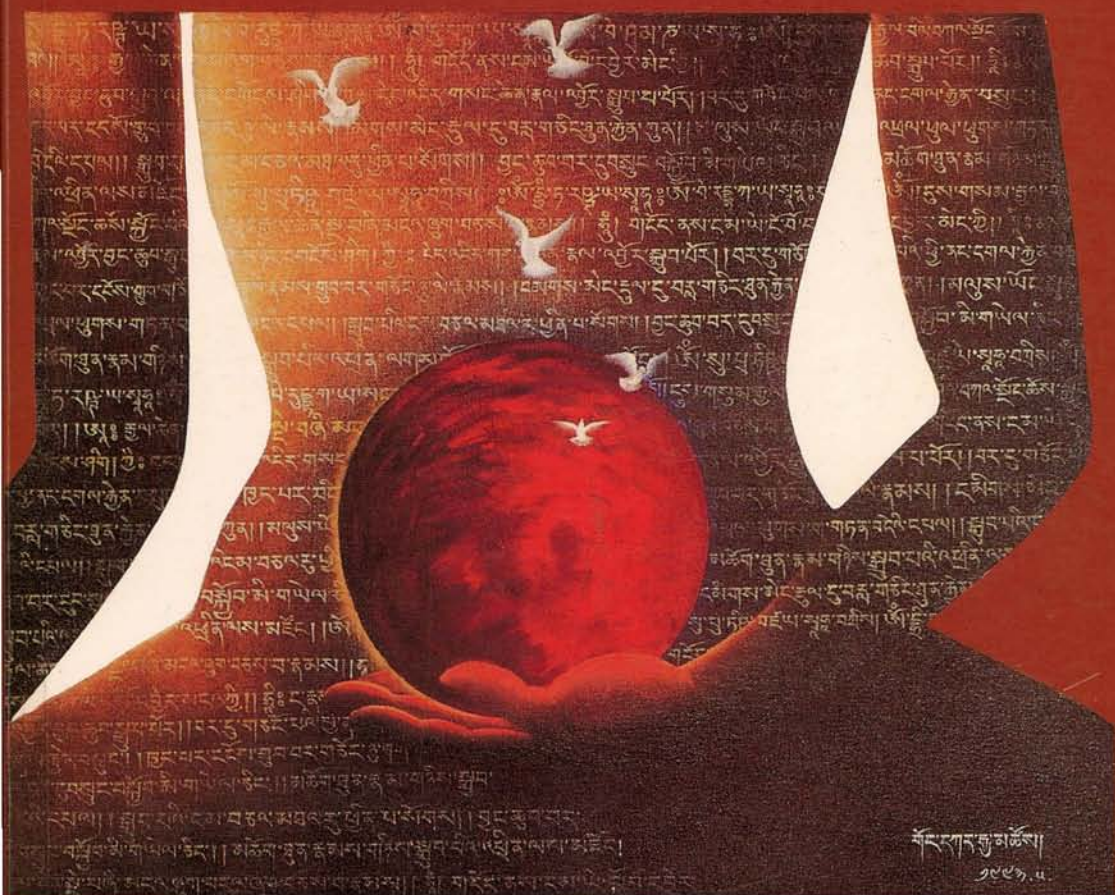


Arco



O retorno do mito.
Guerra nas
Estrelas,
Episódio Um:
A ameaça
fantasmagórica

**Jonathan
Young**

Crianças:
de South Park
a Central
do Brasil

**Roseli
Fischmann**

O automatismo
concordo-
discordo
e as armadilhas
do reducionismo

**Humberto
Mariotti**

**A segunda
visita de
Sua Santidade
o Dalai Lama
ao Brasil**

Arnaldo Bassoli



THOT é uma publicação da Associação Palas Athena do Brasil.

THOT nº 71 - junho de 1999
tiragem: 3.000 exemplares
ISSN 1413-893x
R\$ 9,00

Editores: Basílio Pawłowicz,
George Barcat, Humberto
Mariotti, Lia Diskin,
Primo Augusto Gerbelli,
Ubiratan D'Ambrosio.

Equipe THOT: Isabel Cristina
M. Azevedo, José Flávio Rett,
José Romão Trigo de Aguiar,
Lúcia Benfatti Marques,
Mara Novello Gerbelli,
Nilton Almeida Silva,
Paulina Bereinstein,
Therézinha Siqueira Campos,
Yara Bonomo.

Colaboradores: Collaço
Veras, Daniela Moreau,
Maria José Sesti Neves,
Marli Montesano, Roberto
Ziemmer, Suzete Carvalho,
Wilson Campanella.

Produção: Ademar Assaoka,
Emílio Moufarrige,
Lucia Brandão S. Moufarrige,
Maria do Carmo de Oliveira,
Sergio Marques.

Impressão e distribuição:
Gráfica e Editora Palas Athena.

Jornalista responsável:
José Caruso Filho.

Capa:

Uma oração, 1993
Gonkar Gyatso

Ilustrações:

obras de artistas
contemporâneos tibetanos
extraídas da publicação
Chö-Yang, *The Voice of Tibetan
Religion & Culture* nº 7, 1996.

Índice

- 1 Editorial
 - 2 Painei: A segunda visita de
Sua Santidade o Dalai Lama ao Brasil
Arnaldo Bassoli
 - 12 Crianças: de South Park a Central
do Brasil
Roseli Fischmann
 - 16 A oração e a transformação
da consciência
Dom Basil Pennington
 - 31 O retorno do mito. Guerra nas Estrelas,
Episódio um: A ameaça fantasmagórica
Jonathan Young
 - 40 Os normandos na Sicília
Gabrio Bevilacqua
 - 58 O automatismo concordo-discordo
e as armadilhas do reducionismo
Humberto Mariotti
 - 70 Poema
Parmênides
 - 76 Gestalt-terapia e pós-modernidade
Ana Cristina Sundfeld
 - 83 As babuchas de Abu Kasem
Heinrich Zimmer
- Epifania: Suite em fá maior
George Barcat

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida a reprodução, citando a origem. Os números atrasados serão vendidos conforme a última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Periodicidade: trimestral. Assinatura por quatro números pedidos em nome da Associação Palas Athena do Brasil, no endereço abaixo. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046. Registro no DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P 290/73.

Associação Palas Athena do Brasil

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso
04003-010 - São Paulo - SP
Fones: (011) 288.7356 - 283.0867 e 287.2668
Fax: (011) 287.8941
Internet: <http://www.palasathena.org>

Editorial

As lições aprendidas ao longo da história desta publicação consolidam-se à medida que o tempo passa. Uma delas, talvez a principal, é a importância da diversidade de temas e, dentro de um mesmo tema, a variedade de abordagens.

Antes mesmo desse reconhecimento tornar-se óbvio, ele já vinha sendo posto em prática em nossas páginas, talvez por intuição. Hoje, porém, acumulam-se as evidências de que, não só no mundo da natureza como no da cultura, a diversidade é o caminho de menor resistência, a trilha natural a seguir. Como faz um curso d'água, por exemplo, ao abrir a sua trajetória por entre os acidentes e as irregularidades do terreno. E como ensinam os versos do poeta espanhol Antonio Machado: "Caminante, no hay camino / se hace camino al andar".

Fica claro, então, que nem o fluir das águas de um rio nem a geografia de suas margens determinam sozinhos o seu curso: ele se faz de um modo espontâneo e sábio, que mostra como as coisas se determinam e se constroem umas às outras. Por serem assim, a cada momento elas nos surpreendem, revelando-nos que aquilo que pensávamos ser repetição sempre foi diferença, e o que julgávamos ser monotonia nunca deixou de ser criatividade.

Aprender a construir sem desrespeitar a diversidade, portanto. Uma olhadela em nosso índice mostra os resultados de algumas de nossas tentativas nesse sentido: da recente visita do Dalai Lama ao Brasil à poesia de Parmênides, passando pela Gestalt-terapia e pela meditação cristã, continuamos buscando o nosso caminho e ajudando a construir as nossas margens.

Humberto Mariotti



A segunda visita de Sua Santidade o Dalai Lama ao Brasil Abril de 1999

Os contornos da segunda visita do Dalai Lama ao Brasil começaram a ser delineados no segundo semestre de 1997, quando da visita ao País de Rinchen Dharlo e Tashi Wangdi, na época seus representantes. O convite foi reiterado um ano depois, durante um encontro em Dharamsala. Lá, Sua Santidade manifestou a disposição de visitar o nosso país assim que sua agenda o permitisse. No entanto, muito antes disso o Comitê Brasileiro de Apoio ao Tibete já vinha trabalhando para concretizar o evento.

Confirmada a disponibilidade da agenda para 99, o comitê se reuniu com seus representantes de vários estados – São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais –, e decidiu que seriam propostas atividades em que os participantes pudessem ter com Sua Santidade um contato maior do que o permitido por uma ou duas horas de palestra. Achamos que o melhor seria um seminário de pelo menos oito horas. Diante da

necessidade de um ambiente mais tranqüilo e propício à reflexão, ficou evidente que deveríamos optar por uma cidade acolhedora e com uma infra-estrutura adequada.

Curitiba reunia as condições desejadas, além de sediar uma dezena de instituições que apoiavam a iniciativa. Pensamos também que já era tempo de organizar uma visita a Brasília. Seria excelente se os políticos pudessem ter algum contato com uma mensagem de não-violência e ética nos relacionamentos. A cidade nos pareceu também o local ideal para um encontro inter-religioso, considerando que abriga mais de 800 entidades religiosas e espirituais.

Aceito e aprovado o programa, que incluía as duas cidades, envolvemo-nos em pelo menos seis meses de preparações. Outra idéia tomou forma: organizar um concerto-homenagem. Vários artistas conhecidos e queridos do público poderiam ser convidados e, em certo momento, o Dalai Lama apareceria no palco para uma breve mensagem.



Nossa idéia foi imediatamente acolhida por todos os artistas com que fizemos contato. Para alguns foi impossível participar, devido a compromissos anteriores, mas Gilberto Gil, Rita Lee e Elba Ramalho confirmaram presença e doaram os seus cachês. Acertaram-se depois mais duas participações: a da Orquestra do Conservatório de Música Popular Brasileira de Curitiba, sob a regência do Maestro Roberto Gnattali, e a dos Monges Cantores do Mosteiro de Drepung – religiosos tibetanos que viriam especialmente para o evento.

A fase seguinte consistiu na obtenção de patrocínios, já que havíamos decidido que as inscrições para o seminário e os ingressos para o concerto deveriam ter preços acessíveis e a renda gerada por esses eventos não seria suficiente. Conseguidas as colaborações, havia ainda o trabalho de organização, que envolvia um sem-número de providências: inscrições, alojamentos, passagens aéreas, liberação dos locais para o seminário e o concerto, articulações para as palestras em Brasília (na Universidade e no Congresso), convites para a composição da mesa na UnB (com representantes de diversas religiões), toda a produção do concerto (transporte, alojamentos, equipamentos de som, convites especiais, contratos, direitos para a televisão, filmagens, peças publicitárias, produção do palco, encontros com autoridades, segurança) – enfim, uma lista infundável.

Tudo acertado – ou pelo menos encaminhado –, chegou o grande dia: o Dalai Lama veio no dia da Páscoa, depois de uma viagem de mais de 30 horas a partir de Dharamsala. Desembarcou em São Paulo, mas não saiu do aeroporto. Ali mesmo foi recebido pelo Cerimonial do Estado e logo seguiu para Curitiba. Lá, depois de novamente recebido pelo Cerimonial, foi para o hotel, onde, sem aparentar sinais de cansaço, ainda deu uma entrevista à imprensa antes de se recolher. O restante do domingo foi dedicado ao repouso.

No dia seguinte, ocorreu o seminário, cujo tema foi “Valores Humanos Universais e sua Prática na Vida Cotidiana”. O recinto estava lotado. Eram mil e oitocentos lugares na Ópera de Arame e outros trezentos, pelo menos, em uma tenda armada ao lado, com transmissão por meio de telões.

Seriam cinco horas, da manhã à tarde. É notável a capacidade de comunicação do Dalai Lama com o público: logo surgiu uma grande empatia por aquela figura tão aberta e tão próxima. Mesmo tendo vindo de tão longe, era como se sempre o houvéssemos conhecido, tal a transparência de sua expressão, seu sorriso, sua gargalhada.

Os temas da primeira manhã eram “Amor e Compaixão” e “A Base Comum de Todos os Seres”. Ele começou dizendo que o propósito da vida é a felicidade: não só os seres humanos, mas todos os demais têm o direito de sobrepujar o sofrimento e buscá-la. O tema central foi a espiritualidade, não necessariamente a religiosa. Ao final da sessão, o Dalai Lama falou sobre a universalidade da compaixão.

À medida que ele falava e ia abordando os ensinamentos propriamente ditos, ficou evidente que nossa escolha do local tinha sido acertada. O auditório era todo de vidro e aço, situado no meio da mata cerrada. Parecia que as palavras iam entrando, e bastava olhar para o lado e ver o céu azul e a folhagem para relaxar ainda mais a mente. A audiência estava galvanizada por aquela presença tão forte e ao mesmo tempo tão suave, e pela beleza da mensagem que ela trazia.

No intervalo após o almoço, o Dalai Lama deu uma conferência à imprensa no Hotel Rayon, que generosamente oferecera a sua hospedagem e a de sua comitiva. As perguntas foram significativas e oportunas, criando-se uma atmosfera de cálida reflexão, pouco comum em situações semelhantes.

De volta ao seminário, foi respondida uma torrente de perguntas relativas à primeira sessão. A seguir, o Dalai Lama dedicou-se aos temas específicos da sessão: “A Raiva e seus Antídotos” e “Lidando com Amigos e Inimigos”. A platéia foi ficando ainda mais receptiva, delicada e gentil. Fazia calor, porque o teto de vidro deixava passar sol, mas todos pareciam realmente estar aproveitando aquela rara oportunidade. Acalmavam-se e se deixavam conduzir até um estado mais tranqüilo. Sua Santidade falou sobre a importância do amor e da tranqüilidade, a não-violência, os danos causados pela raiva e como lidar com ela, isto é, como aprender a equanimidade.

Enquanto isso, ali ao lado, na pedreira Paulo Leminski, aprontava-se o concerto. Mais de quarenta produtores e técnicos cuidavam da montagem e dos ajustes da aparelhagem, dos camarins, da segurança. O local é o de uma antiga pedreira, transformada em espaço de espetáculos musicais para o grande público. O palco é enorme. Tudo ali parece coisa de arquiteto, pensada para ser bonita, resultado que realmente foi alcançado. No entanto, o tempo passava rápido. Já eram seis horas e o concerto estava prestes a começar.

Choveu forte no fim da tarde. Um desastre, talvez? A pedreira tem apenas esse ponto fraco: o que fazer, se desabasse um temporal durante o concerto? Pois poucos minutos depois a

chuva foi parando até cessar por completo. Antes disso, porém, fomos presenteados com um espetáculo inesquecível: contra o sol de fim de tarde, as gotas d'água ficaram douradas e abriram-se dois arco-íris enormes.

O concerto transcorreu maravilhosamente. O público era de mais de treze mil pessoas: jovens de todas as idades. O pesquisador Kaka Werá, que estava na platéia, foi chamado ao palco e contou uma lenda indígena sobre um momento abençoado, na qual aparecem o arco-íris e uma chuva cor de ouro. O momento em que o Dalai Lama apareceu foi inesquecível: no palco, junto com os músicos, ele parecia muito feliz. Entregou um *kathag* (lenço tibetano que representa apreço, gratidão) a cada um deles, e iniciou o seu discurso. Falou sobre os sorrisos que via na platéia, abertos para aquele acontecimento tão bonito e tão forte. Em seguida entrou Gilberto Gil, cantando "Se eu quiser falar com Deus".

No dia seguinte, os temas dos ensinamentos da manhã foram "A Natureza da Mente" e "Benefícios e Métodos de Treinamento Mental". Numa seqüência perfeitamente encadeada, o Dalai Lama falou sobre a mente e a necessidade de treiná-la, o vazio, a meditação analítica e a unidirecional e os estados mentais que acontecem nos bardos (no budismo tibetano são os estados intermediários entre a morte e o renascimento). O calor era maior do que no dia anterior, mas a platéia, atenta, receptiva, parecia responder de modo ainda mais harmônico.

Mais uma vez fiquei maravilhado com o que via: a alegria e a sensação da presença de algo muito significativo eram marcantes. Vários dos presentes relataram que a sessão havia sido muito importante, e que algo tinha mudado em suas vidas. Compartilho essa sensação. É como se todos ali estivessem sendo transformados muito profundamente pelos ensinamentos. O Dalai Lama terminou essa parte do seminário afirmando que o processo de transformação da mente é lento, mas seguro.

Na tarde da terça – última sessão portanto –, os temas foram "Interdependência no Mundo Moderno" e "Responsabilidade Universal", com análises sobre a economia mundial, diferenças entre os hemisférios norte e sul, ecologia, preservação, e até a Amazônia: "... um dano à Amazônia não afeta só o Brasil, mas o mundo inteiro". Ao final, ele afirmou: "A autoconfiança também é importante: não aquela que é cega e excessiva, mas a baseada na compaixão. Essa pode nos levar à força interior".

Podemos, assim, ter um cérebro movido por uma visão holística e baseado em um coração caloroso – a melhor forma de encontrar a paz. O seminário terminou com uma cena comovente, em que o público jogava *khatags* no palco em sinal de gratidão. A afetividade era notável, bem como o senso ético, o entusiasmo, a alegria. Parece que todos saímos nutridos, alimentados, prontos para voltar à vida cotidiana com uma nova disposição para humanizar-nos.

Menos de uma hora depois de terminado o seminário, o Dalai Lama e sua comitiva voavam para Brasília. Lá, tudo era diferente. A segurança estava extremamente preocupada – afinal, tratava-se de um chefe de estado. Na manhã seguinte, ele falou para uma audiência de mais de cinco mil pessoas, numa tenda montada no Teatro de Arena da Universidade de Brasília.

No início da cerimônia, recebeu do Magnífico Reitor da Universidade de Brasília, Prof. Lauro Morhy, o título de Doutor Honoris Causa. Em seguida, representantes de várias tradições religiosas brasileiras fizeram seus pronunciamentos: Padre José Bizón (Casa da Reconciliação, Diálogo Inter-religioso); Rabino Henry Sobel (Presidente do Rabinato da Congregação Israelita de São Paulo); Reverendo Jaime Wright (ex-Secretário Geral da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil); Prof. Marcos Terena (Articulador dos Direitos dos Indígenas junto à ONU, Membro do Comitê Inter-Tribal e Vice-presidente da FUNAI); Prof. Mohamed Habib (professor titular da Unicamp e Coordenador de Relações Internacionais e Institucionais da mesma, líder islâmico); Prof. Muniz Sodré (professor titular da UFRJ e Obá-Xangô do Axé Opô-Afonja), Governador do Distrito Federal, Reitor da UnB e Reitor da USP. Ao final, o Dalai Lama falou, emocionado, aos estudantes, agradecendo as homenagens recebidas e destacando a importância dos valores humanos e da ética na educação e em todos os aspectos da vida interior e social.

Após o almoço, Sua Santidade encontrou-se com o Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, e com o Presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães. Apesar de não ser oficial, esse encontro foi importantíssimo para as relações do Brasil com o Tibete, para a abertura do nosso país à cultura tibetana e para o futuro aprofundamento desses laços. Todos sabem da posição chinesa no que se refere ao país do Dalai Lama. Sabem também que a China é considerada um parceiro econômico de primeira importância para qualquer nação capitalista moderna. A pressão para que não sejam ventilados os

aspectos políticos da invasão chinesa é tremenda. Contudo, a atitude do presidente mostrou que é possível responder livremente a esses constrangimentos.

À tarde, o Dalai Lama encontrou-se com o Presidente da Câmara, Michel Temer. Depois disso, falou para mais de três mil pessoas no Salão Negro do Congresso Nacional. Esse momento foi o único em toda a visita em que ele tocou publicamente na questão do Tibete e da sua situação atual. Como se sabe, há inúmeras violações dos direitos humanos e a sobrevivência da cultura tibetana está ameaçada como em nenhum outro momento em toda a história do país.

A caminho do aeroporto, onde o Dalai Lama iria tomar o avião para Buenos Aires e deixar de vez o nosso país (até a sua próxima visita), fui com ele no mesmo carro. Foi o único instante em que pudemos estar mais próximos. Ele estava impressionado com a característica que os brasileiros têm de expressar seus sentimentos. “Isso é muito bom... isso é ótimo”, disse, várias vezes. Então entendi por que ele tinha por várias vezes ignorado a preocupação dos agentes de segurança, dirigindo-se diretamente ao público, apertando as mãos que lhe estendiam. Estava realmente feliz e impressionado. Acrescentou que era preciso trabalhar muito, para desenvolver a consciência das pessoas. Trabalhar incansavelmente.

Missão cumprida. Fiquei feliz, eu também, com esse momento. Já estava feliz, aliás, ao ver esse raio de sol brilhar tão claro e tão límpido, ao viver essa oportunidade tão rara de ver tantas e tantas pessoas tão inspiradas por uma coisa tão boa. Só posso agradecer e desejar que essa felicidade que vivemos possa se estender a todas as pessoas, todas elas. Sem exceção. **THOT**

ARNALDO BASSOLI é psicólogo e Secretário de Cultura do Comitê Brasileiro de Apoio ao Tibet.

Idéias de sua Santidade o Dalai Lama

Minha mensagem é a prática do amor, da compaixão e da bondade. Estas qualidades são muito úteis para vivermos nosso cotidiano mais harmoniosamente e também muito importantes para a sociedade humana como um todo.



Uma profunda compaixão é a raiz de todas as formas de adoração.



Aonde quer que eu vá, sempre aconselho as pessoas a serem altruístas e bondosas. Tento concentrar toda a minha energia e força espiritual na disseminação da bondade. É o que há de mais essencial.



A bondade é o que realmente importa. A bondade, o amor e a compaixão combinados são sentimentos que levam à essência da fraternidade. São os alicerces da paz interior.



Com sentimentos de ódio e rancor, é muito difícil alcançar a paz interior. Neste sentido, as religiões e crenças são convergentes. Em todas as grandes religiões do mundo, a ênfase é no espírito de fraternidade.



São os inimigos que verdadeiramente nos ensinam a vivenciar sentimentos de compaixão e tolerância. As guerras surgem porque não há compreensão do lado humano das pessoas. Ao invés de conferências e encontros políticos, por que não convocar as famílias a fazerem um piquenique para que se conheçam mutuamente, enquanto suas crianças brincam juntas?



Nos tempos antigos, quando havia uma guerra, o embate era corpo a corpo. O vitorioso entrava em contato direto com o sangue e o sofrimento do inimigo durante a batalha. Hoje, as guerras adquiriram uma proporção muito mais horrenda. Um homem, sentado em uma

sala, aperta um botão e mata milhões de pessoas instantaneamente, sem ao menos ver o sofrimento humano que infligiu. A mecanização da guerra e a automação dos conflitos humanos são, cada vez mais, uma ameaça à paz mundial.



Sempre acreditei que a determinação humana e a verdade prevaleceriam sobre a violência e a opressão. No mundo de hoje, em todos os lugares, há mudanças importantes ocorrendo, que poderão afetar profundamente nosso futuro e o futuro da humanidade, bem como nosso planeta. Decisões corajosas por parte de vários líderes mundiais propiciam a resolução pacífica de conflitos. A esperança de haver paz, preservação do meio ambiente e uma abordagem mais humana aos problemas do mundo parece estar mais presente que nunca.



Ninguém pode prever o que acontecerá em algumas décadas ou séculos, por exemplo, qual o impacto que o desflorestamento terá sobre o clima, o solo, as chuvas. Temos muitos problemas porque as pessoas estão centradas em seus próprios interesses, em ganhar dinheiro, e não estão pensando no bem-estar da comunidade como um todo. Não estão pensando na Terra a longo-prazo e nos efeitos ambientais adversos sobre o homem. Se nós, da atual geração, não refletirmos sobre estas questões agora, as gerações futuras não terão como lidar com elas.



Muitos de nós se juntam sob o mesmo sol resplandecente, falando línguas diversas, vestindo indumentárias diferentes e até mesmo possuindo crenças distintas. Contudo, nós todos somos idênticos como seres humanos e individualmente únicos. Desejamos todos, indistintamente, a felicidade e não o sofrimento.



Mesmo que não possamos resolver certos problemas, não devemos nos frustrar. Como humanos devemos enfrentar a morte, a velhice e doenças, que, tal qual um furacão, são fenômenos naturais que fogem ao nosso controle. Devemos enfrentá-los, não podemos evitá-los. São sofrimentos que já bastam em nossa vida. Por que criarmos mais problemas por apego à nossa ideologia ou porque pensamos de maneira diferente? É inútil e triste! Milhões de pessoas sofrem com

esse tipo de problema. É um verdadeiro desperdício, visto que podemos evitar o sofrimento adotando uma atitude diferente e reconhecendo a humanidade à qual as ideologias deveriam servir.



Rancor, ódio, ciúme: não é possível encontrar a paz com eles. Podemos resolver muitos de nossos problemas por meio da compaixão e do amor. Só assim nos desarmaremos e encontraremos a verdadeira felicidade. Uma das maiores virtudes é a compaixão. A compaixão não pode ser comprada numa loja de departamentos ou fabricada por máquinas. Ela advém do crescimento interior. Sem paz de espírito, é impossível haver paz no mundo.



Na nossa vida, cultivar a tolerância é muito importante. Com tolerância, pode-se facilmente superar as dificuldades. Caso você tenha pouca ou nenhuma tolerância, ficará irritado com as mínimas coisas. Em situações difíceis, terá reações extremadas. Em minha vida, já refleti muito a respeito desta questão e sinto que a tolerância é algo que deve ser praticado no mundo inteiro, no seio da sociedade humana. Mas, quem nos ensina tolerância? Pode ser que seus filhos o ensinem a cultivar a paciência, mas é seu inimigo quem irá ensinar-lhe a prática da tolerância. O inimigo é seu mestre. Mostre-lhe respeito, ao invés de ódio. Dessa forma, a verdadeira compaixão irá brotar de seu interior e esta compaixão é a base de tudo aquilo que você é e em que você acredita.



Insisto em afirmar que as principais religiões do mundo – budismo, cristianismo, confucionismo, hinduísmo, islamismo, jainismo, judaísmo, sikhismo, taoísmo, zoroastrismo – possuem os mesmos ideais de amor, o mesmo objetivo de beneficiar a humanidade por meio da prática espiritual e a mesma determinação de aprimorar seus praticantes como seres humanos. Todas as religiões pregam preceitos morais para o aperfeiçoamento da mente, do corpo e da fala. Todas nos ensinam a não mentir, roubar ou tirar a vida de outras pessoas. A essência de todos os preceitos morais preconizados pelos grandes mestres da humanidade é o não-egoísmo. Esses mestres tinham como objetivo remir os praticantes de ações negativas, frutos da ignorância, e conduzi-los ao caminho do bem.



**ROSELI
FISCHMANN**

é professora de
pós-graduação
da Universidade
de São Paulo - USP
e da Universidade
Mackenzie.

CRIANÇAS: DE *SOUTH PARK* A CENTRAL DO BRASIL

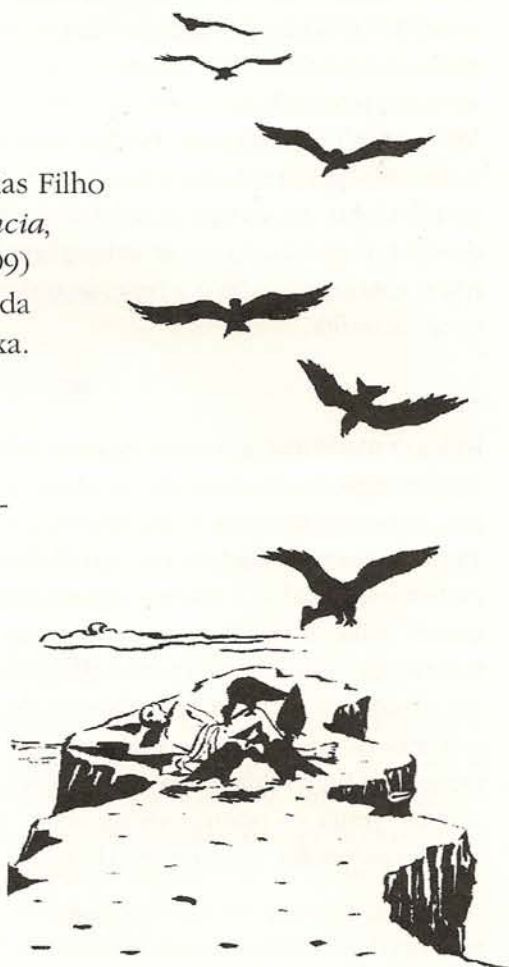
A coluna de Otávio Frias Filho
(*Superação da infância*,

Folha de S. Paulo, 18.02.99)

oferece uma reflexão lúcida
e por isso mesmo perplexa.

Ao tratar do processo de
“adultização” por que
hoje passam as crianças,
o autor indica o distanciamen-
to dos pais e a
valorização exclusiva
dos ganhos materiais
como fatores
que se somam.

Isso as leva a uma
entrada precoce no
mundo adulto e,
por consequência,
em sua insensi-
bilidade e frieza.



Eis o texto de Frias:

Existe um abismo entre o mundo dos adultos e o das crianças, abismo que fingimos encobrir com todo o repertório de idéias feitas sobre a “inocência” infantil. Para os adultos, as crianças são sempre as mesmas, congeladas no tempo mitológico das nossas memórias recalçadas, e no entanto as crianças, como tudo mais, evoluem.

Quanto mais os adultos se distanciam, em resultado do esvaziamento da vida em família, das crianças, tanto mais precocemente elas se socializam e por assim dizer “adultizam”. Não é tão absurda a pergunta, formulada por um articulista, a propósito da virada do milênio sobre se haverá crianças no século 21.

Essa “adultização” está sendo impulsionada por dois fatores poderosos. Um deles é que pela primeira vez na história os adultos assumem que o jogo de ganha-e-perde material é a medida única de todas as coisas. Só vale o que for conversível em valor econômico. Isso desbarata metade das fantasias que vicejavam na infância.

O restante da “inocência” infantil – a rede de tabus sexuais – foi severamente abalado pela epidemia de Aids. O modo de transmissão dessa doença faz sua prevenção depender de um grau inédito de conhecimento público sobre a mecânica das relações sexuais. As crianças começam a se perguntar sobre camisinha aos 5 anos.

Mas continuam sendo crianças. É esse choque da experiência não inocente, mas inaugural, da criança jogada no mundo de cálculo e frieza dos adultos, o que mais ressalta no desenho animado *South Park*, em exibição na TV brasileira desde o ano passado. O desenho se tornou *cult* entre adultos, mas há fanáticos de 11 anos.

Num traço tosco, como se fosse produto de alguma mão de criança, *South Park* mostra a vida de quatro coleguinhas de escola numa cidade típica do interior americano. Eles estão completamente imersos, já, na linguagem e na temática dos adultos – estupro, lesbianismo, matança de animais, lutas de poder burocrático etc.

Como se fosse um retorno do inocente, porém, são assuntos que eles compreendem de maneira deformada, irrealista, psicótica. Na distopia de *South Park* a banalidade adulta do mal é um espelho em que se miram as próprias crianças. O desenho parece tão indecente porque para seus autores a humanidade nunca “melhora”.

Na psicose das crianças haveria a semente de alguma rebel-
dia, não fosse *South Park* um mundo integrado, reiterativo,
como a sina do menino Kenny, que morre de alguma morte
pavorosa em todo capítulo, para voltar intacto no capítulo se-
guinte. Coisas medonhas ocorrem em *South Park*, nunca coi-
sas traumáticas.

Os tipos de Charlie Brown, nos anos 70, eram “neuróticos”,
melancólicos, como se expressassem o realismo de uma pri-
meira decepção das crianças ao despencar no mundo adulto.
South Park sintetiza talvez o passo seguinte na indiferenciação
entre crianças e adultos, infantilizados e “adultizados” simulta-
neamente.

A criança deveria ser lembrada por todos como inocência,
em que pesem os recalques de cada um. É o que pondera o
jornalista. Vale recordar, contudo, que existe uma criança inte-
rior, arquétipo com o qual cada um de nós dialoga e no qual se
apóia. Ele é feito de lembranças de um tempo idealizado,
sonhado, ressonhado e jamais realizado, embora tenhamos sem-
pre a suspeita de que esteja irremediavelmente perdido.

O encontro com essa criança interna é bem exemplificado
no filme *Central do Brasil*, a belíssima produção nacional in-
dicada para dois Oscar. Ali, o personagem Josué é bem a ima-
gem dessa criança idealizada, desejada, perdida. O pai é um
cachaceiro, como repete à exaustão a personagem Dora, para
ver-se reafirmada em muitos outros personagens. Ele sequer
conheceu o filho, mas o tem como referência de busca na
saudades da mulher amada, idealização que a distância e o tem-
po acentuam.

A mãe, laboriosa, oscila do rancor ao companheiro que a
deixou à oferta ao filho de uma imagem paterna correta – e
também idealizada. O próprio filho resiste a enfrentar a reali-
dade da perda da mãe. E assim sucumbe, indefeso, à mulher
que se apresenta como substituta. Sendo ela a única disponí-
vel, resta a Josué tentar vender-lhe uma imagem de experiên-
cia que o resguarde de tudo o que acaba de sofrer. E surgem
então mais idealizações, em boa parte expressas nas cartas que
simbolizam o encontro impossível.

Tão forte é a experiência do encontro da mulher adulta com
o homem-criança, que a penalidade do analfabetismo – histo-
ricamente imposta como orfandade insuportável do Estado –
assume um lugar coadjuvante, quase de mero cenário, de um
embate que é o do ser humano consigo mesmo. Penalidade

que se paga pela falta de dar e receber notícias com autonomia e liberdade de expressão. Mas que se paga em dinheiro, que remunera uma mensagem que jamais chegará. Novas idealizações, portanto – e o alívio de supor que finalmente será possível tranqüilizar o espírito daqueles a quem se ama, pela mão do escrevinhador profissional.

Dessas idealizações todas, a trazida pela posse do dinheiro é exatamente a que vem articulando cada vez mais um novo modo de relacionamento humano. Na primeira metade dos anos 70, Harry Braverman indicava o desenvolvimento de um “mercado universal” que atingiria a tudo e a todos. Ainda estávamos longe da atual realidade da globalização, mas Braverman já se referia à monetarização de todas as relações interpessoais – e para muito além das análises de Marx sobre a mercadoria.

No que se refere aos seres humanos, ter um preço deixou de ser um atributo daqueles que se vendem por meio de várias formas de traição. Essa condição agora está incorporada ao cotidiano e impregna olhares, sentimentos e gestos. A mais simples atitude de cooperação pode facilmente passar de solidariedade a valor financeiro, pervertendo o próprio sentido original da economia. Enquanto isso, parecem ociosos os debates sobre o papel da educação e da escola, se no fim tudo acaba não em pizza, mas em preço. O que, sem dúvida, não deixa de ser uma forma de manifestação do analfabetismo ético que se espalha, inclemente e indiscriminado, pela sociedade.

Nesse universo, Josué-criança se manifesta de muitas maneiras. Mas está sempre distante da terra prometida, às vezes encarnada em corpos de adultos que já não sabem rodar pião. No desenho animado *South Park* (em exibição em nossa TV desde o ano passado), como relembra Frias, há a criança que morre a cada vez de modo terrível, para reaparecer no episódio seguinte. Na magia cinematográfica, Dora se vê transformada pelo menino. Como proteger a criança que está em nós, para que tenhamos alguma chance de transformação? Como proteger todas as crianças?

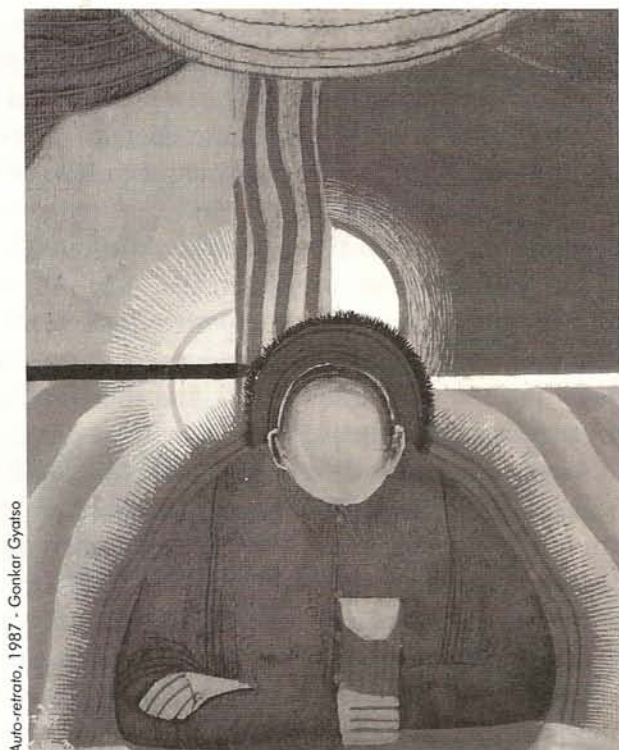
Vivemos tempos de crise e de crueza, com doses de cinismo e velada crueldade. Não há, de fato, espaço para crianças. É um tempo praticamente “proibido para menores”. No entanto, como estes felizmente sobrevivem, que a coluna de Otávio seja um alerta para que nós, adultos, ofereçamos a elas mais que sobrevivência: vida com qualidade e afeto, um sinal de respeito a seus direitos e a nós mesmos. Nossa criança interior, penhorada, agradece.

THOT

**DOM BASIL
PENNINGTON**

pertence ao
mosteiro trapista
de São José,
no estado de
Massachusetts,
EUA.

A oração e a transformação da consciência



Auto-retrato, 1987 - Gonkar Gyaiso

Jesus certamente foi um homem de oração. O Evangelho nos conta que ele ficou 40 dias no deserto, rezando e se preparando para o seu ministério. Durante todo o período de seus ensinamentos, simplesmente passava noites inteiras rezando. Sabemos que os discípulos lhe pediram para ensiná-los a rezar. Contudo, encontramos na Bíblia muito poucas lições a esse respeito: o que lá vemos é a oração que todos conhecemos bem, O Pai Nosso, e algumas outras menores.

No fim do seu Evangelho, João nos conta que, se escrevesse tudo o que Jesus ensinou, as palavras ocupariam todos os livros do mundo. Grande parte dos ensinamentos do Senhor chegou a nós pela tradição oral. Tenho certeza de que Jesus ensinou aos seus discípulos bem mais a respeito da oração: como acabamos de ver, ele passava noites inteiras rezando e certamente não era só repetindo o Pai Nosso.

Um pouco de história – Os primeiros autores que escreveram sobre esse tema – os padres gregos – já ensinavam outro tipo de oração. Há quem diga que eles provavelmente retornaram aos ensinamentos de Jesus e aos da tradição judaica, de onde extraíram esse modo de rezar. Os padres gregos chamavam esse tipo de prece de *Monologian* (monólogo), que significa “a oração de uma palavra”.

No século 4º, encontramos muitos homens e mulheres saindo em busca de mestres espirituais nos desertos, para aprender mais sobre a oração, sobre os caminhos de Deus. Entre esses buscadores havia um jovem que estudava em Roma, cujo nome era João Cassiano. Era realmente um buscador. Primeiro, ele foi para onde hoje estão a Síria e o Egito. Depois ficou algum tempo em um monastério em Belém. Passou sete anos procurando entre os padres e monges, na área onde hoje estão a Arábia e a Península do Sinai. Por fim, localizou-se no Egito, na região mais remota do deserto. Lá encontrou um homem cuja reputação era a de ser o mais puro, o mais velho e o mais sábio padre do deserto – o Abade Isaac.

Quando fez essa jornada, João tinha um companheiro cujo nome era Pequeno Herman. Juntos, foram ao Abade e disseram: “Padre, dê-nos uma palavra de oração”. Isaac fez uma linda e reconfortante prece naquela tarde, e os dois monges foram para suas celas sentindo-se mais completos. No dia seguinte, quando acordaram e se puseram novamente a caminho, o Pequeno Herman voltou-se para João e disse: “Foi lindo. Mas como poderemos nos sintonizar nesse tipo de

oração?” Como em resposta, os dois monges pegaram suas coisas, voltaram ao Abade e disseram: “Padre, ensine-nos essa maneira de rezar”. E Isaac lhes disse: “Ah! Vejo que vocês são verdadeiros buscadores. Vou ensinar-lhes o que aprendi, quando era jovem, com o mais puro, o mais velho e o mais sábio padre do deserto”.

Assim entramos nessa tradição oral e, como eu disse, voltamos ao primeiro século e ao Mestre. O Abade Isaac ensinou a João e a Herman esse modo de orar. Era o que João procurava. Feliz e satisfeito ele voltou para o oeste – para onde está hoje a França – e estabeleceu duas comunidades, uma para homens e outra para mulheres. Começou então a anotar tudo aquilo de que podia lembrar-se – tudo o que ele havia aprendido com os padres. Na segunda conferência do Abade Isaac, conforme o registro de João Cassiano, há referência a esse tipo de oração, transcrita pela primeira vez em latim.

No ano de 525, São Bento escreveu regras para os monastérios. Era um homem humilde e, no último capítulo de suas prescrições, disse: “Minhas regras são para iniciantes. Se você quiser o verdadeiro ensinamento, procure João Cassiano”. Por isso, os filhos e filhas de São Bento sempre foram à procura de Cassiano, para lá obter os ensinamentos da prece e da vida em oração.

No ano 800, Carlos Magno foi nomeado imperador de Roma. Escreveu uma orientação para a Europa Ocidental, na qual ordenou a todos os monges e freiras que seguissem as normas de São Bento. Essa prática se difundiu por toda a Europa daquele tempo. Nos mosteiros da Idade Média, havia com frequência 60, 70, 80, 90 monges, e 200, 300 ou 400 noviços. Estes saíam para trabalhar com o povo. Durante a lida cotidiana, ensinavam esse tipo de prece. Esse jeito simples de rezar era muito comum entre os povos cristãos, até o tempo da Reforma protestante e da Revolução Francesa, quando muitos monastérios caíram e todos os ensinamentos se perderam.

Meditar e compartilhar – O papa Paulo VI foi o verdadeiro arquiteto da reforma da Igreja Católica. Em 1971, ele chamou alguns monges ao Vaticano e expressou sua profunda apreciação pela vida contemplativa. E recordou o que havia sido dito no Concílio Vaticano II: nenhuma diocese será completa sem uma comunidade de contemplação. Mas disse também que sabia que isso não aconteceria até que a Igreja reencontrasse essa dimensão contemplativa. Perguntou então a

alguns de nós, monges, se seria possível sair e partilhar esse tipo de prece, essa parte de nossa tradição, com as pessoas. Foi um desafio para nós. Como poderíamos partilhar essa vivência tradicional de modo simples e prático, para que os cristãos pudessem incorporá-la facilmente às suas vidas?

Entre os primeiros escritos em língua inglesa, há um tratado muito interessante e popular chamado *A nuvem do não-saber*. Foi escrito por um mestre beneditino para um discípulo seu, um jovem de 24 anos. O monge ensinou ao jovem esse tipo de oração e, a pedido dele, escreveu esse tratado para ajudá-lo em sua prática. Hoje, usamos essa obra primitiva como base para transmitir a tradição. Tentarei formular a oração, o modo de rezar, em alguns pontos simples. Quero dividi-lo com vocês. Podemos rezar um pouco desse modo, e depois teremos tempo para perguntas e discussão. Conversaremos então sobre outros frutos da oração, como a transformação da consciência.

Primeiro, deixem-me dizer algo sobre a postura a adotar na oração ou meditação. Tenho vivido na China nos últimos oito anos. Também fiquei algum tempo na Índia e na Tailândia, ensinando a prece e, é claro, descobri que existem irmãos orientais. Para eles, a postura tem uma relação muito importante com o processo meditativo. No Ocidente, entretanto, nunca lhe dedicamos muito tempo. O autor de *A nuvem do não-saber* diz ao jovem para simplesmente sentar, relaxado e quieto. O Senhor nos disse: "Venham a mim os aflitos e eu os aliviarei". Ele era um bom judeu e, quando se referiu a "você", quis dizer "você inteiro": corpo, mente e espírito.

Para nós, a oração deveria ser um alívio não apenas para o espírito ou a mente, mas também para o corpo. E assim será, se conseguirmos uma maneira de deixar o corpo bem acomodado. Dessa forma, ele poderá relaxar mais profundamente e descansaremos no Senhor. Nossos irmãos orientais têm posturas maravilhosas: lótus, semilótus e outras. Para a maioria de nós, contudo, é tarde demais para adotá-las. Além de não termos começado mais cedo, nossos *jeans* irão apertar. Assim, para os ocidentais a melhor postura para rezar é sentar-se numa boa cadeira onde as costas fiquem bem apoiadas.

Quando meditamos, as costas bem apoiadas permitem que a energia flua livremente, para que possamos nos revitalizar. Em outras posições, é possível que nos sentemos relaxados, com os músculos soltos. Entretanto, nesses casos poderíamos estar pondo muita pressão sobre a coluna, aumentando assim

as tensões no resto do corpo. Por isso, é melhor que fiquemos sentados em uma boa cadeira, com as costas bem apoiadas e os pés no chão. Então fechemos os olhos suavemente. Isso é necessário, porque usamos mais de 25% de nossa energia psíquica para enxergar. Eis tudo o que eu tinha a dizer sobre postura.

Há pontos importantes em relação a essa meditação ou método de oração. O primeiro é: permaneça com fé e amor em Deus, que habita o centro do seu ser. A palavra em inglês é *be* (seja/esteja). Portanto, apenas esteja com Deus. Não se trata de uma oração de pensamento, sentimento, visão, imaginação, audição: trata-se de uma prece de *estar-com*. Nela, não entregamos a Deus nossos bons pensamentos e nossas boas idéias: damos-Lhe o nosso ser completo. *Estamos*, com fé e amor. A fé é aquele presente maravilhoso de Deus, por meio do qual sabemos que ele nos diz a Sua verdade. E Ele nos disse que virá e nos habitará. Sabemos que Deus habita em nós, no centro de nosso ser. Assim, em fé e amor voltamo-nos a Ele e nos entregamos por completo.

Essa é realmente a pura essência da oração: simplesmente estar com Deus em amor. Para estar quietamente com o Senhor, para que ele possa nos renovar, precisamos de alguma ajuda. Foi o que o Abade Isaac ensinou a João Cassiano. Usamos, então, uma pequena palavra de amor para estar com o Senhor. Mas que palavra é essa? Entre os irmãos bizantinos, ela é o nome de Jesus. Por isso, eles a chamam de “a oração de Jesus”. É a mais antiga e a mais pura forma de orar e corresponde exatamente à Oração Centrante.

João Cassiano a trouxe do Abade Isaac direto para o Ocidente, mas deu-lhe alguma flexibilidade. Assim, cada um poderia escolher sua própria palavra de amor. Disse o mestre que escreveu *A nuvem do não-saber*: “Escolha uma palavra, uma palavra simples”. Uma palavra como “Deus”, ou “amor”, é melhor. Mas escolha uma que signifique algo para você. E o significado, claro, é: “Eu apenas me entrego ao Senhor em amor”.

Dessa maneira nos pomos em oração, colocando o corpo confortavelmente e voltando-nos para Deus dentro de nós. Temos essa pequena palavra que, mansamente, nos permite ficar em paz com o Senhor. Mas acontece que de repente começamos a pensar em outras coisas: “Será que tranquei o carro?”. Pensamos no que temos de fazer amanhã, ouvimos alguém falar lá fora – muitos outros pensamentos afloram. Assim, sempre que algo diferente nos vier à consciência, devemos retornar suavemente ao Senhor com o auxílio de nossa

palavra de oração: suave e docilmente, apenas voltemos ao Senhor cada vez que nos percebermos dispersos.

Deus é muito bom para nós. Ele nos deu um computador magnífico para ligar a outros computadores. Mas há um defeito nessa máquina: ela não tem o botão de desligar. Por isso é que chegam constantemente aos nossos pensamentos memórias, idéias ou o que seja. Quando vamos meditar ou rezar, não podemos desligá-las. Precisamos simplesmente deixá-las de lado enquanto descansamos no centro de Deus.

É mais ou menos isso: suponha que você está sentado na sala assistindo a seu programa de TV favorito e ouve uma batida na porta. Vai atender e lá está um amigo. Os dois conversam. Seus ouvidos continuam a ouvir a televisão e você também pode vê-la com o canto dos olhos. Mas está por inteiro com seu amigo, apenas deixa de prestar atenção à TV.

Na oração ou meditação, orientamos nossa atenção para estar completamente com Deus. Se algo começar a produzir sons estranhos na TV, deixamos o nosso amigo e nos voltamos para ver o que está acontecendo. Na oração também: alguns pensamentos, idéias, memórias, chamam a nossa atenção e nos afastam desse estar com Deus. Assim que nos tornarmos conscientes disso, muito suavemente, muito amorosamente, com nossa pequena palavra, retornemos ao Senhor. Eis o modo de meditação e oração ensinado pelo Abade a João Cassiano.

Gostaria agora de sugerir que nos levantemos por um momento e nos movimentemos. Depois vamos nos sentar e meditar por alguns minutos. Quando oramos juntos, o líder geralmente começa com um pequeno ato de fé e amor. No fim da prece, ele reza o Pai Nosso. Mas qualquer um pode continuar em silêncio e em seu próprio tempo. Essa parte não vem do Abade Isaac, vem do Abade Basil. No fim da meditação sugiro que, em vez de terminar abruptamente, deixemos que nossa palavra de oração se vá – proponho que, muito suavemente, deixemos que o Pai Nosso brote dentro de nós. Deixemos, enfim, que a oração flua e que o Senhor nos ensine, por meio dela, o que quiser nos ensinar.

Vamos nos acomodar o mais confortavelmente possível nas cadeiras que temos. Relaxemos o melhor que pudermos, com as costas bem apoiadas, os pés no chão, os olhos fechados. Voltemo-nos para o Senhor, que está verdadeiramente presente e, com nossa pequena palavra de amor, apenas descansamos com Ele. Senhor, agradecemos pela sua maravilhosa presença conosco. Nesses minutos, apenas queremos estar

Contigo em amor. Glória a Ti em Cristo. [Segue-se um período de meditação]

Agora quero convidá-los a usar três ou quatro minutos para compartilhar com as pessoas próximas de cada um suas experiências na meditação. Para isso, formem pares. Quatro minutos. É espantoso o quanto as pessoas têm a dizer sobre uma oração silenciosa. [Passa-se o tempo proposto]

Gostaria de chamar a atenção sobre esse ponto. Agora mesmo, enquanto você estava partilhando com seu parceiro, podia ouvir as pessoas à sua volta conversando. Também podia vê-las. Mas queria estar com seu parceiro. Então só ouvia a ele e, automaticamente, deixava todas essas outras coisas de lado. Não precisou dizer: “Não quero ouvir isso, não quero ver aquilo”. O fato de querer estar com seu parceiro fez com que você, de modo automático, deixasse o resto de lado.

Na meditação ocorre o mesmo. Você não tenta parar de ter pensamentos ou idéias ou não ouvir nada: simplesmente deseja estar com Deus. Estando com Ele, abandona os outros pensamentos. Contudo, enquanto está ouvindo o seu parceiro pode ouvir alguém mencionar o seu nome. Volta-se de imediato e se pergunta: “O que estarão falando de mim agora?”. Dessa maneira, você tem que fazer um esforço para voltar a ouvir seu parceiro e deixar a outra conversa seguir. Também na meditação em oração, quando alguns pensamentos, memórias ou sentimentos o “pegarem”, o distraírem, assim que se tornar consciente deles use sua palavra de oração e, suavemente, retorne ao Senhor.

O significado da *Lectius* – Falemos um pouco de Maria. Eu poderia falar o dia todo sobre ela. A Oração Centrante, ou oração contemplativa, faz parte do conjunto da *Lectius Divina*, prática que começa com a leitura do texto sagrado. Na verdade, São Bento nunca fala da Oração Contemplativa, ou contemplação, quando se refere ao tempo necessário para a *Lectius* – e ele dedica muito tempo a isso. Quando o faz, usa tudo que poderíamos chamar de processo de *Lectius: Meditactius* (meditação), *Oractius* (oração), *Contemplactius* (contemplação). *Lectius* se traduz literalmente por “leitura”. Mas não precisamos fazer isso, porque hoje nossa noção de leitura corresponde a algo que vemos numa página e que produz alguma idéia em nossa mente.

Entretanto, não era esse o significado do termo “leitura” antes dos primeiros 1000 anos da era cristã. E assim aquele autor

escreveu para o vislumbre dos outros, porque na época a maioria das pessoas não era capaz de ler livros. Ele recebeu a palavra e aprendeu com ela a formar nossa mente e nosso coração. E aqui Maria foi um bom exemplo para todos nós. São Lucas nos conta das muitas vezes que ela cuidou de todas essas coisas em seu coração. Em vez de tomar uma idéia e tentar amoldá-la ao nosso modo de pensar, trazê-la para o “nosso tamanho”, a *Lectius* e o modo de Maria abrem-na: deixam vir a palavra de Deus, deixam-na expandir nossas mentes e formar nossos corações.

Nossa Oração Centrante precisa estar no contexto dessa abertura para a atividade divina, receber a palavra num nível conceitual, abrir-nos para a fé e capacitar-nos a responder em contemplação. Gostaria muito de continuar falando de Maria, mas o tempo é curto. Apenas queria dizer, concluindo, que suas últimas palavras para nós, nas Escrituras, foram: “Faça tudo o que Jesus lhe disser”.

Viajando por outros domínios – No último ano, quase todas as semanas tenho recebido convites para conferências nacionais e internacionais, com o objetivo de discutir a meditação nas áreas da medicina e da psicologia. Como se sabe, somos atingidos pelas tensões o tempo inteiro. Se não as descarregarmos, se não as expirarmos, iremos construí-las dentro de nós. Isso nos causará problemas físicos e mentais. Aliviamos parte das tensões no sono. Podemos também atenuá-las com a prática de exercícios. No entanto, todos os que estudam o assunto concordam que o melhor meio de ficar livre delas é a meditação. Jesus disse: “Venha a mim e eu o reconfortarei”. Gosto dessa palavra “reconfortar”. É como um dia de primavera, cheio da energia da vida.

Mas há outros temas a abordar em relação ao nosso assunto principal. O diálogo ecumênico, por exemplo. Por meio de minha experiência e da de muitos outros, concluí que o melhor meio de estar junto com outros cristãos e outras religiões do mundo é sentarmos reunidos em silêncio. É extraordinário perceber como um profundo entendimento acontece rapidamente entre pessoas de diferentes tradições. O Dalai Lama me disse que ninguém que ele conheceu, no Ocidente, o entendeu tão bem como Thomas Merton. E Merton não era academicamente profundo no budismo e em sua teoria. No entanto, encontrou-se com o Dalai Lama e, partindo do fundo de sua tradição, foi capaz de encontrar o budista na profundidade da tradição dele.

Sinto que nós, da comunidade cristã, ainda não fizemos nossa parte no diálogo inter-religioso. Muitos cristãos têm procurado os indianos e budistas, mas trata-se de um caminho de mão única, não de um verdadeiro diálogo. A morte do grande patriarca do budismo na Tailândia foi um grande acontecimento, porque ele era o verdadeiro líder espiritual de todo o povo tailandês. Na época, o papa João Paulo II enviou um cardeal para expressar as condolências da Santa Sé e visitar os principais monastérios budistas da Tailândia.

Fui chamado para acompanhar esse cardeal, que costumava dizer que os budistas tentavam ensinar-lhe seus modos e costumes, enquanto que ele nunca tivera nada para ensinar-lhes. Acabei partilhando a Oração Centrante com todos os principais monastérios budistas na Tailândia. Em todos eles, perguntaram-me se eu poderia permanecer lá por um ano, ou no mínimo por um mês. Naquela parte do Oriente, existe uma grande necessidade de contato com a riqueza espiritual que eles sabem que há no Ocidente, e que produziu santos como São Francisco de Assis, Madre Teresa de Calcutá e outros.

No ano passado, em julho, tivemos um encontro de quatro dias em Getsêmani. Convidamos o Dalai Lama para vir e pedimos a ele para trazer 25 líderes e mestres espirituais budistas de todas as partes do mundo. Quanto a nós, levamos 25 mestres cristãos para dialogar. Foi um compartilhamento muito rico. Ao fim daquele período, uma das coisas que me surpreendeu foi o modo como os budistas relataram o encontro. Em suas narrativas, a coisa a que deram mais atenção foi a *Lectius*. Referiram-se a ela como algo que os havia aberto para toda uma nova maneira de chegar ao entendimento do Divino.

Costumam perguntar-me sobre as semelhanças entre a meditação transcendental e a cristã. As pessoas querem saber se elas são idênticas, ou se devem mudar de abordagem, esquecer os *mantras* e passar a usar a palavra de amor. Tive oportunidade de conversar com Maharishi, professor de meditação transcendental, e membros de seu movimento. Maharishi tem uma universidade nacional. Em meu livro, *Deus ao alcance das mãos*, já publicado em português, há dois capítulos referentes à meditação transcendental. Em um deles, tento mostrar as diferenças entre ela e a Oração Centrante.

Existem semelhanças, é claro. Em todas as tradições, há dois caminhos básicos de meditação: a de muito esforço e a de pouco esforço. Na primeira, trabalhamos para quebrar a linearidade da consciência. Vejamos um exemplo. Na escola

Rinzai Zen, o indivíduo se senta durante horas em um pequeno banco e trabalha com seu *mantra*, com o seu *koan*, até atingir a experiência transcendental. Em muitos dos modernos métodos cristãos de meditação, tomamos uma palavra do Evangelho e trabalhamos com ela, pensamos a seu respeito e tudo o mais. Enfim, tentamos usá-la para quebrar barreiras e transcender.

Por outro lado, há a Soto Zen, em que o indivíduo apenas se senta e simplesmente deixa as coisas acontecerem. A meditação transcendental é um método de menor esforço. Usa-se um simples *mantra* sonoro, relaxa-se e assim nasce um novo estado de consciência. A Oração Centrante é também um método sem esforço: apenas nos sentamos, ficamos em Deus e usamos uma pequena palavra de amor para descansar mansamente com Ele.

Contudo, os dois métodos meditativos são na verdade diferentes. Na meditação transcendental, o *mantra* é um som sem significado: sua constante repetição leva a pessoa a um estado alterado de consciência. Na Oração Centrante escolhemos uma palavra significativa, e esta expressa a intenção de estar realmente em amor com Deus, de ser completamente “um” com Ele.

Disse Santo Tomás de Aquino: “Quando a mente pára, o coração prossegue”. Na meditação transcendental não há conceito ou idéia de relação interpessoal. Na Oração Centrante estamos respondendo, por isso a *Lectius* vem antes. Deus fala conosco primeiro. Trata-se de um ato de fé. Estamos respondendo a uma pessoa que sabemos que amamos ou que sabemos que nos ama, que se relaciona conosco. Existem outros pequenos detalhes que eu poderia citar, mas não creio serem úteis agora. O que costumo dizer é que as pessoas podem usar a meditação transcendental como um caminho cristão. É assim que fazem os indianos: quando eles se sentam para meditar, visam abrir-se para a atividade divina em suas vidas.

A consciência transformada – Falemos agora da transformação da consciência. A expressão “Oração Centrante” é inspirada em Thomas Merton. É um nome novo para uma antiga e tradicional forma de oração que tem sido chamada de outras formas, em especial e mais comumente, Oração do Coração ou Oração no Coração.

Nos EUA as pessoas são muito pragmáticas. Quando se fala em coração, elas logo pensam no órgão cardíaco, onde se gera

a pressão sangüínea. Querem saber como as coisas funcionam, e assim por diante. Entretanto, nas Escrituras, nos Salmos, quando se fala de coração, não se trata desse órgão. O sentido é o de lugar mais profundo, ao qual Deus nos conduz em seu imenso amor. Foi por isso que Merton começou a falar sobre centro ou raiz do Ser. A primeira vez em que compartilhei essa oração fora do monastério – e a seguir em inúmeras outras vezes –, usei citações de Merton, como esta: “A maneira mais fácil de dirigir-se a Deus é ir para o nosso próprio centro e passar, por meio dele, para o centro do divino”.

Por causa dessa citação, um dos participantes começou a chamar esse processo de Oração Centrante. O nome pegou e logo foi usado em todos os lugares. Esse era o modo como Thomas Merton sempre rezou. Ele nunca usou os métodos orientais. Essa era a sua maneira de rezar. Quando falava dos frutos da oração, uma das coisas de que ele mais gostava de mencionar era a transformação da consciência.

Consciência é o modo como nos colocamos em relação às coisas, ou como permitimos que elas cheguem até nós. É uma maneira de “ouvir” o que somos. A formação da nossa consciência começa no útero materno. Em nossas primeiras experiências pessoais, é como se fôssemos um pequeno “pacote” de necessidades básicas. Precisamos de muitas coisas e gritamos e choramos para consegui-las.

À medida que nossa consciência se expande, começamos a prestar muito mais atenção às pessoas que nos proporcionam as coisas, e assim nos relacionamos profundamente com elas, de quem dependemos. Por esse meio, tornamo-nos conscientes do que fazemos – de nossas ações. Aqui há algo ao qual principalmente os jovens pais deveriam estar atentos: o amor dos pais é a coisa mais parecida com o amor de Deus que existe na Criação. Com Deus, os pais trazem as crianças ao mundo. Apenas derramam amor sobre elas, que não precisam fazer nada para ganhar ou merecer esse amor. Recentemente, um casal de sobrinhos teve o seu primeiro filho, uma garotinha. É maravilhoso ver um homem grande e maduro segurando o seu pequeno “pacote” e ver todo esse amor se derramando.

Se os pais derramassem sempre esse amor, seriam as pessoas mais lindas do mundo. Mas o que acontece, infelizmente, é que eles, conscientes de sua responsabilidade de educar e formar a criança, começam a enviar-lhe certas mensagens. Falam como se dissessem: “Assim, mamãe não vai mais amar você. Você deveria se comportar, guardar seus brinquedos, ir bem na

escola e outras coisas. O papai não vai mais amá-lo, se você não for bem na escola, nos esportes etc.". Dessa maneira, a mensagem que a criança recebe informa-lhe que os pais não a amam por si mesma, mas porque ela age de determinados modos, faz certas coisas.

Essa mensagem é reforçada pelas experiências que a criança tem com seus companheiros, colegas de brincadeiras, de escola. Os bons parceiros são aqueles que têm coisas, antes de tudo: piscina, jogos de TV, bola e assim por diante. Assim, o mais popular é aquele que faz mais coisas: o bom jogador de futebol, de tênis, o bom dançarino etc. Desse modo, todos os retornos que obtemos nos levam a crer que nosso valor está no que fazemos, no que temos, no que os outros pensam de nós. Essa é a espécie de conceito que começamos a formar sobre nós mesmos. Não esqueçamos que Jesus disse que devemos deixar morrer esse falso eu para conhecer nosso eu verdadeiro.

Os homens se apegam principalmente ao que fazem. Quando uma pessoa se apresenta, quase sempre informa o que faz: "Eu sou Joe Green, professor no Seminário". É por isso que muitas vezes a aposentadoria é difícil para os homens: durante 40 anos tenho sido Joe Green, professor do colégio, e agora subitamente eu sou *só* Joe Green. Quanto às mulheres, elas costumavam cuidar da casa, tinham filhos, e por isso não eram tão ligadas ao que eram, mas muito mais ao que tinham: roupas, jóias e até seus corpos. É claro que os tempos mudaram, e hoje Mary Green é presidente da Universidade enquanto Joe Green está usando brincos. Essa preocupação também existe na religião. Para muitas pessoas, Deus é algum personagem que vive em algum lugar, e nós fazemos certas coisas para obter as bênçãos eternas: é tudo uma troca.

Todos nós vivemos, em alguma medida, nesse domínio do falso eu. Todas as vezes em que se sentir triste, pergunte a si mesmo qual das três coisas está acontecendo: a) não posso fazer o que quero; b) não tenho o que quero; c) estou preocupado com o que pensam a meu respeito. Com que frequência deixamos de fazer o que realmente queremos por causa do que os outros irão pensar? Este não é um lugar muito feliz para se viver. Estamos cientes da possibilidade de perder o que temos ou o que fazemos. Estamos sempre em perigo ou sentimos sempre um certo medo. Lá no fundo, persiste o sentimento de que ainda somos aquele pequeno "pacote" de necessidades básicas. E então deixamos de lado essa grande fachada de

fazer tudo, de possuir tudo, e mantemos todos afastados de nossa vida. Este é um lugar muito solitário para se viver.

O Senhor nos disse que devemos morrer para esse falso eu. E é o que realmente fazemos, na Oração Centrante. O que fazemos? Nada: apenas sentamos com Deus. O que as pessoas pensam de nós? A maioria pensa que somos loucos. E o que temos? Não temos nada: abandonamos inclusive os nossos pensamentos. Na Europa ocidental, a filosofia mais influente nos tempos modernos tem sido a de Descartes. Sua proposição fundamental é: "Penso, logo existo". Eis o limite do falso eu. É claro que a realidade é outra: eu sou, logo penso – danço, canto, brinco, rezo.

Na Oração Centrante abandonamos até o que pensamos. Abandonamos tudo. Morremos para esse falso eu. A experiência de nós mesmos como um "pacote" de necessidades básicas é o que tradicionalmente chamamos de pecado original. Mas na realidade Deus está no nosso coração, no centro do nosso ser e, em todos os momentos, nos transfere o melhor de Seu amor. Lembremos uma passagem do Evangelho, em que um jovem rico corre para Nosso Senhor e diz: "Bom Mestre, o que eu devo fazer para ter a vida eterna?" E Jesus, como bom professor e bom rabino, não dá uma resposta. Retruca com outra pergunta: "Por que você me chama de bom? Bom é Deus". Ele pensou que o rapaz fosse dar mais um passo e dizer: "Você é Deus!" Mas o jovem rapaz não estava pronto para aquilo. Entretanto, Jesus fez uma afirmação fundamental e antológica: "Um é bom: Deus".

Não sei se no Brasil vocês foram treinados com um pequeno catecismo, como nós nos EUA. Era uma coisa terrível. Uma das perguntas era: "Como Deus me fez?" Eis a resposta: "Deus me fez do nada". Não é uma coisa terrível para se dizer a uma criança? Se somos feitos de nada, o que valemos? Deus não nos fez do nada. Também não nos fez de alguma coisa. Mas Ele sempre nos põe diante de Seu puro amor, partilha conosco alguma coisa de Seu maravilhoso ser, Sua benevolência e beleza. Essa é a realidade: Deus está sempre em nosso centro, trazendo-nos para a maravilhosa realidade da Sua imagem.

Quando nos ligamos a essa circunstância, certamente não nos preocupamos com o que os outros pensam: se vocês não gostam de mim estão "por fora", porque Deus gosta. É com isso que tomamos contato na Oração Centrante: não apenas morremos para essas coisas, mas abrimo-nos para tornar real a experiência de Deus em nós, e assim nos encontrarmos

repletos da beleza divina. Na verdade, Deus não está lá para nos deixar ver a nós mesmos fora dele, porque somos a Sua imagem. E quando de fato nos encontramos em Deus, e descobrimos que Ele é esse caminho de amor em nós, então ficamos sabendo que podemos fazer tudo o que queremos e ter o que quisermos, porque Ele disse: “Peça e receberá”.

Essa é a transformação da consciência: começo a ver tudo de uma forma completamente diferente. Não mais tento me formar fazendo muitas coisas: trabalho, trabalho, trabalho. Não mais quero tornar-me indispensável. Não mais tento me aprimorar adquirindo coisas. Sei que sou esse lindo presente de Deus. É um sentimento de tremenda liberdade e alegria. Essa transformação, obviamente, não acontece na primeira vez que você se centra e talvez nem na quinquagésima. Contudo, pouco a pouco ela acontece. E então chega para você esta tremenda alegria: paz, liberdade e amor – todos os presentes ou frutos do espírito que são possíveis em sua vida.

Tenho praticado a Oração Centrante por muitas décadas, e a tenho partilhado com centenas de milhares de pessoas por todo o mundo. Ainda assim, continua a me surpreender que esse simples ato de sentar por vinte minutos, duas vezes por dia, ficando apenas com Deus, pode nos transformar de uma forma tão completa. Quando eu era um jovem monge, comecei a ler um dos maravilhosos escritos espirituais de São Bernardo, que dizia: aqueles que experimentaram, sabiam do que ele estava falando. Os que não tiveram a experiência deveriam experimentar – e então ficariam sabendo. Há coisas que só podem ser conhecidas pela experiência. Eu costumava me irritar com São Bernardo, mas um dia o compreendi. Lembrome de que quando estava na escola me apaixonei por uma garota. Fui para casa e falei para o meu irmão a respeito dela. Ele não conseguia ver o que eu via. Certas coisas você só consegue ver com a intuição do amor. E Deus é amor, e a única maneira de vê-Lo é amando.

Esse é um dos frutos da Oração Centrante: essa transformação da consciência por meio da qual chegamos verdadeiramente a descobrir o quanto Deus nos ama, o quanto ele está conosco, e saber como somos magníficos e o quanto somos amados, e que dádiva somos para todos os outros. A experiência inicial que temos é como se Deus estivesse ausente de nós. É uma coisa terrível, porque apenas Ele pode nos preencher. Mas é pelo fato de existir o pecado original que se dá a mudança. Essa é uma culpa feliz, porque nos trouxe a salvação.

Basil Pennington – D. Basil veio ao Brasil por iniciativa da Sociedade Amigos de Thomas Merton. Trabalhou com Merton em 1968. Seu mosteiro é o de São José, no estado de Massachusetts. Trata-se de um mosteiro trapista, cisterciense, que foi encarregado, pelo episcopado americano, na década de 60, de começar o trabalho de diálogo religioso.

A partir daí, o padre Basil começou suas viagens pelo mundo. Esteve na Índia, de onde trouxe para os EUA mestres de oração e ioga, para contatos e aprendizagem.

Em 1971, o papa Paulo VI pediu-lhe que se dedicasse a ensinar a meditação. Desde então ele tem viajado, principalmente pelos países de língua inglesa. Com um grupo de outros monges, entre os quais Thomas Keating, chegou a uma síntese atual de toda a tradição orante da Igreja, que na tradição ortodoxa se conhece como a *Resychia*, a oração do coração.

Essa nova síntese – que foi o tema da palestra – recebeu o nome de Oração Centrante. O padre Basil reside há oito anos em um mosteiro em Hong Kong, a pedido da sua congregação, com monges que se refugiaram da China. Expressou recentemente aos seus superiores o desejo de voltar para o seu mosteiro de origem.

THOM

NOTA DA REDAÇÃO

Esta matéria corresponde à edição de uma palestra dada pelo autor no auditório do Hospital Santa Catarina, em São Paulo, a 22 de agosto de 1998, organizada pela Associação Palas Athena.

**JONATHAN
YOUNG**

é Ph.D. psicólogo,
associado
ao Pacifica
Graduate Institute,
onde se
localizam os
arquivos de
Joseph Campbell.

O RETORNO DO MITO

*Guerra nas Estrelas,
Episódio Um:
A ameaça fantasmagórica*



Velho Monge em Drepung, Dr. Dawa.

A história começa em um planeta árido e distante dos centros de poder, no momento em que está acontecendo uma grande competição. Um menino talentoso – Anakin Skywalker – dirige um carro de corrida. Em todo o enredo, é o único ser humano que conseguiu dominar a complexa arte de voar nessas máquinas velozes. Mesmo não gostando de competir, esse é o seu destino. Ele e sua mãe são escravos de Watto, um cruel comerciante de sucata que lida com peças de naves espaciais.

Assim começa a maior das aventuras de *Guerra nas estrelas*. O quarto filme da mais popular série da história é o grande evento do cinema deste ano. Como todos sabem, o primeiro episódio – *A Ameaça fantasmagórica* – acontece trinta anos antes dos filmes originais da série. É amplamente conhecido o fato de que o diretor George Lucas se baseou, em grande parte, nos escritos do mitólogo Joseph Campbell. Por isso, a saga intergaláctica inclui jornadas míticas de iniciação.

Como outros aficionados, comecei a esperar com ansiedade mais uma visita ao incrível universo das aventuras da série. Como escritor de temas arquetípicos, fui recentemente convidado para dar uma palestra na universidade de Harvard sobre os elementos míticos da obra. Não é difícil perceber que os episódios são histórias de sabedoria: lá estão presentes alguns dos conhecimentos mais importantes para o significado da experiência humana. A imaginação mítica é, no fundo, um padrão que pode ser infinitamente retrabalhado. Se olharmos os filmes por meio de uma lente simbólica, perceberemos neles inúmeras lições de vida.

Por ter tido o privilégio de assistir de antemão ao filme, tive algum tempo para pensar sobre seus aspectos psicológicos. Mesmo no início, surgem questões universais. Qual é, a longo prazo, o efeito da escravidão, seja ela literal ou figurativa? Quais são, na mesma perspectiva de tempo, as consequências dela sobre o nosso caráter e escolhas?

Entre os personagens-chave da obra está o jovem Anakin Skywalker que, como sabemos, irá tornar-se Darth Vader, o pai de Luke Skywalker. O mestre de Jedi, Qui-Gon Jinn, estrelado por Liam Neeson, é a presença central. Seu jovem aprendiz é Obi-Won Kenobi, que ainda não se tornou um completo cavaleiro de Jedi. A rainha Amidala é a governante adolescente de um planeta sob ataque da *Trade Confederation* (Confederação do Comércio). Um dos aspectos agradáveis do primeiro episódio é o papel importante desempenhado por fortes figuras femininas.

Força e conhecimento – Como nos outros filmes da série, a força é um elemento crucial da aventura. Em uma recente edição da revista *Time*, Bill Moyers e George Lucas discutem minhas idéias sobre o seu significado. Além da honra de ser mencionado na conversa, lembrei-me do fato de que é a idéia da força que faz com que os filmes de *Guerra nas estrelas* sejam mais que uma ficção científica bem realizada. Essa energia misteriosa é a chave da mágica transcendência dessas histórias.

Os Jedi descrevem a força como um campo de energia que sustenta todos os seres vivos. Podemos senti-la como intuição, ou algo espiritual. É alguma coisa que vai além das habilidades ou da sabedoria humana. Se digo que confio em minha voz interior, ou se uso uma linguagem mais tradicional – como a confiança no Espírito Santo –, de alguma maneira estou ouvindo algo que ultrapassa as minhas próprias estimativas. Estou tentando sintonizar-me com um campo mais amplo de energia e conhecimento. Quando um dos Jedi aconselha o herói a confiar na força, está dizendo que não devemos pôr toda a nossa confiança naquilo que podemos conhecer com certeza. Existem mistérios e poderes que são maiores que nosso conhecimento e percepção.

Os Jedi representam tanto os sacerdotes da força quanto os nobres cavaleiros daquela época. Formaram-se em tempos ainda mais remotos, como um grupo de estudos teológico e filosófico. Só depois de uma longa reflexão sobre a força é que aceitaram a idéia da importância de lutar por princípios e causas nobres.

Quando nos sintonizamos com valores e energias que vão além de nossas preocupações práticas imediatas, os efeitos sobre nossas vidas podem ser imensos. Ouvir as vozes que nascem das profundezas interiores pode mudar tudo. Atividades silenciosas, como poesia e meditação, podem gerar ações corajosas, se você identificou um chamado ou conscientizou-se das necessidades alheias. Você pode pensar que ensinar não é muito importante, até que vê a face de uma criança entusiasmada com a aprendizagem de algo maravilhoso. Se nos deixarmos levar pela emoção e pelos valores mais profundos, poderemos ser conduzidos a lugares surpreendentes.

Na *Ameaça fantasmagórica* a ameaça de guerra nasceu de questões econômicas. Essa parece ser a eterna motivação dos conflitos humanos. Na era atual, a possibilidade de guerras por questões econômicas está sempre presente nas considerações dos exércitos. Os Estados Unidos parecem particularmente interessados em mobilizar-se nas regiões que contêm grandes reservas de petróleo. Ao longo da história, questões comerciais com grandes implicações financeiras têm degenerado em conflitos mortais.

O início da jornada – O herói ou heroína da aventura iniciatória é uma pessoa comum. A história começa como uma situação mundana: um garoto tenta ganhar uma competição.

Começar um enredo com circunstâncias conhecidas permite que a platéia imagine que coisas extraordinárias podem acontecer em vidas ordinárias. Em geral, é a tragédia que põe a história maior em movimento. Eis a invocação, o chamado para a jornada. Na *Ameaça fantasmagórica*, esse momento é representado pela ameaça ao planeta da rainha.

O acontecimento que desencadeia o movimento de uma jornada mítica é similar ao que pode acontecer a qualquer um de nós. É algo que nos puxa para o interior da batalha, do compromisso com algo maior. Em nossas histórias de vida, pode ser a morte de um dos pais, um divórcio, uma doença devastadora ou um desastre financeiro. Ou entramos em colapso e desistimos da vida, ou podemos crescer com a oportunidade.

No momento mítico, as questões individuais são indistinguíveis dos problemas mais amplos. Os Jedi se envolvem como embaixadores. Durante o curso da história, Qui-Gon descobre o talentoso menino Abakin. Este encontra a rainha Amidala e descobre que não é o único a enfrentar desafios, pois a sociedade inteira está em apuros – existem problemas maiores que os seus próprios. Suas circunstâncias pessoais e as causas mais amplas se entrelaçam, à medida que ele se dirige para o centro da aventura. Sua conexão com os mestres Qui-Gon Jinn e Obi-Wan Kenobi representa o contato com o eu superior, ou mestre interior. O herói encontra esses aliados-chave sempre em um limiar. É o momento do salto, a partir do qual não há retorno.

O herói pode entrar na aventura com muitas motivações. Entre elas, tentar resolver alguma dificuldade de família. Anakin e sua mãe são escravos. Elementos universais de liberdade e dignidade pessoal estão aqui representados. Pode-se entender a questão familiar em termos de um drama pessoal, ou vê-la de forma simbólica. A imagem da família pode representar o modo como nossas vidas se entrelaçam com outras, em todo tipo de situação. Nos sonhos, os dramas familiares podem revelar como vários aspectos de nossa vida interior se interligam. Idéias de família podem estar relacionadas, em termos de como o passado ainda nos influencia. Freud mostrou como a vida das pessoas que vieram antes de nós pode influenciar a maneira como reagimos emocionalmente aos outros na vida presente.

O viajante pode estar procurando experiências transcendentais. Em geral, o iniciado também está buscando algum aspecto desconhecido de si mesmo. Há uma ferida que precisa ser

curada. Anakin Skywalker move-se em direção a vários objetivos ao mesmo tempo. Em algum momento, aparecem aliados. Entre eles está Qui-Gon, que tem uma extraordinária experiência de vida: é um guia com as habilidades, os conhecimentos secretos e a sabedoria necessários ao sucesso da jornada.

Em *Ameaça fantasmagórica* há um grande esforço de equipe. Um guerreiro solitário jamais poderia chegar à solução. A jornada iniciatória nunca é uma busca individual: é sempre um esforço coletivo – o oposto de algumas fantasias imaturas de glória pessoal. Parte da lição consiste em lembrar que não estamos sós. Não será uma habilidade ou força pessoal em si mesma que resolverá a situação. São guias, aliados e animais que, a cada momento, proporcionam ajuda. Até mesmo o cômico Jar Jar Binks faz uma contribuição crucial. O buscador descobre que ninguém pode fazer a jornada sozinho. Outros lhe dão apoio, ao longo do caminho de ida e de volta. Parte da mensagem dessas histórias procura revelar nossa arrogância.

A história mostra também como o chamado para servir nem sempre é bem recebido. Na equipe, nem todos aderem à aventura. O herói relutante faz parte de um tema antigo. Alguma parte de nós não se encanta com a possibilidade de encarar o perigo. O problema não é a presença do medo, mas o modo como lidamos com ele. A negação do medo é a pior estratégia, pois faz com que ele se esconda de nossa atenção e, em consequência, seja projetado nos outros.

Os mentores podem assumir várias formas: um velho professor, uma sábia feiticeira ou um velho e misterioso mágico como a estranha criatura chamada Yoda. O sábio dá ao herói algo necessário para a jornada. Na *Ameaça fantasmagórica*, encontramos o conselho dos mestres de Jedi. A alta irmandade dos guardiães da sabedoria é parte de um antigo motivo mitológico. Eles podem desempenhar papéis em relação à possibilidade da iniciação nos mistérios.

A noite escura da alma – Ganhar poder é um processo desafiador, que põe à prova o caráter das pessoas. A impetuosidade da juventude precisa ser temperada. Os paralelos com a vida cotidiana podem surgir em forma de circunstâncias tão prosaicas como a aprovação de um examinador de trânsito para obtermos a carteira de motorista. Ou podem estar relacionados ao término de um árduo treinamento para entrar na Marinha. Podem também ser tão amplos quanto formar-se em ministro religioso, professor ou profissional licenciado. Pode,

ainda, ter relação com ocupar um alto cargo. Se a posição é na vida pública, a iniciação pode até mesmo implicar uma cerimônia de posse.

Nessa história, Anakin Skywalker é confrontado com um desafio gigantesco. As provas sempre existem, e nossos recursos são em geral limitados. Por exemplo, no modelo da aventura heróica nem todos os aliados chegam a ser leais: há traições e desapontamentos. Às vezes, alguns aliados morrem logo no começo. A jornada é uma longa viagem, na qual os buscadores têm de aprender muitas lições antes de atingir seus objetivos.

A rainha Amidala e os cavaleiros de Jedi são elementos aristocráticos centrais, em uma narrativa com muitos personagens ilustres. A fascinação do reino dos nobres e princesas é um elemento central na ficção científica e na fantasia. Mas isso não significa necessariamente que a platéia queira viver sob o domínio de um rei ou rainha: o simbolismo pode ser mais profundo. Pode estar ligado ao significado mais amplo de todos esses papéis. Os títulos incluem a devoção a causas maiores – vidas com significação e dedicação ao servir. A explicação psicológica pode estar relacionada à ânsia por nossa nobreza interior. As qualidades de caráter e propósito associados com tais posições podem representar o que está faltando em uma era como a nossa, igualitária e profundamente pragmática. Buscar nossas qualidades verdadeiramente nobres é um esforço meritório.

Em algum momento de nossa jornada, todos chegamos ao fundo do poço, à “noite escura da alma”, quando tudo parece perdido. O processo pode durar anos – é a crise de fé na vida do buscador. É como um batismo de inferno. Se sobrevivermos a essa última prova, provavelmente seremos capazes de encarar qualquer coisa que o destino ponha em nosso caminho. Ter visto o pior pode nos proporcionar profundidade de caráter, o que muitas vezes inclui derrotas pessoais ou perdas dolorosas. É fácil desejar que as coisas horríveis não houvessem ocorrido, mas isso seria perder o ensinamento. Eis a parte mais importante da jornada.

Numa história tão bem contada como essa, podemos perceber o quão importante é fazer alianças. Podemos também ver personagens ficcionais como personalidades dentro de nós mesmos. Todos temos várias delas, e esses aspectos precisam aprender a conviver entre si, se é que queremos chegar a algum lugar. São interesses que colidem uns com os outros e nos empurram e puxam em diferentes direções. Ser corajoso,

medroso ou amoroso – todas essas são características da psicologia de um determinado indivíduo. A história mostra como chegar à efetiva integração da vida interior. Tarefas como aprender a relacionar-se bem com os outros e desenvolver um mundo interior equilibrado são faces da mesma moeda.

Em geral, as aventuras de iniciação incluem um grande confronto de bem e mal. A tarefa é maior do que nós mesmos. Os medos superam o que até então havíamos experimentado. Descobrimos, assim, que é possível sobreviver a provas que antes julgávamos insuperáveis. Se lembrarmos as lições aprendidas até esse momento da viagem, descobriremos como lidar com nossos aliados. Aprenderemos como dominar os vários elementos conflitantes dentro de nós mesmos. E, mais importante, saberemos que podemos confiar na força. Descobriremos como estar no fluxo das sabedorias que nos ultrapassam.

Indivíduo e Universo – Em algum momento, as ações do indivíduo precisam sincronizar-se com as forças universais. Essa mudança diminui a solidão básica da vida. Você se percebe envolvido num propósito maior: está destinado a ocupar um determinado lugar e a preencher um papel específico; está sendo você mesmo pela primeira vez, de forma verdadeira e completa; está em contato com energias até então desconhecidas.

Joseph Campbell descreveu o que acontece quando seguimos nossa bem-aventurança, quando aceitamos o nosso chamado: portas irão se abrir, onde nem mesmo sabíamos que elas existiam; virá ajuda, quando nem mesmo imaginávamos que iríamos precisar dela; coisas que não seriam possíveis para ninguém mais – ou que seriam impossíveis para nós no passado – tornam-se factíveis.

As histórias de *Guerra nas estrelas* acontecem no futuro e em planetas fictícios, o que nos torna capazes de ir além do naturalismo de grande parte dos outros filmes. Joseph Campbell via o naturalismo como a morte da arte. Quando as histórias e personagens são demasiadamente realistas, fica mais difícil perceber as metáforas e transmitir as mensagens mais profundas. Quando as peripécias ocorrem no espaço exterior, a platéia sabe que está diante de uma obra da imaginação. Essa é a principal razão que conferiu à série um grau inusitado de sabedoria para filmes de Hollywood.

Campbell acreditava que o diretor George Lucas havia entendido com clareza os seus livros, e por isso foi capaz de exprimir as metáforas básicas em termos atuais. A questão

moderna e central é se nos deixaremos controlar pelas máquinas. A noção campbelliana de máquina inclui o Estado corporativo, cujo poder é tanto maior quanto mais nos deixamos maquinizar. Essa é a grande tentação à qual é tão difícil resistir. Se queremos permanecer totalmente humanos, não podemos despendar todas as nossas energias como partes de um grande maquinismo. A alternativa é escutar nossa pequena e sutil voz interior.

Nossas escolhas e valores mais profundos devem vir de dentro. A partir daí tudo finalmente muda, e precisamos encontrar um lugar no mundo. As histórias míticas revelam como é possível encontrar nosso próprio chão como indivíduos, e também como voltar da experiência de separação para poder contribuir. Se elas apenas mostrassem modos de rebelião contra as convenções, seríamos relegados à condição de ermitões ou almas perdidas. O maior desafio é o de nos religarmos à comunidade, mas a partir de um referencial próprio.

Na *Ameaça fantasmagórica*, estamos conscientes de que o menino Anakin Skywalker irá algum dia tornar-se o maléfico Darth Vader. Essa circunstância traz à tona outro tema universal, no qual o buscador tem que confrontar o seu lado obscuro. Em alguma parte do herói está o vilão. O iniciado luta com algum aspecto da herança familiar dentro de si mesmo, o que revela os limites do pensamento dualista. Aprendemos a imaginar que o herói é bom e o outro é mau, mas a resolução exige que os lados do conflito interior se juntem.

A trilha da integração – Alguns notaram que os episódios de *Guerra nas estrelas* são similares entre si. Entretanto, George Lucas não está sempre fazendo o mesmo filme: tem consciência de que precisamos passar por vários ciclos de iniciação para ter direito a muitas lições. A cada ciclo, o iniciado é capaz de alcançar algo novo, que antes parecia impossível. Cada esforço é bem sucedido, pois está a serviço de um chamado. Quando somos motivados por causas maiores, coisas incríveis podem acontecer.

Assim, o buscador volta de cada lição com uma nova e significativa integração psicológica. Para alcançar os muitos estágios necessários à assunção de nossas capacidades, vários elementos são importantes. Precisamos ganhar acesso aos atributos dos dois gêneros, encontrar uma maneira de estar alinhados com as forças da natureza e desenvolver conexões com os melhores aliados. Os companheiros de viagem também são

buscadores nos ciclos posteriores da jornada da vida. Em uma grande história como essa, vemos várias gerações em diversos estágios de crescimento ou iluminação.

O lançamento desses filmes se estende a várias gerações. Muitos dos que viram a primeira película de *Guerra nas estrelas* como adolescentes, irão agora trazer seus próprios filhos. Cada pessoa na platéia irá confrontar desafios e lições apropriados para o seu próprio grupo etário. Ao longo do desenrolar da grande história, há sempre um personagem na tela com o qual cada espectador pode se identificar.

No final de cada aventura iniciatória há uma grande celebração. Os diferentes personagens simbolizam diversos estágios da vida. Ao mesmo tempo, podem representar os vários aspectos da pessoa que ganha mais consciência de suas muitas energias interiores. Parte do que George Lucas faz tão bem é contar uma história que funciona ao mesmo tempo em muitos níveis.

O viajante volta para casa com algo para mostrar – o resultado do esforço empreendido. O prêmio às vezes é chamado de bênção, elixir ou boa fortuna. Pode ser uma nova sabedoria ou habilidade. Com frequência, é uma intuição de grande valor para o momento histórico. O desafio, então, é compartilhá-lo. A bênção não pertence apenas ao aventureiro, dirige-se a todos.

Ao voltar, o buscador encontra um lugar de honra na comunidade. No final, ser verdadeiro para si mesmo inclui ser útil aos outros. Nesse instante, o sentimento de realização é extraordinário: há uma clara sensação de identidade e do papel a ser desempenhado. Uma vida assim fluirá com uma energia incrível. E a força, então, estará verdadeiramente conosco. **THOT**

**GABRIO
BEVILACQUA**

é médico e
pesquisador
de história
antiga.

OS NORMANDOS NA SICÍLIA

*Das lutas às conquistas,
à glória e ao declínio:
a longa saga de um
povo e de uma era*

As origens – Uma sociedade organizada de pescadores e comerciantes, com leis firmemente expressas e cumpridas, exerce suas atividades em diversos pontos da costa Escandinava ou em terras um pouco mais distantes. Sua navegação se faz por meio de barcos possantes e inovadores (*drakkar*). O comércio é intenso, franco, amistoso e ocorre nos numerosos entrepostos costeiros fundados por esses navegantes naturais.

Entretanto, nem tudo é harmonia nessa sociedade vigorosa. Com o tempo, líderes ávidos, mal sucedidos em iniciar ou manter suas propriedades na própria pátria, seguem sua vocação e fundam, juntamente com seus fiéis, sua pátria flutuante. Exercem o poder de reis em seus barcos, habilmente manejados por decididos guerreiros. Suas leis diferem daquelas da “terra”, mas são igualmente cumpridas à risca, agora em nome da subsistência. O comércio já não é tão amistoso. Eles reinam, absolutos, naqueles mares gelados. Espreitam suas presas no fundo das estreitas enseadas (*vik*), tão comuns naquele acidentado litoral.

Os povoados, situados em regiões cada vez mais remotas, com frequência testemunhavam visões aterradoras no horizonte: um sem-número de “dragões e cavalos” oscilando ao longe, numa coreografia macabra, com seus estandartes multicoloridos de lã e linho flutuando ao vento. Ao mesmo tempo, ouvia-se o som dos pausários comandando os remadores. O mais bravo dos homens em terra bem sabia o que isso significava. *Eles*

estavam de volta para mais uma pilhagem. Não há como resistir: os Vikings voltaram!

Essas cenas foram de crescente frequência, entre os séculos 8º e 9º, em alguns pontos do litoral Báltico e mais além: Noruega, Ilhas Britânicas, França, Espanha e Norte da Itália. Os “homens do norte” – principalmente suecos – singravam o Báltico, entravam pelos rios Volga e Dnieper, graças à versatili-
dade de seus *drakkar*. Assim chegaram às planícies russas, conquistaram Novgorod e atingiram Kiev (onde ficaram conhecidos como *Varangios*). Por fim, saindo pelo mar Negro, alcançaram Constantinopla em 907. Antes, navegando para o oeste, haviam atingido a Islândia, por volta de 870. Em 982, chegaram à Groenlândia e a algum ponto da costa Noroeste do Canadá, na altura do ano 1000.

O litoral norte da França foi repetidamente atacado e, à medida que os governantes Carolíngios enfraqueciam, os invasores penetravam pelo interior. Por volta de 900, já tinham se estabelecido no vale do baixo Sena. Em 911, sob o comando do chefe Rollo (Rollon), eles obtiveram do rei da França, Charles III, o Simples, pelo tratado de St. Clair-sur-Epte, uma faixa de terra junto à foz do Sena, onde hoje está a cidade de Rouen. Daí se estenderam progressivamente para oeste. Essa área

passou a ser a terra dos *Nortmanni*, e logo

Nortmannia. Rollon e seu povo

acabaram adotando a religião

cristã, os costumes e o idioma

franceses. Fundou-

se assim o Ducado da

Normandia. Apesar

de se terem cristia-

nizado e abando-

nado o passado

pirata, esses ho-

mens mantiveram

sua inquietação

por conquistas.

Conservaram

também a habi-

lidade de com-

bate, a coragem

e a brutalidade

e a grande ca-

pacidade de



deslocar-se e usar estrategicamente o dinheiro – fatores responsáveis pelas suas conquistas num tempo relativamente curto.

E assim cresceram rapidamente as possessões francesas. Dessa forma o Ducado da Normandia, com seu crescente poderio, rivalizou com a própria coroa da França. Uma de suas conquistas mais importantes foi a da Inglaterra, em 1066. Nessa ocasião, Guilherme, o Bastardo – Duque da Normandia e descendente de Rollon –, venceu, na batalha de Hastings, Harold, o rei bretão. O evento foi magnificamente documentado na famosa tapeçaria de Bayeux. No Natal de 1066, na Abadia de Westminster, Guilherme foi coroado rei da Inglaterra, selando formalmente a conquista normanda.

Ao lado dessa vocação para as conquistas, contribuiu para a prática aberta da *chevalerie* (não só na Normandia, mas em toda a Europa) a aplicação da primogenitura. Trata-se de uma lei sucessória que concedia não apenas o poder, mas toda a riqueza herdada, aos filhos mais velhos. Dessa maneira, por não terem herdado nem títulos nem terras, os demais desafortunados filhos da nobreza – e mesmo alguns príncipes reais – saíam em busca de seus próprios reinos. Três destinos cabiam, em geral, a esses deserddados: a) a conquista de terras distantes; b) um casamento nobre (apesar da aplicação da primogenitura, as moças recebiam ao casar um rico dote, que incluía muitas vezes províncias inteiras); c) a vida eclesiástica.

Instalada na nova terra, essa raça de guerreiros logo passou a utilizar o idioma local e adotou o cristianismo com especial devoção. A reinstalação das abadias e mosteiros, que haviam sido desativados ou deslocados para longe em consequência das suas próprias invasões, quando ainda bárbaros, tornou-se uma preocupação capital dos duques. Floresceu então uma extraordinária cultura, que produziu um sem-número de pensadores e historiadores. Começava a existir, sem dúvida, uma clara e firme consciência normanda.

Sendo bravos e hábeis guerreiros, os normandos costumavam oferecer seus serviços mercenários a quem melhor lhes pagasse. Exímios cavaleiros, aprimoraram-se nessa prática investindo descomunais somas em dinheiro na importação e adestramento dos melhores animais, em especial os andaluzes. Preferiam o saque seguido de fuga veloz, sem deixar tempo para a chegada e/ou organização dos defensores. Armavam-se adequadamente segundo essa necessidade de velocidade e eficiência. Trajavam uma cota de malha (*hauberk*) até os joelhos, confeccionada com inúmeros anéis de metal entrelaçados, com

mangas curtas e fenda posterior. Isso lhes dava forte proteção, aliada à grande mobilidade e facilidade para montar. Dessa maneira, alcançaram a Península Itálica.

Os primeiros aventureiros ali chegaram em 1016, exatamente meio século antes da expedição de Guilherme, o Bastardo, à Inglaterra. De início, foram derrotados pelos exércitos bizantinos, próximo a Cannae. Havia uma grande rivalidade entre os habitantes da região: sarracenos, bizantinos, lombardos. As cidades eram semi-autônomas. A princípio, os normandos negociaram seus serviços com uns e com outros. Depois, fizeram suas próprias conquistas.

Entre esses muitos nobres, destacam-se os membros da família Hauteville (Altavilla) originária do Contentin, filhos de Tancred (Tancredi), seu patriarca. Guilherme "Braço-de-Ferro" apodera-se de Melfi, na Apúlia. Depois de sua morte, seus irmãos Dreu (Drogo) e Onfroi (Umfredo) prosseguem com a expansão e consolidação dos territórios conquistados. Em 1059, o papa Nicolau II reconhece solenemente o bravo e prestigioso Robert Guiscard (Roberto Guiscardo) como Duque da Apúlia e Calábria e futuro Duque da Sicília. Era uma reviravolta diplomática, pois inicialmente ele o combatera, temendo o rápido progresso de seus novos e turbulentos vizinhos.

O reconhecimento do futuro duque equivaliu a atribuir-lhe o encargo de reconquistar a ilha aos "infiéis". Contudo, envolvido na consolidação dos próprios territórios e na tarefa de expulsar os bizantinos da península, ele não pôde empreender a tarefa sozinho. Coube a Roger (Rogério, ou Ruggero), seu irmão caçula, conquistar a Sicília – o que soube fazer com grande habilidade.

Em 1059, os Hauteville haviam expulso os bizantinos de Reggio, na Calábria. Em 1060, foram chamados a participar da disputa entre o *kaid* de Catânia, Ibn-at-Thumnah, e o de Agrigento, Ibn-Hawas. Sucederam-se as conquistas em território siciliano muçulmano: Messina (1060), Catânia (1071), Palermo (1072), Trapani (1077) e Taormina (1079). Segundo os termos da capitulação, os muçulmanos conservariam sua liberdade religiosa e seus próprios tribunais. Dessa forma, os normandos inauguravam a política de tolerância religiosa e cultural que caracterizaria sua dominação.

Entre 1080 e 1085, Roberto Guiscardo empreende uma expedição a Bizâncio. Ao retornar, organiza uma verdadeira cruzada contra os muçulmanos ainda resistentes. Conquista então Siracusa (1085), Agrigento (1086), Enna (1087), Noto

(1091) e, finalmente, ocupa as ilhas maltesas (1092). Começa o período dito de "independência". Não havia mais muçulmanos nem bizantinos no poder. A Sicília estava latinizada e recristianizada.

Ruggero – que durante a ausência de Roberto Guiscardo estendera sua influência na Ilha – obrigou Ruggero Borsa, filho de Roberto, a ceder-lhe todos os direitos que ali lhe restavam. Isso incluiu suas cidades calabresas. Desse modo ele tornou-se o Grande Conde da Sicília – Ruggero I. Entre os seus direitos estava o de nomear os bispos sicilianos. O papa protestou de início, mas acabou cedendo em 1098. Com isso, obteve de Ruggero o título de Legado Apostólico e o de chefe da Igreja Latina na Sicília. Ao morrer, em 1101, esse aventureiro era um dos personagens mais ricos e poderosos do Ocidente.

O primogênito de Ruggero I, Simone, morreu em 1105. O trono passou então para seu irmão caçula, também Ruggero. Durante os 11 anos seguintes, a Sicília foi sabiamente administrada por Adelaide de Savona, sua mãe-regente, que assinou a independência do Estado siciliano e mudou a capital, Melito, no continente, para Palermo.

Ruggero II – Declarado maior aos 17 anos, ele inicia o seu reinado em 1112. Dotado de mente desprendida e criado como príncipe hereditário, possuía a força, a majestade soberana, o orgulho e a severidade de um verdadeiro basileu bizantino. Centralizou o poder, praticamente retirando a autonomia de seus vassalos feudais. Tolerante com os cristãos gregos e com os muçulmanos, enfrentou rispidamente o poder de Roma, o que pôs em dúvida as suas convicções religiosas. Alguns autores o consideram um "sultão batizado", dada a sua assimilação da cultura oriental. Em seu reinado, Ruggero II realizou de modo magistral a síntese de elementos étnicos e culturais extremamente desiguais. Era um expansionista, o que lhe valeu o ódio de muitos de seus vizinhos. Estava no centro do Mediterrâneo e soube valer-se dessa situação.

Guilherme da Apúlia, seu primo, morre sem herdeiros em 1127. Ruggero enfrenta as pretensões papais naquela região: invade-a e faz coroar-se Duque da Apúlia e Salerno. A tentativa de protesto papal se desfaz, e Honório II acaba por concordar em investi-lo solenemente. O cisma que se seguiu à morte de Honório, com a eleição de dois papas, foi audaciosamente aproveitado por Ruggero, que apoiou o mais "suspeito" dos dois, Anacleto Pierleoni (Anacleto II). Este conseguiu, com o apoio

siciliano, impedir a instalação em Roma de seu rival, Inocêncio II, até 1138, ano de sua morte. Dessa maneira, Honório nada pôde recusar a seu protetor.

A tolerância religiosa e política – Os normandos souberam adaptar às cláusulas do direito feudal alguns princípios teocráticos do direito bizantino. Da legislação de Justiniano trouxeram os conceitos de “majestade real” e de monarquia centralizada burocrática. O rei era assistido por uma Cúria Magna, constituída pelos grandes feudatários, prelados, comandantes militares e alguns altos funcionários. O comando passou a ser exercido por funcionários adequados às suas funções. Assim nasceu a burocracia estatal. Estabeleceu-se a prática do direito privado, pelo qual cada comunidade (judeus, latinos, gregos e sarracenos) podia conservar as próprias leis e ter seus membros julgados por elas.

Aqui surge, em sua plenitude, o ecletismo dos soberanos normandos. Ao chegar à Sicília, os cavaleiros encontraram-na dividida. Pouco mais da metade era muçulmana. Os restantes eram bizantinos. Sabiamente, conseguiram evitar conflitos e permitir que cada um pudesse contribuir à sua própria maneira para a obra de organização do novo Estado siciliano. A Igreja romana tornou-se a oficial do Estado, mas Ruggero garantiu a liberdade de culto aos cristãos de rito grego. Permitiu também a vinda de monges basilianos à Ilha, e eles gozaram de privilégios junto à Coroa.

Os muçulmanos também foram beneficiados. Todos os acordos de respeito às suas instituições, estabelecidos durante as capitulações, foram mantidos. Em pouco tempo, os sarracenos estavam desempenhando importantes papéis no exército, na marinha e na própria administração do Estado. Seu amor e respeito a Ruggero foi inspiradamente celebrado por seus poetas.

Ruggero, o rei – Tendo apoiado o antipapa, Ruggero suscitou o ódio de toda a cristandade, especialmente a do Império Germânico. Seu controle eficaz de todo o tráfego marítimo mediterrâneo fez com que suas frotas perturbassem o comércio de Bizâncio e o das repúblicas marítimas do norte (Veneza e Gênova). Caso houvesse uma coalizão dessas forças, Ruggero não teria podido resistir. No entanto, ele soube aproveitar-se das debilidades e divisões internas de seus adversários.

Diversas ameaças incidiram sobre seu reino. Inocêncio II incitou as cidades e os senhores do sul à guerra. Lotário II

(ou III), sacro imperador romano e rei germânico, tentou invadir a Ilha. Utilizando a força militar, a diplomacia, a repressão cruel e a corrupção, Ruggero conseguiu desunir os barões germânicos e assim o exército teve de retirar-se. O papa insistiu na luta mas, vencido, caiu ele próprio com todos os seus tesouros nas mãos de Ruggero. Este foi então investido do título de Rei da Sicília, do Ducado da Apúlia e do Principado de Cápuia. No natal de 1130 foi coroado, em meio a um aparato ímpar de luxo.

Os assizes de Ariano – Tendo pacificado habilmente todas as rebeliões contra seu poder central, Ruggero promulgou seus Assizes na cidade de Ariano, em 1140. Trata-se de uma constituição unificada e única no Ocidente medieval. Ela permitia aos diferentes povos sentirem-se livres sob suas próprias leis e costumes. A ausência de preconceitos e a harmonia daí derivada, associadas à notável habilidade política para com seus barões, evitaram as desastrosas guerras locais e a anarquia. Isso possibilitou ao Estado siciliano uma prosperidade inigualável.

Para muitos autores, o reino da Sicília foi o primeiro estado moderno da Europa Ocidental. Herbert A. Fisher, em sua *History of Europe*, afirma: “O reino normando da Sicília foi o governo mais bem organizado da Europa da época”. Francesco De Stefano, em *Storia della Sicília dal Secolo XI al XIX*, afirma: “A vida civil e política do mundo moderno tem a origem de seu progresso na maneira como funcionou o reino normando-suábio da Sicília”.

A potência econômica – A paz interna permitiu a plena utilização de refinadas e modernas técnicas agrícolas e industriais herdadas dos muçulmanos. As grandes exportações de trigo para os países árabes propiciaram a entrada de abundantes divisas em ouro e prata, coisa rara naqueles tempos.

O reino estreitou relações comerciais em todos os sentidos. As finanças foram entregues a funcionários árabes, que por sua vez o supriram com uma força militar de elite. A marinha era predominantemente grega. Seu chefe mantinha o título árabe “Al Emir”, de onde deriva “almirante”, e secundava em poder o próprio rei. Controlaram-se assim, de forma decisiva, as rotas comerciais entre Ocidente e Oriente. A frota fazia continuamente operações de saque, depredando naves estrangeiras, bem como portos e cidades costeiras. Eram práticas comuns na

época. Toda a área compreendida entre Siracusa, Malta, Gabes, Trípoli, Tunísia e Palermo constituiu-se então num verdadeiro “lago” siciliano.

A potência política – Na metade do século 12, o reino de Ruggero II era considerado uma das maiores potências do mundo cristão. Entre 1145 e 1155, a autoridade do rei era plena e se estendia em todas as direções. Na península, Ruggero fazia frente ao imperador germânico e ao papado. Este insistia na contestação da legitimidade da coroa siciliana. Contudo, em 1149, o papa Eugênio III a reconfirmou.

Insuflando à distância dissidências entre os germânicos, Ruggero conseguiu impedi-los de suas pretensões insulares. Em 1147, ofereceu a Sicília como base operativa para a segunda Cruzada, esperando consagrar-se diplomaticamente. Entretanto, o rei de França, bem como o imperador germânico, preferiram o percurso por terra, o que o levou a desinteressar-se da empresa. Mas o fracasso dessa Cruzada deu-lhe razão, e sua armada retirou das garras bizantinas o rei Luís VII da França, que foi honrosamente recebido na Ilha.

Ruggero contava com o almirante Jorge de Antióquia (Giorgio di Antiochia) como comandante principal de sua frota. Em 1149, esta apresentou-se diante das muralhas de Constantinopla e depredou as costas asiáticas do Império em represália às incursões bizantino-venezianas em Corfu. Na África, aproveitando-se mais uma vez do estado de anarquia vigente, ele instalou inicialmente um regime de protetorado e bases navais. Mais tarde, entre 1146 e 1149, apoderou-se do território costeiro entre Trípoli e Túnis.

A potência cultural – A tolerância político-religiosa traduziu-se, como é natural, numa cultura florescente, na qual múltiplas tendências puderam coexistir e evoluir. Acorreram a esse oásis de liberdade de pensamento um sem-número de sábios de toda a Europa e Oriente. Sendo ele próprio um intelectual, o rei protegeu as artes e as letras: abrigou poetas, filósofos, geógrafos, médicos. Tudo isso permitiu um fervilhante intercâmbio de saberes.

Al Idris, geógrafo e amigo pessoal do rei (comissionado para reunir informações geográficas, correlacioná-las e descrevê-las de forma ordenada), descreveu minuciosamente a Sicília e as terras mediterrâneas no conhecido *Livro do rei Ruggero*, publicado em 1154 e considerado a maior obra sobre geografia da

Idade Média. Logo em sua primeira página, pode-se ler, não sem surpresa: "A Terra é redonda como uma esfera, e as águas a ela aderem e nela se mantêm por meio de um equilíbrio natural que não sofre variação".

Na Idade das Trevas, quando a Igreja de Roma temia e desencorajava todo e qualquer estudo secular, o Islam convocava seus fiéis a "perseguir o conhecimento por toda a vida, mesmo que a busca os leve até a China, pelo que o crente viaja em busca do conhecimento pelos caminhos de Alá ao Paraíso". A civilização islâmica era sabidamente superior à da Europa cristã, principalmente nas áreas da matemática e das ciências físicas. O árabe era o idioma científico internacional.

Além disso, muitas obras clássicas em grego e latim perderam-se para o mundo, pelas invasões bárbaras ou pela própria e avassaladora maré islâmica. Sobreviveriam algumas, mas apenas em traduções para o árabe. Por volta do século 12, graças ao trabalho dos judeus sefarditas na Espanha, algumas dessas obras reapareceram em idiomas ocidentais, o que não diminuiu a necessidade de o estudioso das ciências conhecer o árabe. Era um idioma de difícil aprendizado, e a Europa setentrional carecia de mestres. Assim, por mais de meio século afluíram à Sicília e à Espanha um sem-número de estudiosos em busca do mundo científico islâmico. Adelard de Bath, pioneiro dos estudos árabes na Inglaterra, e considerado o maior nome da ciência inglesa antes de Robert Grosseteste e Roger Bacon, restaurou *Os elementos*, de Euclides e os retraduziu para idioma ocidental.

Ruggero, o homem – O rei era um grande intelectual e estava profundamente envolvido com a ciência do governar. Utilizava a concepção bizantina de monarquia, em que o monarca é investido de um absolutismo quase místico: é visto como um "vice-rei de Deus", e ocupa uma posição entre Ele e os homens. Mas Ruggero soube utilizar esse poder "divinamente investido" com energia e sabedoria, antagonizando em seu reino as tendências ocidentais, que culminaram numa Europa loteada pelos cismas e exaurida pelas Cruzadas.

Freqüentaram o esplendor de sua corte os maiores sábios da época, sempre impressionados com sua erudição. Ele se comunicava facilmente em francês, latim, grego ou árabe. Consta que cada vez que um sábio vinha à presença do rei, este se levantava, ia ao seu encontro e, conduzindo-o pela mão, sentava-o ao seu lado.

Disse Al Idris de seu amigo e protetor: “Em matemática, bem como na esfera política, a extensão de seu saber não pode ser descrita. Não há limites ao seu conhecimento das ciências, tão profunda e sabiamente ele as estudou em cada detalhe. Ele é responsável por singulares inovações e por invenções maravilhosas, como nenhum príncipe jamais realizou”.

Em menos de meio século, Ruggero fez da Sicília um estado próspero e independente – um império que se estendia da Campânia à Tripolitânia. Seu centro era a Ilha. Casou-se três vezes: primeiro com Elvira, filha de Alfonso VI de Castilla; depois com Sibilla de Borgonha e, por fim, com Beatrice de Erthel, que lhe deu sua única filha, Constance, que depois de sua morte desposou Henrique (Heinrich VI) – o que precipitou, mais tarde, o controle da Sicília pelos Hohenstaufen. Morto aos 58 anos, ele foi sucedido por seu filho, Guilherme (Guglielmo I). Repousa num magnífico esquife em pórfiro, na Catedral de Palermo.

Guilherme I, “o Mau” – Assumiu o trono aos 34 anos. Não tinha as qualidades de administrador e intelectual do pai. Criado como um verdadeiro príncipe oriental, possuía um harém, e fez construir nos arredores de Palermo vilas suntuosas na mais fiel concepção árabe. Preferia uma vida secreta, indolente e voluptuosa. Deixou que os fiéis e competentíssimos funcionários e ministros remanescentes do seu pai governassem. A maior parte dos atos iniciais de seu governo trazem a chancela do “Emir dos Emires” Maio de Bari (Maione di Bari), seu braço direito.

A carente autoridade real reestimulou agitações dos feudatários no sul da península. Apoiados pelo papa Adriano IV e pelas tropas do imperador bizantino Manuel Commeno, eles subjugaram as províncias continentais do reino e logo as inquietações atingiram a Ilha. Lento para reagir, Guilherme finalmente o fez em 1156. Com um poderoso exército, expulsou os bizantinos, reprimiu violentamente as rebeliões e obrigou o papa a negociar.

Feito isso, voltou a descuidar do governo. Odiado pela nobreza, Maio de Bari foi assassinado em 1160, próximo a Palermo. Recomeçaram então as revoltas, agora com importante participação muçulmana. Confuso, Guilherme recuou. Seu filho maior, Ruggero, assumiu o trono. Como os rebeldes não dispunham de um plano claro de governo, levantou-se um movimento reacionário que restabeleceu Guilherme no trono. A

nova repressão real foi ainda mais violenta, fazendo valer nesse momento a designação de “o Mau” com a qual ele ficou conhecido.

Sua política externa continuava a ser brilhante, apesar do abandono das províncias africanas à própria sorte durante os períodos de agitação, entre 1156 e 1160. Mantinha ótimas relações com o rei da França, Luis VII, e conseguiu evitar que Frederico, o Barbarossa, interviesse no sul. Inconformado com a derrota de suas tropas na península, e diante da nova expedição normanda à costa grega, Manuel Commeno cogitou em uma reaproximação.

Depois dos resultados de 1156, a Sé romana mudou de política: reconheceu a soberania de Guilherme em todo o reino e renovou quase todos os privilégios da Igreja siciliana. Do ponto de vista estratégico, o peso do reino da Sicília era necessário para que Roma pudesse contrabalançar as constantes ameaças do imperador germânico. Em Roma, o sucessor Alexandre III apoiava incondicionalmente Guilherme. Este, por sua vez, sustentava-o na sua luta contra o antipapa filogermânico Pascoal III. A permanência de Alexandre em Roma constituiu uma pesada derrota para Frederico.

O rei morreu em maio de 1166. Há alguns anos, o reino já vinha sendo governado pelos “familiares” Mateus d’Ajello e pelo bispo de Siracusa, o inglês Richard Palmer, que conseguiram restabelecer a calma.

Guilherme II – O príncipe Ruggero havia sido morto nas revoltas de 1160, sob circunstâncias não esclarecidas. Seu irmão caçula, Guilherme, então com 13 anos, subiu ao trono, regido durante os cinco anos seguintes por sua mãe Margarida, princesa navarresa de origem normanda. Nesse período, duas castas confrontavam-se pelo poder: a aristocracia nobiliária, afastada pelos reis anteriores, e os “familiares” (altos funcionários do antigo reino).

A fuga do *gaît* Pedro, o Eunuco, feito quase grão-vizir pela Regente (e que havia sido acusado de roubar o tesouro real), levou as inquietações ao auge. Margarida solicitou a vinda da França de alguns cavaleiros normandos, e nomeou o mais importante deles, Stephan de Perche, chanceler e depois bispo de Palermo.

Mas as coisas pioraram, porque de Perche, por sua inabilidade, granjeou o ódio de todos: muçulmanos, gregos, nobres e “familiares”. Cenas de verdadeira revolução aconteceram em

Palermo e Messina, com um manifesto e verdadeiro sentimento patriótico. Muitos franceses foram mortos. Stephan exilou-se na Terra Santa e não mais voltou. Venceram os “familiares”, que chegaram ao poder e conseguiram conservá-lo durante o novo reinado (1171-1189).

Guilherme II foi ainda mais fechado e “oriental” nos costumes do que seu pai. Seu misterioso e oculto comportamento não permitiu que se tivesse uma idéia clara de sua efetividade no governo. Nem mesmo o seu aspecto físico era bem conhecido. No entanto, é inegável que seus súditos, muçulmanos ou cristãos, amaram-no muitíssimo. Reinava a paz na Sicília. Durante dezoito anos não houve qualquer assédio estrangeiro ao reino. Após as discórdias do período regencial, Guilherme trouxe a ordem, a justiça e a prosperidade. Maravilhosos monumentos atestam a opulência e as preferências do novo reino: a abadia de Monreale, fundada em 1180, a Cuba, palácio árabe que Guilherme construiu para si no mesmo período e a nova catedral de Palermo, fundada pelo arcebispo Walter of the Mill (Gualtiero Offamiglio) em 1185.

Os historiadores concordam que em nenhum outro momento os sicilianos foram mais felizes que no reinado de Guilherme II, “o Bom”. Tolerante, ele perdoou algumas mulheres de sua corte que se acreditava fossem cristãs, mas que durante o terremoto de 1169 invocaram Alá nos momentos de perigo. Dante Alighieri se refere a ele como *Il giusto rege*.

A cultura e a política exterior – No reinado de Guilherme II, a cultura normanda seguiu a tradição iniciada por Ruggero II. Pontificaram grandes sábios, como o gregista palermitano Eugenio, que traduziu a *Optica* de Ptolomeu, e Enrique Aristippo, que traduziu *A vida dos filósofos*, de Diógenes. Laércio traduziu a *Astronomia*, de Ptolomeu, a *Meteorologia*, de Aristóteles e os *Diálogos* de Platão e foi considerado por John de Salisbury *graecus interpres*. Lembremos também o escritor político Nilo Doxapater, com seu *Tratado das sés patriarcais*.

Mesmo fiel à política dos Hauteville de confrontar-se com o papa e com o imperador, Guilherme obteve importantes sucessos na Itália. Aliado a Alexandre III e à liga das cidades lombardas constituída durante o período regencial, manteve Frederico Barbarossa à distância do sul da Itália. Aliando-se a ele (1169 e 1175), as repúblicas marítimas de Veneza e Pisa renunciaram às suas tradicionais alianças. O próprio Frederico e seus

aliados – o papa e as cidades do norte – entraram em acordo para uma trégua de quinze anos, e concluíram a Paz de Veneza em 1177. Assim, Guilherme acreditava que estava livre para agir no Oriente.

O Imperador Manuel Commeno pensava também em estreitar laços político-matrimoniais com a dinastia siciliana. Em 1172, Guilherme iria desposar a filha do Basileus, projeto que logo abandonou. Dois anos depois, seria fragorosamente derrotado diante de Alexandria, que sua esquadra e seu exército tentavam retomar aos turcos e restituir aos fatímidas. Fascinado com o prestígio e as riquezas do Oriente, ele retomou as pretensões dos primeiros Hauteville. Sonhava com o trono de Constantinopla. Com a morte de Manuel Commeno e as agitações que se seguiram, surgiu a oportunidade de vingança pela humilhação de 1172, e a chance de complementação de seus projetos.

Em 1185, cem anos depois das incursões de Roberto Guiscardo – e fingindo apoiar os interesses do impostor Alexius, pretendente ao trono do Oriente –, Guilherme enviou contra o Império Bizantino um exército de 80.000 homens. Depois de uma vitória fácil em Durazzo, o exército dirigiu-se a Salônica, que logo caiu e foi terrivelmente saqueada. Ao retomar a marcha original, o exército normando havia perdido todo o seu vigor e disciplina. Durante tratativas, foi traído e perdeu grande parte de suas forças em Amfípolis. A armada, que assediava Constantinopla sem suporte terrestre, recuou juntamente com o que restou do exército em 1185.

O prestígio internacional de Guilherme foi duramente abalado. Mais tarde, ele tentaria recuperá-lo: diante dos seguidos sucessos de Salad-ad-Din (Saladino) na Terra Santa, pensou-se em uma nova Cruzada. Guilherme resolveu sair à frente. A armada siciliana, com o notável almirante Margarito no comando, já obtinha grandes vitórias contra os turcos, quando o rei morreu em 18 de novembro de 1189, aos 36 anos.

Guilherme não tinha herdeiros. Na época de suas expedições ao Oriente, por precaução e para consolidar o acordo de 1177, concordou – em 1184 – com o casamento de sua tia Constance (a caçula de Ruggero II) com o herdeiro de Frederico, o futuro Henrique VI (Heinrich). Ficou combinado, que se Guilherme morresse sem filhos, seus direitos seriam transferidos a Constance, devendo os barões sicilianos jurarem-lhe fidelidade. Isso significava o rompimento da tradição Hauteville, com renúncia às convenientes alianças com o papa e concretizando

as pretensões germânicas no sul da península – possibilidade sempre combatida pelo reino e pela dinastia. Três anos depois, cumpre-se o acordo fatal: pelas ambições orientais do rei, a Sicília passava a integrar o patrimônio da casa suábia.

Tancredi – Os sicilianos não estavam dispostos a se tornar, sem resistência, súditos do inimigo ancestral. Unidos em torno de sentimentos e interesses comuns, altos funcionários do regime, a nobreza, a burguesia, o povo e a maior parte dos muçulmanos do reino queriam preservar a independência do reino. Essa forte oposição era encabeçada pelas “duas pilastras extra do Reino”, no dizer de Riccardo di San Germano: Walter of the Mill (Gualtierio Offamiglio), bispo de Palermo, e Mateus d'Ajello, o campeão do Reino.

Dois candidatos dividiam as preferências. Um pelo lado da nobreza: Ruggero, conde de Andria. O outro representava a burguesia, e a população em geral: era Tancredi, conde de Lecce. Ambos eram plenamente qualificados para o cargo. Segundo L. Llumia, o primeiro era bisneto de Drogo de Hauteville, e portanto primo em segundo grau de Guilherme II. Era um destacado diplomata, com importante participação na Paz de Veneza (1177), na qual Frederico Barbarossa, derrotado pelos lombardos em Legnano, reconheceu Alexandre III como legítimo papa após 18 anos de discórdia. O segundo, filho bastardo do duque Ruggero da Apúlia com Emma, filha de Accardo, conde de Lecce, foi comandante da frota de Guilherme II nas suas duas maiores expedições.

O conhecimento, por parte de Mateus d'Ajello, de algumas “irregularidades” na conduta de Ruggero fez pender a escolha – com o apoio do papa Clemente III – para Tancredi, que foi coroado no início de 1190. Pouco tempo depois da coroação, irrompeu uma luta entre muçulmanos e cristãos. Estes tiravam proveito da desordem deixada pela morte de Guilherme, das notícias da reconquista árabe de Jerusalém e dos rumores de uma nova Cruzada. A longa, pacífica e próspera convivência entre os diferentes credos e costumes – que caracterizara o reino normando da Sicília – iniciava o seu fim.

O conflito estendeu-se, e foi acrescido das revoltas comandadas por Ruggero. Este reuniu os barões da Apúlia e Campânia (no continente, portanto), ultrajados pela eleição de Tancredi e algumas facções pró-suábia, que iniciaram uma ocupação dessas terras continentais do Reino. No exterior, Tancredi reuniu um exército sob o comando de seu cunhado Riccardo de

Accerra, que logo obteve excelentes vitórias, varrendo inicialmente os rebeldes.

A caminho da Terra Santa, Ricardo (Richard Plantagenet) Coração de Leão, rei da Inglaterra, e Filipe II (Philippe Auguste), rei da França, dirigem-se à Sicília. De Salerno, Ricardo exige satisfações de Tancredi pela sua recusa em cumprir as promessas de Guilherme II feitas a seu sogro Henrique II da Inglaterra (ambos agora mortos), de patrocinar nova Cruzada. Pede também notícias dos maus tratos dispensados por Tancredi a Joanna, viúva de Guilherme II e irmã de Ricardo. (Esta, ao que se alegava, era partidária de Constance na sucessão do trono siciliano).

Tancredi resolve ceder e liberta Joanna, regamente recompensada materialmente pelas perdas até então infligidas. Ainda assim, Ricardo prossegue com suas exigências. Destrói, saqueia e ocupa Messina. Depois de ponderar sobre a terrível situação, Tancredi resolve aumentar a recompensa e consegue um tratado – firmado em Messina – segundo o qual Ricardo deveria fornecer-lhe total assistência militar enquanto permanecesse no território insular. Deveria também restituir aos cidadãos sicilianos por ele espoliados seus bens e direitos.

Em 3 de março de 1191 os dois reis se encontram e reafirmam sua amizade. Presentes são cordialmente trocados e, segundo pelo menos duas autoridades, Tancredi teria recebido de Ricardo a verdadeira espada Excalibur, encontrada algumas semanas antes ao lado de Arthur, em seu túmulo descoberto em Glastonbury.

Chega à Sicília a rainha Eleanor de Aquitânia, trazendo uma noiva para seu filho Ricardo: Berengaria de Navarra. O fato apressa a desocupação da Ilha pela expedição de Ricardo. Depois de grande demora, ele finalmente parte para a Terra Santa. A Ilha viveria mais feliz e pacífica sem os turbulentos “bárbaros ingleses”. Com a saída de Ricardo, desfaz-se o pacto de proteção e a contida ameaça suábica volta a surgir.

O ocaso – Em novembro de 1190, Henrique de Hohenstaufen partiu da Germânia em direção à Sicília. Foi interrompido pela notícia da morte de seu pai, Frederico Barbarossa. Este fora encontrado morto às margens do Calycadnus (hoje Göksu), junto às montanhas Taurus na Anatólia (Turquia), durante suas andanças pelo Oriente com a Terceira Cruzada. Em janeiro, Henrique já estava consolidando posições na Lombardia. Dirigiu-se a Roma e, em abril de 1191, é coroado, ao lado de Constance,

como Imperador do Ocidente, pelo papa Celestino III. Roma continuava a temer o risco de ter os Hohenstaufen agora também ao sul das terras da Igreja. Celestino tenta, em vão, dissuadir Henrique de sua segunda coroa.

Limitado pelas dissidências internas geradas pela sua atuação pregressa contra os barões revoltados, Tancredi tenta organizar sua defesa. Para isso, usa seus dotes de bom estrategista. Riccardo de Accerra faz de Nápoles – que era uma cidade próspera e leal a Tancredi – o centro das operações. Henrique assedia a cidade. Ela resiste bem, graças à atuação destacada do fiel Margarido, o competente almirante siciliano. Com a chegada do verão, Henrique e seus exércitos são atingidos por terríveis epidemias, que o obrigam a relaxar o cerco.

Nas outras cidades, porém, as delegações de Henrique são acolhidas sem resistência. Já existe um poder paralelo e forte em terras normandas. Para sua proteção, Constance havia sido deixada em Salerno, mas uma rebelião local a captura e a leva ao rei, em Messina. Tancredi negocia com Celestino III a confirmação de sua investidura, mas paga um pesado preço: a tomada pelo papa de todos os direitos sobre a administração eclesiástica na Sicília. Esses direitos haviam sido até então preservados pelos Hauteville. Argumentando em favor de uma aproximação final entre as duas coroas, o papa intercede pela libertação de Constance.

A escolta que a conduziria até Roma é interceptada por cavaleiros de Henrique, que a levam, agora sem intermediários, ao Imperador. Desse modo, Tancredi perde seu maior trunfo de negociação. No inverno de 1192, ele conclui negociações para as bodas de seu filho Ruggero, Duque da Apúlia, com Irene, filha de Isaac Angelus, imperador bizantino. Contudo, no fim desse mesmo ano, o futuro rei da Sicília morre ainda muito jovem.

Ao voltar da Terra Santa, Ricardo da Inglaterra é capturado por nobres de Henrique e permanece aprisionado na Alemanha. O papa está “desarmado” contra um Senado Romano claramente pró-imperialista. Tancredi está, assim, completamente só. A lenta infiltração suábia segue seu caminho. No final do verão de 1193, Tancredi adoece e morre em 20 de fevereiro de 1194. Guilherme, seu outro filho e agora sucessor, é ainda uma criança. Uma vez mais a Sicília deve ser regida por uma rainha-mãe: Sibylla. Abalada pelos trágicos e sucessivos acontecimentos, ela tem consciência da impossibilidade de gerir uma situação tão instável. Os fiéis e prestigiosos auxiliares de

Tancredi estão agora mortos e seus sucessores carecem do brilho ancestral.

Henrique VI retoma seu caminho de conquista, agora melhor preparado e contando com um inusitado apoio, para surpresa dos defensores do reino: Ricardo Coração de Leão, que lhe deve o favor de sua libertação. Nápoles capitula mesmo antes de sua chegada. Henrique vai direto a Salerno para um acerto de contas. A cidade a quem confiou sua esposa, e que depois a entregou ao inimigo, foi brutalmente destruída, saqueada e sua população, massacrada. Henrique conquista facilmente todo o reino continental.

Depois de mais de um século de paz, um exército inimigo acampa em terras insulares. A rainha e o bravo Margarido haviam resistido com seus restantes e poucos recursos. Por último, ela e seus filhos refugiam-se no castelo de Caltabelotta para uma negociação final. No natal de 1194, Henrique é coroado rei da Sicília na catedral de Palermo. Quatro dias depois, ocorre uma tentativa de assassinato. Acusados da autoria do complô, Sibylla, seus filhos e os auxiliares Margarido de Brindisi, Riccardo de Accerra, arcebispo Nicola de Salerno e a viúva Irene, são desterrados para a Germânia. Alguns autores afirmam que essa conspiração foi apenas um pretexto para que Henrique pudesse livrar-se de uma oposição mais formal. Segue-se um período de terror. Todas as tentativas de insurreição são abafadas com grandes requintes de violência e barbárie.

Em 1199, Sibylla é libertada, com seus filhos, do cativeiro no convento de Hohenburg, na Alsácia. Sua nora Irene casa-se com Felipe (Philipp von Schwaben), irmão caçula de Henrique e, no ano seguinte, torna-se Imperatriz do Ocidente. Guilherme III, filho de Sibylla, tem um fim incerto: teria sido cegado e castrado numa prisão germânica, sob ordens diretas de Henrique, ou, em outras versões, teria sido libertado e seguido carreira monástica. Morreu, é certo, antes do final do mesmo ano, em local obscuro. Durante a campanha final de seu marido na Sicília, Constance estava grávida. Perto de Ancona, dá à luz seu único filho, em 26 de dezembro de 1194. O espírito dos Hauteville mantinha-se vivo sob o manto suábio.

Frederico (Federico II) sucedeu a seu pai no reino da Sicília. Foi coroado com o manto de seu avô normando em Palermo, em 1197. Reviveu com vantagem os tempos gloriosos de Ruggero II e Guilherme II. Apesar de imperador germânico, escolheu a Sicília como sua pátria e a fez refulgir como nunca: um reino intelectual, próspero, tolerante e cantado em suas glórias por

muitos poetas latinos, gregos e árabes. Foi o precursor da figura do “príncipe renascentista” e recebeu dos historiadores a designação de *Stupor Mundi* – a Maravilha do Mundo. Tinha uma insaciável curiosidade intelectual e artística e foi autor de textos sobre o naturalismo.

Para sobreviver, um reino tão centralizado e uma monarquia tão absoluta como os criados pelos dois Ruggero dependiam da personalidade de seus monarcas. O declínio do Estado siciliano seguiu o da própria Dinastia. Esse reino tão eclético, heterogêneo e cosmopolita não conseguiu – se é que ao menos tentou – desenvolver uma tradição nacional própria. Como se sabe, o patriotismo é condição indispensável para que uma nação possa lutar por sua própria vida. Gregos, normandos, lombardos, sarracenos, italianos e judeus, todos mostraram poder compartilhar de um governo imparcial e esclarecido. Mas não revelaram capacidade de amalgamar-se numa verdadeira nação.

A modernidade, o esplendor e a beleza do então reino normando da Sicília, é que deve perdurar como um demonstrativo, entre outros, do caráter empreendedor da raça normanda. Suas atuações, na Normandia, na Inglaterra, em Antioquia e na Itália, deixaram traços marcantes e incontestes de que uma civilização inovadora e de inconfundível personalidade ali esteve.

Na Sicília, essa mensagem de modernidade pode ser lida na Capela Palatina, em Palermo. Ali, um majestoso teto mourisco convive com outras preciosidades: o ouro dos mosaicos bizantinos; o magnífico manto da coroação de Ruggero II e Frederico II, adornado com inscrições em árabe; as cúpulas árabes do claustro cristão de S. Giovanni degli Eremiti em Palermo; e o rebuscadíssimo vocabulário siciliano, com seus termos árabes, gregos e latinos – alguns ainda intocados.

THOT

**HUMBERTO
MARIOTTI**

é médico
psicoterapeuta
e coordenador
do Grupo de
Estudos de
Complexidade
e Pensamento
Sistêmico na
Associação Palas
Athena.

O AUTOMATISMO CONCORDO-DISCORDO E AS ARMADILHAS DO REDUCIONISMO

*Uma análise do modelo mental
que limita a nossa compreensão
de mundo e de nós mesmos*



Comecemos
falando sobre a
nossa tendência a reduzir.

Trata-se de um processo natural,
e como tal necessário para que possamos perceber e tentar
entender o mundo. Reduzimos sempre o que percebemos à
nossa capacidade de entendimento, ou seja, à forma como é
estruturada a nossa mente.

O reducionismo é como o ego: indispensável mas ques-
tionável. Diante de um determinado fenômeno, nós o percebe-
mos e reduzimos o que foi percebido à nossa estrutura de
compreensão – ao nosso conhecimento, portanto. Mas, como
é óbvio, reduzir algo ao nosso conhecimento é o mesmo que
reduzi-lo à nossa ignorância. Daí a necessidade de um segundo

passo – a reampliação –, que consiste em conferir o que foi compreendido. Fazemos isso comparando-o com compreensões pessoais prévias e, a seguir, cotejando-o com a compreensão dos outros, por meio do diálogo e outras formas de interação e convivência. Dessa maneira, procuramos reampliar o que havia sido reduzido.

O problema é que nem sempre é fácil voltar a ampliar depois da redução inicial. Isso se dá porque tendemos a reduzir nossas compreensões às dimensões do nosso ego, que é frágil, medroso e teme a reampliação. Teme-a porque ela o põe à prova, isto é, leva-o a confrontar as suas percepções e entendimentos com os dos outros. Como está socialmente preparado para ser competitivo, o ego vê os outros como adversários, e portanto sente-se sempre ameaçado por eles.

Por isso, pensar segundo modelos predeterminados e buscar apoio em referenciais que julgamos inquestionáveis tornou-se uma forma de remediarmos a nossa fraqueza. É um modo de pôr em prática o ponto de vista empiricista, que diz que existe uma realidade externa que é a mesma para todos.

Se essa tese fosse correta, a cognição seria um fenômeno passivo. Assim sendo, todos entenderiam o mundo da mesma maneira. Nessa ordem de idéias, quem não percebesse a “verdade” universal estaria com problemas e portanto precisaria de ajuda para alcançar o nível de percepção dos outros. Isto é: para perceber as coisas como “todo mundo” – o que equivale a entender a vida e pautar a conduta segundo as normas do senso comum. Entretanto, sabemos que percepções padronizadas levam a comportamentos estandardizados. Esse é o principal problema da redução não seguida de reampliação.

Nossa tendência a eliminar é mais forte que a necessidade de integrar. Não sabemos ouvir. Quando alguém nos diz alguma coisa, em vez de escutar até o fim logo começamos a comparar o que está sendo dito com idéias e referenciais que já temos. Esse processo mental – que chamo de automatismo concordo-discordo – quando levado a extremos é muito limitante.

Ouvir até o fim, sem concordar nem discordar, tornou-se extremamente difícil para todos nós. Não sabemos ficar – mesmo de modo temporário – entre o conhecido e o desconhecido. Confundimos o desconhecido com o nada e por isso o tememos. A frase do escritor americano William Faulkner, “entre a dor e o nada eu prefiro a dor”, traduz nosso apego a esse tipo de repetição.

Faça você mesmo a prova: tente escutar até o fim, sem concordar nem discordar, o que o seu interlocutor está dizendo. Procure evitar que logo às primeiras frases dele você já esteja pensando no que irá responder. Veja como isso é difícil – e então constatará que o automatismo concordo-discordo é uma das manifestações mais poderosas do condicionamento de nossa mente pelo pensamento linear, isto é, pelo modelo mental *ou/ou*, – a lógica binária do *sim/não*.

O mundo desencantado – Em sua obra *Ser e tempo* – por muitos considerada um dos trabalhos filosóficos mais importantes deste século –, Martin Heidegger afirma que a história da metafísica ocidental é a história do esquecimento do Ser, porque esse pensamento configurou um modelo lógico, objetivo e tecnicista.

Em outras palavras, Heidegger sustenta que a razão instrumental ignorou o Ser. Para ele, ao longo da história da metafísica ocidental deu-se privilégio ao pensar – e ao pensar segundo a lógica linear de Aristóteles. Se tomarmos a frase cartesiana *Cogito ergo sum* (penso, logo existo), é fácil observar que a filosofia ocidental se ateu aos padrões lógico-metafísicos do *cogito* e esqueceu-se do *sum*, isto é, ligou-se ao pensar e esqueceu-se do existir. Ao analisar o sujeito a partir de sua dimensão de existente (o *sum*), o propósito de Heidegger foi proceder ao que chamou de analítica existencial.

Em obras posteriores a *Ser e tempo*, ele se preocuparia mais especificamente com a questão da técnica. Questionaria a transformação desta e da ciência positivista em objetos de adoração e culto por nossa cultura, tudo isso em função da prevalência do racionalismo e do pensamento quantificador.

Assim, o projeto da modernidade fez com que o homem se julgasse senhor do mundo natural. Por meio da técnica (que corresponde à colocação em prática do pensamento linear), ele vem tentando investigar, desvelar esse mundo. Contudo, os fatos vêm mostrando com uma frequência cada vez maior que esse projeto não vem dando os resultados esperados e anunciados. De fato, a observação revela que em muitos casos a técnica tem criado mais problemas do que soluções. A devastação e a poluição da natureza pelos dejetos industriais é apenas um exemplo disso.

De acordo com Heidegger, o desvelamento do mundo por meio da técnica reprime esse mesmo desvelamento por meios não-técnicos. Em outras palavras, a consciência lógica (linear)

reprime a consciência poética (não-linear). Eis o resultado do condicionamento de nossa cultura por esse modelo mental. Para o filósofo, ao reprimir outros modos de desvelamento da realidade (ou seja, ao unidimensionalizar essas tentativas de descobrimento), o racionalismo excluiu também muitas das possibilidades de compreendermos a nós próprios – passo indispensável para a investigação do mundo real. Além disso, esse modo de pensar não se deixa questionar facilmente, o que por sua vez o torna limitado.

Leitor dos grandes poetas – em especial Hölderlin –, Heidegger costumava citá-lo: “Lá onde há perigo, ali também cresce o que salva”. Dessa maneira, chegou a acreditar na salvação pela poesia (no sentido amplo do termo). Depois, entretanto, tornou-se cada vez mais cético a esse respeito: em vez de uma salvação pela consciência poética, ele previu o desencantamento cada vez maior do mundo pelo racionalismo.

Como se sabe, o desencantamento do mundo – ou racionalização – é a manifestação básica do condicionamento da civilização ocidental pelo pensamento linear. Antes de Heidegger, Max Weber já havia abordado esse tema. Weber caracteriza a história do Ocidente como um período no qual a visão de mundo mágica, extra-racional, foi substituída pelo método, pelo cálculo e pela quantificação. O processo se estendeu a todas as áreas da atividade humana, inclusive ao âmbito do Estado moderno. Essa circunstância produziu o fenômeno da dominação baseada em determinantes abstratas, traduzidas em normas e leis concebidas e aplicadas por uma casta de técnicos e especialistas – eis o universo da burocracia.

A mente desencantada – Como Weber, Heidegger também denuncia a dominância de nossa cultura pelo pensamento linear e analisa alguns de seus resultados. Este ensaio pretende mostrar que o automatismo concordo-discordo é um dos instrumentos básicos desse modelo mental.

Tanto faz discordar ou concordar: o que é realmente limitante é a reação instantânea, automática, linear, do tipo sim/não. É ela que fecha a nossa razão, que faz com que não possamos suspender, nem mesmo momentaneamente, nossos pressupostos e julgamentos. Desse modo, impede-nos de fazer escolhas além das programadas.

Concordar logo que percebemos que o interlocutor está tratando de algo sobre o qual já temos opinião formada também é uma forma de não querer ouvi-lo até o fim: “Já sei do que

você está falando: por isso, não vou me dar ao trabalho de escutar mais". Dessa forma, utilizamos algumas das variantes do "já conheço", do "isso é antigo" – como se o outro não tivesse o direito de pensar e expor o que pensa à sua maneira, sendo ou não original o seu ponto de vista.

O mais comum, porém, é que logo que alguém começa a expor uma determinada idéia comecemos a buscar formas de contradizê-lo. Em qualquer das hipóteses, no fundo o que pretendemos é desqualificar o interlocutor. Discordando, concordando, ou mesmo fingindo concordar, nosso imediatismo acaba negando-o existencialmente.

Outro artifício é o chamado argumento *ad hominem*. Trata-se de dar destaque a quem argumenta, e não ao que está sendo argumentado. É uma manobra muito usada para rejeitar uma idéia ou concepção só porque vem de alguém de quem não gostamos ou com quem não concordamos – ou o contrário.

Um exemplo disso pode ser observado na bibliografia de certas publicações. Pondo em prática o preceito "quem não está comigo está contra mim", muitos escritos são julgados sem leitura. De acordo com os autores citados (ou não) em uma determinada bibliografia, o texto é de saída julgado e rejeitado no ato (ou aceito sem análise, conforme o caso). Parte-se do princípio de que, ao incluir uma determinada referência, o autor concorda com ela ou vice-versa. Logo, para que dar-se ao trabalho de ler?

O automatismo concordo-discordo é típico da lógica da nossa cultura patriarcal, que faz da desconfiança uma reação automática. Com efeito, numa cultura competitiva e reativa como a que vivemos, gostar dos outros e confiar neles não é nada fácil. O argumento *ad hominem* está na gênese dos preconceitos, e continuará existindo e predominando enquanto durar a hegemonia desse sistema de pensamento.

O primeiro passo para a formação do preconceito é a separação entre o fato e o juízo que fazemos dele, isto é, pôr o julgado no lugar do dado. Sempre que isso acontece, ficamos com uma idéia-padrão, à qual recorreremos quando estivermos em situações semelhantes.

O preconceito precisa da repetição, de referenciais passados, e abomina a diferença, as situações mutantes e a criatividade. Dessa maneira, o que antes podia (ou não) ser concebido, agora é preconcebido. Trata-se de uma espécie de mecanismo de defesa contra a realidade, por meio do qual nos dispensamos do incômodo de viver certas experiências.

Dessa maneira, pomos de lado a vida e a substituímos por pressupostos. O que antes era experiência se estilhaçou e agora só restam fragmentos de percepção, dos quais escolhemos os que nos parecerem mais convenientes. Essa é a essência do julgado. Nossa cultura é predominantemente orientada desse modo. Somos propensos a colocar o que *deve ser* no lugar do que *é*. Eis o universo da regra e do julgamento, que, mesmo sendo necessário em muitos casos, é simplesmente devastador em inúmeros outros.

A arte de esperar – No dizer do matemático Claude Shannon, os fatos que acontecem desordenadamente e sem significado constituem ruídos de comunicação. Contudo, o que para nós é ruído para outros pode ser informação e vice-versa. Além disso, o que num primeiro instante percebemos como ruído pode, algum tempo depois, ser percebido como informação. Esse intervalo é o que se chama de *tempo de defasagem* ou *tempo de espera dos sistemas*. A incapacidade de respeitá-lo é um dos fatores que mais contribui para o estreitamento e o obscurecimento do nosso horizonte mental.

É por isso que a diversidade de opiniões precisa ser respeitada: ela é a melhor forma de evitar a redundância e gerar informação. A redundância uniformiza. A informação forma por dentro, isto é transforma. A redundância gera condicionamentos. A informação produz aprendizagem, educa.

Os processos do mundo natural não são imediatos, como quer a ansiedade da nossa cultura. Exigem um tempo de evolução – o tempo de defasagem sistêmico –, que pode durar uma fração de segundo ou ser muito longo. Para nós, é muito difícil lidar com essa imprevisibilidade, e por isso estamos sempre querendo atropelá-la, o que quer dizer que tendemos a não respeitar as dinâmicas da natureza.

É claro que diminuir a prevalência do automatismo concordo-discordo não implica ter de concordar com tudo nem discordar de tudo. O que é importante é não concordar ou discordar *logo de saída*, porque essa atitude trava o nosso entendimento e fecha a nossa razão. Precisamos aprender a transformar o reducionismo em aliado, tirando-o da condição de armadilha que tende a nos aprisionar nos limites de nossa visão imediatista de mundo.

Aprender a ouvir até o fim, sem concordar nem discordar de imediato, é antes de mais nada uma posição de respeito ao outro. Talvez ele demore a entender isso, e daí nem sempre

nos retribua com o mesmo respeito. Mas não podemos depender dessa condição para exercer a nossa própria postura ética. No entanto, concordar nem sempre significa que devamos nos colocar à mercê das opiniões e preconceitos do outro, e discordar nem sempre significa que devamos colocar-nos à mercê de nossas próprias opiniões e preconceitos.

Em meu livro *Complexidade e desenvolvimento humano*, proponho um método dialógico a que dou o nome de “reflexão inclusiva”. Ele busca ser um dos meios de tentar diminuir a dominância do automatismo concordo-discordo. Um de seus pontos básicos consiste em prestar especial atenção àquilo com que menos concordamos e aproximarmo-nos do que mais nos desafia. Isso não quer dizer, porém, que tenhamos de ficar eternamente ouvindo ou observando sem tomar uma posição. Repito que o automatismo concordo-discordo é a reação reducionista imediata, automática, limitante, não seguida de reampliação.

Já sabemos que é extremamente difícil reampliar o que reduzimos. É bem mais fácil declarar que o horizonte mental de nosso interlocutor é estreito e que o nosso é amplo. A esse respeito, convém lembrar aqui uma curiosa espécie de reducionismo – a que pretende reduzir tudo a uma totalidade ideal: tudo é o “cosmos”, tudo é a “totalidade” e assim por diante.

Trata-se, obviamente, de uma forma de idealizar a compreensão, reduzir os seres humanos a espectadores de suas próprias vidas, evitar o convívio com as diferenças e incertezas e tentar eliminá-las por absorção. Como todo reducionismo radical, esse também constitui uma forma de autoritarismo. Traduz a falta de respeito à diversidade de opiniões e, portanto, à legitimidade humana do outro.

Existe outra variante do automatismo concordo-discordo, que consiste em a todo momento tentar estancar o discurso do interlocutor por meio de advertências, ressalvas e constantes recomendações de cautela, aconselhá-lo a “pensar bem”, adverti-lo de que deve estar ciente dessa ou daquela exceção etc. Essas são observações que, quando colocadas nos momentos oportunos, são em geral sensatas e pertinentes. Mas sua repetição compulsiva funciona como trava e produz um efeito censório e repressivo.

Para que o diálogo dê bons resultados, é preciso que respeitemos a legitimidade humana do outro. O que isso quer dizer? Para o biólogo Humberto Maturana, significa que o outro é legítimo por si mesmo: seu valor é intrínseco, e por isso ele

não precisa justificar-se por sua existência. É por essa razão que não devemos negá-lo por meio de artifícios como o automatismo concordo-discordo.

Mas, como vimos anteriormente, não podemos superar esse automatismo sem pôr o nosso ego à prova. As dificuldades implicadas nesse processo são imensas. Um exemplo do cotidiano ilustra esses obstáculos. Sabemos que os homens “práticos” costumam não levar a sério a espiritualidade. De outra parte, os homens “espiritualizados” desprezam a prática, como alguns dos antigos faziam com os trabalhos manuais.

Dessa maneira mantém-se a divisão, que nada mais é do que uma manifestação do automatismo do qual estamos falando. Ela pode ser expressa assim: “Estou sempre prestando o máximo de atenção à pessoa com quem falo, mas não para verificar o efeito que o conteúdo do que ela diz produz em mim. Em vez disso, o que faço é ficar vigilante, com a finalidade de surpreendê-la numa falha. Estou sempre alerta, para no momento ‘certo’ concordar ou discordar automaticamente, ou seja, julgar essa pessoa a partir do que ela está dizendo agora. Para isso, uso a unidimensionalidade da minha primeira impressão”. Em nossa cultura esse mecanismo atinge a todos nós, sejamos “práticos” ou “espirituais”.

É evidente que a capacidade de ouvir sem discordar nem concordar de imediato (isto é, ouvir de modo fenomenológico) pode ser aprendida, embora não seja um processo fácil. Vimos, com Shannon, que fatos que se reproduzem com regularidade são redundâncias. Já os eventos portadores de novidade, de surpresa, são informações. Ao acionar o automatismo concordo-discordo, visamos reduzir a informação a um referencial conhecido, isto é, tiramos dela o efeito surpresa, a aleatoriedade. Essa redução tem a “vantagem” adicional de fazer com que não pensem.

É por isso que as pessoas nos cobram sempre opiniões fechadas. A dúvida e o talvez são circunstâncias assustadoras para nós. Em geral, assumimos uma posição preconceituosa diante dos indivíduos que nos dizem que ainda não têm opinião formada sobre um determinado assunto. Costumamos chamá-los de indecisos, porque estamos convencidos de que todos devem ter sempre posições imediatas e definitivas sobre tudo.

Preocupação e cuidado – Não tomar posição imediata, respeitar a defasagem dos sistemas, ouvir até o fim sem concordar nem discordar (isto é, sem fazer juízos imediatos de

valor) – tudo isso nos ameaça. A sociedade nos cobra o uso sistemático do automatismo concordo-discordo. A atitude de espera, de observação inicial não-julgadora, é vista como estranha, como algo a ser combatido, um verdadeiro perigo. Se olharmos com cuidado, veremos que o ato de ouvir sem concordar nem discordar de imediato significa renunciar a traçar uma fronteira e ficar de fora dela.

Penso que agora é possível resumir alguns dos pontos que podem ajudar na prática da reflexão inclusiva:

- A reflexão inclusiva é um processo de pensamento que se propõe a auxiliar a ampliação da razão.
- A mente está encarnada, e por isso não é separada do mundo. A consciência não é anterior à experiência do indivíduo: faz parte dela.
- A realidade de um indivíduo é a visão de mundo que a sua estrutura lhe permite perceber num dado momento.
- Assim, quando um indivíduo estiver repetindo os pontos de vista de outro, por cujo pensamento foi influenciado, o que ele expressar será o resultado de sua compreensão do pensamento desse outro num dado aqui-e-agora.
- A estrutura de cada indivíduo muda continuamente, de modo que essa compreensão, que num dado instante lhe parece indubitável e definitiva, pode não o ser mais tarde.
- Enquanto permanecer apenas individual, qualquer compreensão de mundo será precária. Por isso, é preciso ampliá-la por meio do diálogo.
- Com quanto mais pessoas um indivíduo conversar sobre suas percepções e compreensões, melhor. Quanto maior a diversidade de pontos de vista dessas pessoas, melhor ainda.
- Se essas conversações produzirem no indivíduo um ânimo competitivo, ou uma tendência a achar que seus interlocutores não lhe estão dizendo nada de novo, ele precisa ficar alerta: é possível que esteja na defensiva, e essa atitude tende a estreitar e obscurecer a sua compreensão.
- É muito importante para um indivíduo dar especial atenção aos pontos de vista dos quais mais discorda e aos comportamentos que mais o irritam.
- Mas isso não quer dizer que ele esteja obrigado a aceitar tudo ou a concordar com tudo: significa que o contato com a diversidade é fundamental para a aprendizagem e para a abertura de sua razão.
- Do mesmo modo, é fundamental dar a mesma atenção (no

sentido de reavaliar constantemente) aos pontos de vista com os quais mais concordamos – às crenças e pressupostos que nos deixam mais confortáveis, mais acomodados.

Pode-se também dizer que a reflexão inclusiva busca mais a gnose (a sabedoria) do que a diagnose (o conhecimento), pois esta constitui uma tentativa de definir e, em casos extremos, rotular os fenômenos, como se isso pudesse explicá-los em sua profundidade ou então substituir a sua naturalidade e originalidade.

Chamar uma percepção que não conseguimos explicar de ilusão de ótica é um exemplo. Diagnosticar é bem mais rápido e exige menos esforço do que experienciar. Neste último caso, como já foi dito, é preciso aprender a lidar com o tempo de espera dos sistemas, coisa que nossa ansiedade torna muito difícil.

Daí a tendência a superdiagnosticar que vem sendo denunciada, por exemplo, na medicina atual: grande ênfase no diagnóstico (que implica muita tecnologia, muito trabalho mecânico) e comparativamente poucos resultados no tratamento. Este exige a complementação do trabalho mecânico pela compreensão da pessoa como um todo, a preocupação, a solidariedade, o cuidado, a compaixão – enfim, tudo aquilo que o modelo de alteridade hoje predominante em nossa cultura dificulta ao extremo.

Mas sabemos que, infelizmente, a ênfase excessiva no diagnóstico nem sempre ajuda a quem de direito, isto é, ao doente. Basta lembrar as inúmeras doenças (e são muitas) diante das quais a medicina continua confundindo tratamento com explicações “científicas”. Fala-se muito em “controle” e pouco em qualidade de vida, e assim a solidariedade que o paciente precisa receber do médico acaba se perdendo no labirinto da tecnoburocracia científica e no hermetismo de seus jargões.

Por fim, é preciso ter sempre presente que as sugestões de reflexão acima enumeradas não constituem receitas, nem muito menos diretivas. É melhor considerá-las componentes de uma lista necessariamente incompleta, a ser questionada, acrescida e melhorada. Não poderia ser de outra maneira, aliás.

Daí se segue que a reflexão inclusiva está também muito longe de pretender resolver, mesmo em parte, o problema do conhecimento. Seu objetivo é apenas ajudar a suavizar o rigor cartesiano do modelo mental dominante em nossa cultura. Ao tentar aproximar as consciências lógica e poética, ela se espelha em Heidegger: quer ser uma forma de trazer para o cotidiano

a atitude fenomenológica. Tenta, enfim, seguir o exemplo dos grandes poetas, como Fernando Pessoa:

Não acredito em Deus porque nunca o vi.

Se ele quisesse que eu acreditasse nele,

Sem dúvida que viria falar comigo

E entraria pela minha porta dentro

Dizendo-me, Aqui estou!

(...)

Mas se Deus é as flores e as árvores

E os montes e o sol e o luar,

Então acredito nele,

Então acredito nele a toda hora,

E a minha vida é toda uma oração e uma missa,

E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

Mas se Deus é as árvores e as flores,

E os montes e o luar e o sol,

Para que lhe chamo eu Deus?

Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;

Porque, se ele se fez, para eu o ver,

Sol e lua e flores e árvores e montes,

Se ele me aparece como sendo árvores e montes

E lua e sol e flores,

É que ele quer que eu o conheça

Como árvores e montes e flores e luar e sol.

(...)

Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos:

As coisas não têm significação, têm existência.

As coisas são o único sentido oculto das coisas.

(...)

A espantosa realidade das coisas

É a minha descoberta de todos os dias.

Cada coisa é o que é,

E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,

E quanto isso me basta.

(...)

O Universo não é uma idéia minha.

A minha idéia de Universo é que é uma idéia minha.

A noite não anoitece pelos meus olhos,

A minha idéia da noite é que anoitece por meus olhos.

Fora de eu pensar e de haver quaisquer pensamentos

A noite anoitece concretamente

E o fulgor das estrelas existe como se tivesse peso.

THOT

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEIDEGGER, Martin. *Being and time*. Nova York: Harper & Row, 1962.

BOHM, David. *Thought as a system*. Londres: Routledge, 1994.

_____. *On dialogue*. Londres: Routledge, 1998.

MATURANA, Humberto. *El sentido de lo humano*. Santiago: Dolmen Ediciones, 1993.

_____; Varela, Francisco J. *Autopoiesis and cognition; the organization of the living*. Boston: Reidel, 1980.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1974.

VARELA, Francisco J. *Sobre a competência ética*. Lisboa: edições 70, s.d.

_____; Thompson, Evan; Rosch, Eleanor. *The embodied mind; cognitive science and human experience*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1997.

PARMÊNIDES

ao lado de
Heráclito é
considerado
um dos
fundadores
da filosofia grega.
Viveu no século
6º a.C. em Eléia.

POEMA

Proêmio

Éguas me conduziram; levaram-me tão longe quanto o meu coração pôde desejar. Para além dos limites de todas as cidades, deusas guiaram-me no famoso caminho que conduz o sábio. Meu carro foi puxado por éguas de passos confiantes; meu destino foi determinado pelas filhas virgens do Sol.

Candescente na maçã, o eixo do carro imitava sons de flauta enquanto as Heliades, abandonando as moradas da Noite, corriam em direção à Luz, removendo, com as mãos, os véus que lhes cobriam as cabeças.

Lá estão as portas dos caminhos da Noite, lá estão as portas do caminho do Dia, entre a verga ao alto e uma soleira de pedra em baixo. Dessas portas de grandes batentes, a Justiça, deusa muito exigente, guarda consigo as chaves de uso duplo. A doçura das virgens convenceu a deusa; os ferrolhos foram destravados e a etérea porta abriu girando sobre uma ferragem de bronze em sentido oposto ao nosso. Entramos – o Imenso impôs a admiração.

Afável, uma deusa encarnando a Luz acolheu-me. Procurando minha mão direita, disse: “Saúdo-te, jovem, que à minha morada vieste acompanhado por aurigas imortais e conduzido por estas éguas! Não foi um mau destino que te colocou neste caminho distante das sendas mortais, mas a Justiça e o Direito. Agora, aprenderás tudo, tanto sobre a Verdade esférica (*alethéia*), como sobre a opinião (*doxa*) dos mortais, em cujas palavras jamais encontrarás a certeza. E também isto aprenderás: como a multiplicidade das coisas que aparecem devem revelar uma presença que precisa ser recebida enquanto penetra tudo totalmente”.

A via da *alethéia* (parte ontológica)

Escuta com atenção as minhas palavras e guarda-as em tua memória, pois vou revelar-te quais são as únicas vias de investigação possíveis para o pensamento!

A primeira diz que o SER é e que o NÃO-SER não é: esta é a via da *alethéia*.

A segunda diz que o NÃO-SER é e que ele é necessário: esta, digo-te, é uma via inacessível ao pensamento, pois não podes conhecer aquilo que não-é. Tampouco podes dizê-lo, isto é certamente impossível, pois *pensar e ser é o mesmo*.

Contempla o modo como o ausente se torna presente pelo pensamento. Então, o pensamento já não separará o SER de sua conexão com o SER, nem para desmembrar-se em uma dispersão universal segundo a sua ordem, nem para reunir-se.

Pouco importa por onde eu comece, pois para lá sempre voltarei novamente.

Agora, debes considerar novamente esta afirmação: é necessário pensar e dizer que o SER é e que o NÃO-SER não é.

Com ela quero te afastar da via de investigação que afirma a existência do NÃO-SER; e te afastar também daquela outra, na qual vagueiam os bicéfalos mortais que nada sabem, pois permitem que a ausência de meios oriente, em seu peito, o seu espírito errante. Deixam-se levar, surdos e cegos, mentes obtusas, massa indecisa, acreditando no SER e no NÃO-SER, no MESMO e no NÃO-MESMO, e para quem em tudo há uma via contraditória.

Mas jamais alguém conseguirá provar que o NÃO-SER é; afasta, portanto, o teu pensamento desta via de investigação, e nem te deixes arrastar para ela pelo hábito que parece te dar a experiência do múltiplo.

Cuida para que o teu pensamento não seja governado pelo olho sem visão, pelo ouvido ensurdecido ou pela língua. E depois, decide com um pensamento adequado qual via – aberta pela controvertida tese que te revelei – debes seguir.

Sim, resta-nos apenas uma única via: o SER É.

Neste caminho encontrarás um grande número de indícios: o SER, não sendo gerado, é também eterno; o SER é perfeito, é completo, imóvel e sem finalidade (*telos*).

O SER jamais foi e jamais será: o SER É, e é inteiro, uno e contínuo.

Que geração poderíamos encontrar para o SER? Como e de onde o SER cresceria?

Não te permitirei pensar ou dizer o crescimento do SER a partir do NÃO-SER, pois é impossível pensar ou dizer que o NÃO-SER É.

Acaso o SER crescesse a partir do NÃO-SER, que necessidade provocaria o seu crescimento mais cedo ou mais tarde? Esta questão sem resposta implica que é necessário ser absolutamente ou não-ser absolutamente.

Verifique que jamais a força da convicção poderá conceber que do NÃO-SER possa crescer qualquer coisa.

Eis por que a Justiça não admite dúvida sobre este ponto: ou É ou NÃO-É.

Portanto, está decidido – no seio mesmo da eternidade –

que é necessário que o pensamento abandone o caminho do impensável e do inefável, pois esta não é a via da *alethéia* e da presença.

Observa por conta própria: como poderia perecer o que NÃO-É? Como poderia ser gerado o SER?

Se fosse gerado, antes da geração, o *SER não seria*, do mesmo modo, o *SER não-é* se devesse vir a existir algum dia.

Assim, a ato de gerar (o movimento) e o ato de perecer (a corrupção) devem ser esquecidos.

O SER também não pode ser pensado ou dito divisível, pois é sempre o MESMO. E tampouco não poderia ser acrescido ou diminuído de algo, o que significaria a sua incoesão.

O SER É IDENTIDADE: plenitude e continuidade.

Sempre imóvel no interior de seus poderosos limites, o SER é sem começo e sem fim, sem geração e sem corrupção. É isto o que compreende o pensamento que segue a via da *alethéia*.

Sempre o mesmo e imóvel, o SER repousa em sua identidade: é a poderosa *Ananké* (Necessidade) quem o mantém prisioneiro de seus limites, pois é necessário que o SER tenha um limite, caso contrário – se fosse ilimitado – faltar-lhe-ia tudo.

O mesmo é PENSAR e o pensamento de que o SER É: jamais encontrarás um pensamento despovoado do SER, uma vez que é no pensamento que o SER aparece.

Fora dos limites do SER, nada é. Por conseguinte, é apenas nome tudo o que os mortais – persuadidos de que pronunciam uma palavra verdadeira – designam como entes gerados e corrompidos, mudança de lugar e modificação do brilho das cores...

Na medida em que é dotado de um último limite, o SER é completo em todos os seus lados; é comparável à massa de uma esfera bem redonda, equilibrada, desde o seu centro, em todas as direções.

O SER não poderia ser maior ou menor, aqui ou ali. E nada poderia impedi-lo de ser tão homogêneo.

Aquilo que é, não é tal que possa ter aqui mais SER do que ali. Tudo o que é, é de forma completamente íntegra; é igual a si mesmo em todas as suas partes e encontra-se de maneira idêntica em qualquer região no interior de seus limites.

Com isto, ponho fim ao meu discurso digno de fé, que te dirijo, e às minhas reflexões sobre a *alethéia*; e a partir deste ponto aprende a conhecer as opiniões dos mortais, escutando a ordem enganadora de minhas palavras.

Via da *doxa* (parte fenomenológica)

Os mortais nomeiam duas formas de conhecimento, uma das quais não deveria sê-lo.

Enganam-se sobre isto separando essas formas, opondo-as e atribuindo-lhes sinais que as divorciam uma da outra.

De um lado o fogo etéreo da chama, suave e muito leve, idêntico a si mesmo em todas as suas partes, mas não idêntico ao outro.

De outro lado, esta outra forma, que tomaram em si mesma, a noite escura, pesada e de espessa estrutura.

A seguir, faça-te ver toda esta ordem aparente do mundo, a fim de que não te deixes vencer pelo pensamento de nenhum mortal.

Após todas as coisas terem sido denominadas luz e noite, e aquilo que está de acordo com a sua força ter sido atribuído como nome a todas as coisas, tudo, concomitantemente, está pleno de luz e de noite invisível, uma e outra igualdade; pois nada existe que não participe de um ou de outro.

Conhecerás a essência do éter e todas as constelações que habitam o éter, e a ação consumidora dos puros e límpidos raios de sol, e de onde provém e aprenderás a circulação e a essência da lua arredondada; conhecerás também o céu circundante, de onde surgiu e como a necessidade que o dirige o constringe a manter os limites dos astros.

Conhecerás como a Terra, o sol, a lua, o éter universal, a via-láctea, o Olimpo e a cálida força das estrelas começaram a existir.

Verás que os anéis mais estreitos estão cheios de fogo sem mistura; e que os seguintes estão cheios de noite. Verás que entre ambos está projetada a parte de fogo e que o centro destes anéis é habitado pela divindade que tudo governa. Em tudo, esta divindade é o princípio do cruel nascimento e da união, ordenando a união do feminino com o masculino. A divindade que tudo governa criou, em primeiro lugar, Eros.

Olhe, no céu, a lua brilha à noite; é uma luz estranha que gira em torno da Terra, mas está sempre procurando os raios do sol.

Já a Terra, não está enraizada no céu, mas na água.

Assim como cada ente é o resultado da mistura produzida pelo movimento próprio de cada um de seus componentes, assim o espírito se apresenta no homem. O espírito é, em cada um e em todos os homens, a mistura daquilo que pensa com

as propriedades internas dos seus componentes: mas o pensamento predomina.

À direita os moços, à esquerda as moças. Quando mulher e homem misturam as sementes do amor, a força, quando em equilíbrio, forma nas veias, de sangues diferentes, corpos bem constituídos. Mas se ao tentarem se misturar as forças das sementes permanecerem em luta, elas não produzirão uma união no corpo, que resulte efetivamente em mistura, e a vida nascente sofrerá por duplicidade de sexo.

É assim que, segundo a *doxa*, os entes vieram à luz e agora são e que, no curso do tempo, crescerão e depois morrerão. É assim que, segundo a *doxa*, a cada uma dessas coisas os homens atribuíram um nome que lhes é próprio. **THOT**

A edição deste texto foi realizada por George Barcat, a partir das seguintes traduções e estudos:

SOUZA, José Cavalcante de. *Os Pré-socráticos* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Editora Nova Cultural, 1989.

BORNHEIM, Gerd A. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1985.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Os Pensadores Originários*. Petrópolis: Vozes, 1991.

BACCA, Juan David García. *Los Presocraticos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1980.

MIGUEZ, José Antonio. *Parménides, Zenon, Meliso* (Escola de Elea). Buenos Aires: Aguilar, 1981.

KIRK, G. S. e RAVEN, J. E. *The Presocratic Philosophers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.

HEIDEGGER, Martin. *Early Greek Thinking - The Dawn of Western Philosophy*. San Francisco: Harper, 1984.

RINIERI, J. J. *Le poème de Parménide*. Paris: Puf, 1954.

BURNET, J. *L'aurore de La Philosophie Grecque*. Paris: Payot, 1952.

CALOGERO, Guido. *Studi Sull'Eleatismo*. Florença: La Nuova Italia, 1977.

**ANA
CRISTINA
SUNDFELD**

é psicóloga
e membro do
Grupo de
Estudos de
Complexidade
e Pensamento
Sistêmico
na Associação
Palas Athena.

GESTALT-TERAPIA E PÓS-MODERNIDADE

*Uma visão criativa de
um tema aparentemente
já exaurido*

A Gestalt-terapia se constitui a partir dos contatos de Fritz Perls (1893-1970) com o trabalho de Kurt Goldstein, passando por sua relação com a psicanálise, e desaguando em sua experiência num mosteiro Zen no Japão. Trata-se de uma abordagem influenciada por escolas filosóficas como o existencialismo e a fenomenologia, cuja base é uma preocupação humanista. De certo modo, a Gestalt origina-se de contribuições que parecem aparentemente contraditórias, mas que podem conciliar-se dialogicamente¹, de maneira que seu arcabouço teórico assemelha-se a uma teia de muitos e diferentes fios.

A origem da Gestalt revela um Perls inovador, capaz de enxergar a complementaridade possível entre teorias diversas, postura até hoje talvez mal compreendida entre alguns dos adeptos das demais abordagens psicológicas. Na qualidade de prática psicoterapêutica, ela reúne arte, filosofia e ciência. A arte está presente no fazer do terapeuta, na sua criatividade; a filosofia indica a visão de homem subjacente à teoria; e, por fim, a ciência surge no que diz respeito à fundamentação teórica necessária à prática.

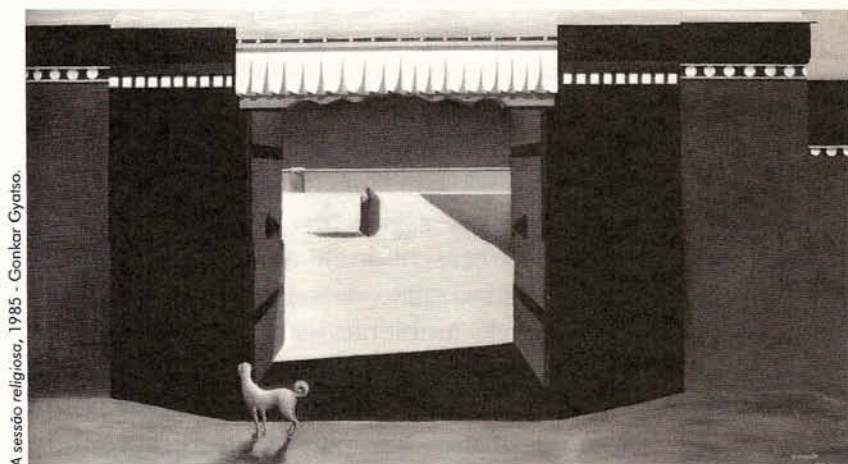
A surpresa do encontro – À medida em que enveredava pelo campo da Gestalt-terapia fui percebendo sua riqueza e, sobretudo, seu aspecto contemporâneo e contestador. Em sua origem está presente uma marca que difere da herança básica do pensamento Ocidental e revela a busca pelo fim dos dualismos e a possibilidade de integração dos opostos.

Em paralelo a essas descobertas, outras leituras me puseram em contato com uma das vertentes fundamentais da pós-modernidade: o pensamento complexo. Como se sabe, trata-se de uma proposta de questionamento das estruturas de pensamento atualmente predominantes e traduzidas em especial pela razão cartesiana.

O pensamento complexo² propõe o exercício de uma razão dialógica, não-excludente. *Complexus*, em latim, quer dizer “tecer em conjunto”. Significa abordar a realidade em sua multifacetada existência, não desviar o olhar das contradições, mas aceitá-las como aspectos intrínsecos da vida. Exercitar, enfim, uma razão que não dilua a desordem e o caos, mas que os contemple como elementos configuradores de uma nova ordem.

Não pude deixar de perceber pontos de interseção entre a visão de homem da Gestalt e a perspectiva complexa. Este trabalho é uma tentativa de falar desse encontro. A Gestalt-terapia compreende o ser humano a partir da relação organismo-ambiente, que cria um campo dinâmico, orientado segundo as necessidades do indivíduo. A atenção, portanto, dirige-se para essa relação, não mais para o indivíduo como entidade isolada. Segundo Perls, a troca que se dá incessantemente entre o organismo humano e o seu ambiente vincula, em todas as áreas da vida, a pessoa e o mundo de maneira inextricável:

O organismo/ambiente humano naturalmente não é apenas físico, mas social. (...) Não se pode considerar fatores históricos e culturais modificando ou complicando condições de uma situação biofísica mais simples, mas como intrínsecos à maneira pela qual todo problema se nos apresenta.



A sessão religiosa, 1985 - Gonkar Gyatso.

O indivíduo só pode ser compreendido dentro de uma configuração polideterminada. Esta inclui o meio, os aspectos sociais e físicos, as necessidades biológicas etc., e nos conduz à idéia de homem complexo, multidimensional: um ser em que o biológico, o cultural, o social e o psíquico são elementos constituintes e constitutivos. A atenção a essas variadas dimensões é fundamental, na medida em que concebe o indivíduo num contexto, não o tomando como um ser a-histórico, abstrato.

Essa, aliás, é a tendência de algumas das abordagens da psicologia: tomar o homem como uma entidade metafísica, à parte de seus processos constitutivos no meio, buscando uma adequação forçada à teoria, tentando assim inaugurar um sujeito psicológico universal segundo um conjunto de pressupostos estabelecidos. Ao que tudo indica, nessa constituição do sujeito psicológico a subjetividade é domada, formatada dentro de um padrão, de um modelo que parece responder mais à necessidade da teoria do que à da realidade. Daí, por exemplo, a dificuldade de lidarmos com clientes de nível socioeconômico baixo, pois eles não nos trazem suas demandas de forma clara, mas sim de acordo com uma linguagem própria e segundo uma compreensão sempre ligada a seus sistemas de crenças.

A Gestalt-terapia nos proporciona, dessa forma, uma possibilidade de repensar as noções de sujeito idealistas e separadas do contexto. Dá-nos a abertura para que façamos uma leitura complexa da relação sujeito-mundo e indivíduo-sociedade, não como pólos separados, mas sim pensados em termos de inclusão. Ou seja: o indivíduo está na sociedade, que por sua vez está no indivíduo. Assim, a compreensão da subjetividade dá-se a partir do sujeito em sua prática cotidiana, em sua realidade vivida.

De acordo com Perls, o contato é uma função primordial que se dá na fronteira organismo-ambiente:

O organismo tem tanta necessidade psicológica como fisiológica de contato; ela é sentida cada vez que o equilíbrio psicológico é perturbado, assim como as necessidades fisiológicas são sentidas sempre que o equilíbrio fisiológico é alterado.

A efetivação do contato, no sentido de um ajustamento criativo, depende tanto da mobilização de energia do organismo como das possibilidades do ambiente, isto é, do campo em que será configurado nesse encontro. Dessa maneira, fica claro que homem e meio não são elementos polarizados, mas sim um fluxo permanente de trocas. Nas palavras de Perls: "Todo

contato é um ajustamento criativo do organismo e ambiente". A importância do contato mostra que somos seres de relação, constituídos a partir dessa interação *no* e *com* o meio e também com os outros. A compreensão do humano exige uma abordagem complexa, que deve incluir as condições concretas de seu estar-no-mundo. Sustenta Perls: "Não tem sentido, por conseguinte, tentar lidar com qualquer comportamento psicológico fora de seu contexto sociocultural, biológico e físico".

Essa proposta de existência e realização humana ocorre numa relação de abertura e fechamento ao meio e aos outros, que encontra sintonia com a noção de sistema vivo³, no que diz respeito à sua constituição e manutenção. A necessidade de abertura do indivíduo para o mundo está ligada à sua sobrevivência e à constituição de sua identidade. Porém, ao mesmo tempo em que necessita estar aberto – em que manifesta dependência em relação ao ambiente –, o indivíduo também precisa de autonomia para a preservação de sua individualidade e originalidade.

Autonomia e dependência – Dessa forma, o organismo funciona como um sistema autônomo, aberto e fechado ao mesmo tempo. Essa observação evoca a presença do dinamismo equilíbrio *versus* desequilíbrio, como propulsor da organização do ser vivo e de sua autonomia. É o que observa Edgar Morin:

Um sistema que funciona precisa de uma energia nova para sobreviver e, portanto, deve capturar essa energia no meio ambiente. Conseqüentemente, a autonomia se fundamenta na dependência do meio ambiente. (...) No universo das coisas simples, é preciso "que a porta esteja aberta ou fechada", mas no universo complexo é preciso que um sistema autônomo esteja aberto e fechado a um só tempo. É preciso ser dependente para ser autônomo.

À sua maneira, Perls diz praticamente a mesma coisa:

Um organismo vive em seu ambiente por meio da manutenção de sua diferença e, o que é mais importante, por meio da assimilação do ambiente à sua diferença.

O organismo funciona segundo a linguagem figura-fundo. Estes dois são elementos que só podem ser compreendidos em sua relação. A figura constitui a necessidade mais premente no

sentido de restabelecer o estado de equilíbrio. O fundo representa a formação de novas figuras – o contexto possibilitador de seu surgimento – e está relacionado às experiências vividas pelo indivíduo. É, portanto, um reservatório de possibilidades. Há um fluxo contínuo entre figura e fundo, que nos orienta em direção à abertura para o meio, e que configura a regulação organísmica. Assinala Perls:

Tudo está em fluxo. Só depois que ficamos atônitos com a diversidade infinita dos processos que constituem o universo, é que podemos entender a importância do princípio organizador que cria a ordem a partir do caos: ou seja, a formação figura-fundo.

Pela afirmação acima, podemos perceber a intuição de Perls sobre a existência de um princípio organizador, orgânico, organísmico, cuja sabedoria cria relações e estabelece elos a fim de realizar e de manter a vida, conduzindo os movimentos de abertura e fechamento necessários à sobrevivência do indivíduo. Essa auto-organização constitui uma característica do ser vivo, que é um processo permanente de ordem, desordem, construção e desconstrução mantenedoras da vida. Nas palavras de Morin: “A auto-organização viva é uma organização que incessantemente se auto-repara, se auto-organiza (reproduzindo as moléculas que se degradam e as moléculas que degeneram)”.

Esse processo se dá numa relação que inclui o meio, na medida em que há uma dependência do organismo, em termos energéticos, informativos e organizativos, do exterior. Desse modo, o ser vivo é auto-eco-organizado, numa dança reguladora que inclui as modificações no meio. A constituição do sujeito ocorre nesse intercâmbio com o mundo e na possibilidade da constante recriação deste.

Assim, a responsabilidade existencial proposta por Jean-Paul Sartre torna-se um compromisso que se estende aos ecossistemas, e visa à manutenção da vida em todos os níveis. Não está restrita às escolhas individuais e suas conseqüências para o sujeito, mas amplia-se na atitude sistêmica, que está implicada no ato de escolher. Não podemos continuar ignorando a destruição da natureza e, sobretudo, a ameaça de extinção sob a qual vivem as espécies. O homem se esqueceu dessa interdependência, que constitui a teia da vida e nos coloca a todos em relação.

O ser humano é polaridade, conflito, contradição, acaso, incerteza, indeterminação e paixões. Embora tudo isso tenha sido ignorado pela tradição linear, com sua ênfase no modelo reducionista de racionalidade, palpita e vive dentro de todos nós. Somos seres condenados à vida de *sapiens*, na qual a poesia foi substituída pela prosa e a diferença e a imaginação, anuladas em nome da norma. A Gestalt-terapia aposta na possibilidade de integração e complementaridade daquilo que em nós se expressa como opostos. É o que assegura Perls:

Grande parte do tempo experienciamos ambos os lados, os opostos. E isso enriquece a amplitude de nossas possibilidades. De fato, quanto mais você tenta ser unilateral, mais o outro lado também é experienciado. Se eu preciso ser forte e dominante em todas as situações, estou constantemente vigiando e experienciando a fraqueza em potencial.

Daí o cuidado que o terapeuta deve ter para não eliminar essa outra porção, por vezes estrangeira e assustadora, que antagoniza, provoca, mas sim trazê-la para o contexto, numa posição dialógica e amplificadora de possibilidades. Para Morin, o reconhecimento das polaridades é uma via fundamental de integração:

Ser *Homo* implica ser igualmente *demens*: manifestar uma afetividade extrema, convulsiva, com paixões, cóleras, gritos, mudanças brutais de humor; carregar consigo uma fonte permanente de delírio; crer na virtude de sacrifícios sanguinolentos, e dar corpo, existência e poder a mitos e deuses de sua imaginação. Há no ser humano um foco permanente de *ubris*, a desmesura dos gregos.

A riqueza da Gestalt-terapia está na compreensão de homem proposta, que promove a abertura para o encontro com o outro e com a diferença. Tudo isso implica a ampliação do olhar do terapeuta para os diferentes níveis de existência e relação do cliente, reconhecê-lo em sua peculiaridade e infinitas possibilidades. Como teoria, ela nos revela uma diversidade de idéias que, em sua atualidade, abre múltiplos espaços de interlocução. Portanto, a Gestalt continua sendo um vasto campo de sementes, fértil e vivo.

THOT

NOTAS

1. O dialógico refere-se à possibilidade de convivência dos opostos de forma complementar, diferentemente da proposta da dialética, que corresponde à formação de uma síntese a partir da tese e de seu contrário, a antítese.
2. O pensamento complexo constitui uma forma de lidar com a realidade, admitindo a infinidade de inter-relações que a compõem, num jogo de interações e retroações que ultrapassa a lógica da ordem e das explicações reducionistas. Busca compreender essa realidade a partir de um olhar flexível e abrangente, que procura lidar com a aleatoriedade, a desordem e a imprevisibilidade dos fenômenos.
3. A noção de sistema estende-se aos seres vivos, desde a bactéria até os seres humanos. A atividade de computar informações do meio exterior é encontrada em todas as formas vivas, bem como os movimentos de abertura e fechamento necessários à sua manutenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOODMAN, P.; Hefferline, R.; Perls, F. *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1997.
- MORIN, E. *O paradigma perdido: a natureza humana*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1991.
- _____. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- _____. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- _____. *Amor, poesia, sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- PERLS, F. S. *Gestalt-terapia explicada*. São Paulo: Summus, 1976.
- _____. *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- STEVENS, J.O. (org.). *Isto é Gestalt*. São Paulo: Summus, 1977.

**A CONQUISTA
PSICOLÓGICA
DO MAL**

obra de
Heinrich Zimmer,
compilada por
Joseph Campbell,
editada pela
Palas Athena.

As babuchas de Abu Kasem



○ livro *A conquista psicológica do mal* (Editora Palas Athena), do mitólogo e indólogo alemão Heinrich Zimmer (1890-1943) é uma antologia de histórias populares colhidas nas literaturas ocidental e oriental. Em todas elas, o tema básico é a luta do homem contra o mal. Trata-se de uma coleção de pequenas obras-primas, entre as quais escolhemos "As babuchas" para esta edição da Thot. Por meio deste conto, o leitor sem dúvida confirmará a frase do psicoterapeuta Rollo May: "Não é por sua história que a mitologia de uma nação é determinada. A história de uma nação é que é determinada por sua mitologia".

Quem conhece a história de Abu Kasem e de suas babuchas? Elas eram tão famosas – tão proverbiais, na verdade – na Bagdá de seu tempo quanto o próprio grande avaro. Para todos, davam forma concreta à insuportável avarice dele. Pois Abu Kasem era rico, mas tentava ocultá-lo. Até o mais andrajoso mendigo da cidade se envergonharia se fosse encontrado morto calçando babuchas como aquelas, engrossadas por remendos e mais remendos. Espinho cravado na carne e história já antiga de cada um dos remendões de Bagdá, converteram-se finalmente num refrão na boca do populacho. Qualquer um que precisasse de uma palavra para designar uma coisa ridícula recorria às babuchas.

Adornado com esses objetos miseráveis – que eram inseparáveis de seu caráter público – o famoso mercador ia arrastando os pés pelo bazar afora. Um dia realizou um negócio especialmente vantajoso: comprou por uma bagatela uma enorme remessa de frascos de cristal. Alguns dias mais tarde arrematou o negócio comprando uma grande quantidade de essência de rosas de um mercador de perfumes falido. Essa combinação foi um golpe comercial verdadeiramente bom e discutiu-se muito a respeito, no bazar. Qualquer outro que seguisse os usos correntes teria comemorado o fato oferecendo um pequeno banquete a algumas poucas relações comerciais. Abu Kasem, no entanto, sentiu-se inclinado a fazer algo para si próprio. Decidiu visitar os banhos públicos, lugar onde não era visto havia algum tempo.

Na ante-sala, onde se deixavam as roupas e os sapatos, encontrou um conhecido que o chamou à parte e pregou-lhe um sermão sobre o estado das babuchas. Abu Kasem acabara de descalçá-las e todos podiam ver como estavam horrendas. Seu amigo lhe disse, muito preocupado, que ele estava se tornando o bufão da cidade; afinal, um negociante tão atilado deveria poder comprar um par de babuchas decentes. Abu Kasem estudou as monstruosidades de que gostava cada vez mais e falou: “Há anos venho pensando no assunto, mas não estão tão gastas que não dê mais para usá-las”. A seguir, despidos como estavam, ambos entraram no banho.

Enquanto o avaro desfrutava desse prazer, para ele raro, o cádi de Bagdá chegou também para banhar-se. Abu Kasem terminou antes do augusto personagem e retornou ao vestiário. Mas, onde estavam suas babuchas? Havia desaparecido. No lugar delas – ou quase – estavam duas babuchas diferentes – belas, luzentes, parecendo novas em folha. Seriam um

presente, uma surpresa daquele amigo que, já não suportando ver um conhecido mais rico do que ele arrastando uns farrapos gastos, quisera agradar o homem próspero com a delicadeza dessa atenção? Qualquer que fosse a explicação, Abu Kasem calçou-as. Poupar-lhe-iam o trabalho de comprar babuchas novas e de regatear-lhes o preço. Pensando nisso, com a consciência tranqüila, deixou a casa de banhos.

Quando o juiz voltou, foi uma cena! Seus escravos vasculharam de cima a baixo mas não conseguiram encontrar-lhe as babuchas. Em seu lugar havia um par de repugnantes objetos remendados, em que todos imediatamente reconheceram os famosos calçados de Abu Kasem. O juiz resfolegava fogo e enxofre; mandou que trouxessem o culpado e prendeu-o – o meirinho, na verdade, encontrou a propriedade perdida nos pés do avaro. Muito custou a este livrar-se das garras da lei; o tribunal sabia, tão bem como todos, quão rico ele era. Por fim, o mercador recebeu de volta suas queridas babuchas velhas.

Tristonho, pesaroso, Abu Kasem voltou para casa e, num ímpeto de raiva, atirou seus tesouros pela janela. Caíram chapinhando no Tigre, que corria barrento atrás da casa. Poucos dias depois um grupo de pescadores do rio acreditou ter fisgado um peixe especialmente grande, mas quando puxaram a rede que mais haveriam de ver senão as famosas babuchas do avaro? As tachinhas (uma das idéias de Abu Kasem para economizar) haviam feito vários rasgões na rede, e os homens, é claro, ficaram furiosos. Arremessaram aqueles objetos enlameados e ensopados por uma janela aberta. Por acaso, era a casa de Abu Kasem. Sulcando os ares, suas possessões restituídas aterram com estrondo sobre a mesa onde ele enfileirara os preciosos frascinhos de cristal comprados tão barato – agora ainda mais preciosos porque os enchera com a valiosa essência de rosas, preparando-os para serem vendidos. A deslumbrante e perfumada magnificência esparramou-se pelo chão e ali se transformou numa gotejante massa de cacos de vidro, misturando-se à lama.

O narrador que nos contou a história não conseguiu descrever a dimensão do desespero do avaro. “Malditas babuchas!”, vociferou Abu Kasem (isso foi tudo que nos contaram). “Não me dareis mais prejuízos!”, disse. Apanhando uma pá, rumou, rápido e silencioso, para seu jardim, onde abriu uma cova para enterrar os trastes. Acontece que seu vizinho estava espiando – muito interessado, é claro, em tudo o que ocorria na casa do

milionário e, como é tão freqüente em se tratando de vizinhos, sem ter nenhuma razão especial para querer-lhe bem. “O velho miserável tem bastante empregados e apesar disso vem cá fora cavar um buraco com suas próprias mãos”, pensou consigo mesmo. “Ele deve ter um tesouro enterrado ali. Claro que é isso! É tão óbvio!” O vizinho disparou a correr até o palácio do governador e denunciou Abu Kasem, pois qualquer coisa que um caçador de tesouros descubra pertence por lei ao califa, já que a terra e tudo o que oculta é de propriedade do soberano dos crentes. Portanto, Abu Kasem foi chamado à presença do governador e a história de que cavara a terra apenas para enterrar um velho par de babuchas provocou gargalhadas gerais. Que outro culpado jamais se acusara tão claramente? Quanto mais o notório sovina a repetia, mais incrível sua história se tornava e mais culpado ele parecia. Ao pronunciar a sentença o governador levou em conta o tesouro enterrado e, atônito, Abu Kasem escutou o montante de sua multa.

Estava desesperado. Amaldiçoou as abomináveis babuchas de todas as maneiras. Mas como livrar-se delas? O único jeito seria levá-las para fora da cidade. Fazendo uma longa viagem até o campo atirou-as em um tanque distante. Quando desapareceram nas águas espelhadas Abu Kasem respirou profundamente: livrara-se delas, por fim! Mas certamente o diabo andava por ali; o lago era o reservatório de água da cidade e as babuchas foram arrastadas pelo redemoinho que se formava na boca do cano, obstruindo-o. Quando os guardas vieram fazer o reparo, encontraram as babuchas, reconheceram-nas – e quem não? – e denunciaram Abu Kasem ao governador por poluir o reservatório. E lá foi ele de novo para trás das grades. Puniram-no com uma multa bem maior que a última. Que é que ele poderia fazer? Pagou, recebendo de volta suas queridas babuchas velhas, pois o coletor de impostos não queria ficar com nada que não lhe pertencesse.

Já haviam causado dano bastante. Desta vez ele lhes pagaria na mesma moeda, para que não lhe pregassem mais peças. Decidiu queimá-las. Como ainda estivessem úmidas, colocou-as na varanda para secar. Do balcão da casa vizinha um cachorro viu aquelas coisas de aspecto engraçado e se interessou. Pulou, agarrou uma babucha e, ao brincar com ela, deixou-a cair na rua. O malfadado traste rodopiou no ar a uma altura considerável e aterrissou na cabeça de uma mulher que passava. Ela estava grávida. O choque repentino e a força do golpe provocaram-lhe um aborto. Seu marido correu ao juiz e

exigiu do rico e velho avarento uma indenização por perdas e danos. Abu Kasem, quase fora de si, foi obrigado a pagar.

Antes que, alquebrado, deixasse a corte para cambalear de volta à sua casa, levantou solenemente as infelizes babuchas e protestou, com tal gravidade que fez o juiz rir-se descontroladamente: "Senhor, estas babuchas são a causa fatal de todos os meus sofrimentos. Estas coisas amaldiçoadas fizeram de mim um mendigo. Dignai-vos ordenar que eu jamais volte a ser responsabilizado pelos males que certamente continuarão a fazer cair sobre minha cabeça". O narrador oriental termina com a seguinte lição moral: o cádi não pôde rejeitar o apelo e Abu Kasem aprendeu, pagando enorme preço por isso, o mal que pode ocorrer a alguém que não troque suas babuchas com a freqüência devida.¹

Será essa, na verdade, a única reflexão provocada por esse conto famoso? Certamente é trivial o conselho de não se converter em escravo da avareza. Porém, algo não deveria ser dito sobre os misteriosos caprichos do destino que sempre devolviam as babuchas a seu verdadeiro dono? Parece haver uma intencionalidade nessa maliciosa repetição do mesmo acontecimento e no crescendo com que os diabólicos objetos afetam toda a vida de seu enfeitiçado possuidor. Não há também nesse conto algo digno de nota no singular entrelaçamento de coisas e pessoas manipuladas pelo acaso, quando vizinhos, cachorro, funcionários e leis de toda a espécie, banhos públicos e sistemas de abastecimento de água fazem com que esse mesmo acaso possa cumprir sua obra e apertam com mais força o nó do destino? O moralista levou em consideração apenas o avarento que recebeu o que merecia, e o vício, que se transformou no destino de quem o praticava. Tratou a história como um exemplo da maneira pela qual alguém pode punir a si mesmo através de sua propensão favorita. Mas para chegar a essa conclusão o conto não precisaria ser tão engenhoso, tão profundo; não há nada misterioso acerca da moralidade. A relação de Abu Kasem com suas babuchas e suas experiências com elas são realmente bastante misteriosas – tão obscuras, fatídicas e significativas quanto o anel de Polícrates.²

É uma cadeia de maliciosos acidentes que, tomados em conjunto, combinam-se numa estranha configuração, como convém à estruturação de uma história, e o resultado é um conto difícil de ser esquecido. O aborrecimento causado pelas indestrutíveis babuchas que custaram ao seu dono muitas vezes

o seu valor e, em si mesmas nada valendo, vão-lhe esgotando a fortuna, é um tema que, com suas variações, atinge as proporções de um enorme hieróglifo ou símbolo, para o qual há múltiplas interpretações.

Um destino é tecido a partir de uma série de casualidades. Cada esforço feito pela vítima para pôr termo às suas dificuldades apenas contribui para aumentar a bola de neve que acaba por precipitar-se numa avalanche, enterrando-o sob seu peso. Um brincalhão embaralha as babuchas, sem outra intenção, provavelmente, que a de se deleitar perversamente com as aflições do avarento. O acaso as traz de volta à casa da qual haviam sido atiradas ao rio. O acaso arremessa-as para o meio dos preciosos frascos. O acaso chama a atenção do vizinho para a atividade do avarento em seu jardim. O acaso faz com que um redemoinho arraste as babuchas até o cano de água. O acaso faz o cachorro subir à varanda vizinha e derrubar uma das babuchas na cabeça da mulher grávida que passava. Mas o que é que torna esses acidentes tão fatídicos? Mulheres grávidas estão sempre andando pelas ruas, os cães de outras pessoas costumam gostar de agarrar coisas alheias, a água corre continuamente através dos canos e, vez por outra, encanamentos são obstruídos. Galochas ou guarda-chuvas trocados são coisas que acontecem todos os dias sem que haja qualquer história significativa se desenrolando por trás desses inofensivos acontecimentos. O ar está carregado dessas minúsculas partículas de poeira do fado; elas constituem a atmosfera da vida e de todos os seus eventos. Os que se associaram para a calamidade do mercador avarento foram apenas um punhado entre milhares.

Com as babuchas de Abu Kasem, caminhamos em direção a uma das questões de maior abrangência relacionada à vida e ao destino humano. Questão que a Índia encarou frontalmente, ao formular conceitos como *karma* e *maya*. Tudo que o ser humano coloca em contato direto consigo mesmo, extraíndo-o da massa de átomos rodopiantes das possibilidades, funde-se, num mesmo padrão, com seu próprio ser. Na medida em que alguém admite que alguma coisa lhe diz respeito, esta de fato lhe diz; se estiver relacionada com seus mais profundos anseios, desejos, temores e com a nebulosa estrutura de seus sonhos, poderá transformar-se em uma parte importante de seu destino. Finalmente, se alguém sente que isso lhe atinge as raízes da vida, esse será seu ponto vulnerável. Por outro lado, justamente por isso, na medida em que alguém consegue libertar-se de suas paixões e idéias, libertando-se, portanto, de si

mesmo, liberar-se-á de todas as coisas que parecem ser acidentais. Algumas vezes elas são excessivamente significativas, e em outras, apresentam um traço de inteligente pertinência, vivo demais para merecer o gasto nome de "acidente". São a matéria do destino. Constituiria uma sublime, serena liberdade, vermo-nos desobrigados da compulsão natural de escolher entre elas – escolher, entre os rodopiantes átomos da mera possibilidade, algo que pudesse ligar-se a alguém como um possível destino, atingindo mesmo, talvez, a raiz do próprio ser. Existem dois mundos especulares – o mundo externo e o interno, e o ser humano está entre eles. São como dois hemisférios de Magdeburgo, entre os quais o ar foi aspirado e cujas bordas se juntam por sucção, de forma tal que todos os cavalos do rei não conseguem separá-las. O que as une externamente – inclinação, repulsão, interesse intelectual – é o reflexo de uma tensão interior da qual não nos apercebemos facilmente porque estamos dentro de nós mesmos, queiramos ou não.

Abu Kasem agia com suas babuchas de modo tão inflexível e obstinado como com seus negócios e sua fortuna. É tão apegado à sua pobreza quanto à sua riqueza. As babuchas são uma máscara que lhe oculta a prosperidade, ou seja, sua outra face. Mais significativo é o fato de ele próprio ter que dar todos os passos necessários para livrar-se delas; não pode deixar nada a cargo de seus empregados. Significa que não pode separar-se das babuchas; são um fetiche, estão empapadas de sua possessão demoníaca. Absorveram toda a paixão de sua vida, paixão que é o objeto secreto do qual Abu Kasem não pode livrar-se. Mesmo quando está inclinado a destruí-las continua apaixonadamente ligado a elas. Há algo de *crime passionnel* no prazer feroz que extrai do fato de estar a sós com as babuchas, quando lhes dá morte.

É uma paixão correspondida; esse é o ponto mais importante da história. Essas babuchas brincalhonas são como dois cães que, deixados em liberdade depois de uma vida inteira de convivência com o dono, voltam sempre e sempre para ele. Este enxota-os para longe, mas os cães aí se tornaram independentes para descobrir o caminho de volta ao possuidor. Sua própria fidelidade se torna uma espécie de malícia inocente. Essa devoção rejeitada se vinga da traiçoeira tentativa de Abu Kasem de divorciar-se das babuchas, fiéis guardiãs de sua paixão soberana. De qualquer ângulo que se os veja, esses objetos inanimados têm um papel vivente a desempenhar. Gradualmente, sem que o saibamos, vão se carregando com nossas tensões,

tornando-se finalmente magnéticos e demarcando campos de influência que nos atraem e retêm.

A realização da vida de um homem, sua personalidade social, a máscara bem ajustada que lhe protege o caráter interno: são estas as babuchas de Abu Kasem. São a estrutura da personalidade consciente de seu possuidor. Mais que isso, constituem os impulsos tangíveis de seu inconsciente, a soma total desses desejos e realizações com os quais ele se exhibe, a si mesmo e ao mundo, e em virtude dos quais tornou-se uma personagem social. São a soma vital daquilo por que lutou. Se não possuírem esse significado secreto, por que é que são tão sarapintadas, tão especialmente reconhecíveis? Por que se tornaram tão proverbiais e se converteram em amigas tão antigas e confiáveis? Assim como representam para o mundo a personalidade de Abu Kasem e sua sovinice, inconscientemente também representam para ele sua maior virtude, a mais conscientemente cultivada: sua avareza de mercador. Se tudo isso o fez avançar muito em seu caminho, detém sobre ele um poder que é maior do que supõe. Não se trata tanto de que Abu Kasem possua a virtude (ou vício), mas de que o vício (ou a virtude) o possua. Converteu-se numa razão soberana de ser, mantendo-o sob seu encantamento. Repentinamente as babuchas principiam a pregar-lhe peças – maldosamente, acredita ele. Mas não é ele que prega as peças a si mesmo?

A mortificação de Abu Kasem é conseqüência natural do fato de ver-se obrigado a arrastar consigo algo que se recusou a abandonar no momento oportuno, uma máscara, uma idéia sobre si mesmo, de que teria podido desfazer-se. Ele é uma dessas pessoas que não se deixam fluir com o tempo: aferrando-se a seu interior, ameaham o ego que construíram. Estremecem ao pensar nas mortes consecutivas e periódicas que vão se abrindo, como limiares sucessivos, à medida que atravessam os aposentos da vida, e que são o segredo desta. Aferram-se avidamente ao que são, ao que foram. Finalmente, a desgastada personalidade que poderia ter sido renovada anualmente, como a plumagem de um pássaro, cola-se a elas de tal forma que não conseguem mais desprendê-la, mesmo quando essa personalidade se converte numa exasperação. Quando a hora soou seus ouvidos estavam surdos – e isso foi há muito tempo.

Em algumas culturas existem fórmulas sacramentais com as quais é afastado o velho Adão: são iniciações que exigem e provocam a total desintegração do molde em cujo interior está o homem que o porta, enfeitado e preso. Vestem-no com

uma roupagem inteiramente nova, que o põe sob o encanto de uma nova magia e lhe abre novos caminhos.

A Índia, por exemplo, dispõe, ao menos como fórmula ideal, das quatro idades sagradas, ou etapas da vida: a do aprendiz ou neófito; a do pai de família; a do eremita; a do peregrino. A cada uma corresponde uma indumentária característica, com seu meio de vida e um sistema de direitos e deveres. O neófito, quando menino ou rapaz, vive em castidade, segue submisso a orientação do mestre e mendiga seu pão. A seguir, ingressando sacramentalmente em seu próprio lar, o homem toma esposa e devota-se ao dever de trazer filhos ao mundo; trabalha, ganha dinheiro, governa a casa e provê, àqueles que dele dependem, alimento e abrigo. Depois retira-se para as florestas, vive de alimentos silvestres, deixa de trabalhar, sem mais laços ou deveres domésticos, e volta toda a atenção para seu próprio interior – até então fora seu dever devotar-se ao bem da família, da aldeia, de sua guilda. Finalmente, como peregrino, deixa a ermida da floresta e, libertando-se de qualquer habitação ou lar, mendiga o pão como nos dias de juventude – partilhando, agora, a sabedoria que outrora recebia. Nada do que possuía, desde a companhia dos homens até os bens mundanos, lhe pertence mais. Tudo lhe escapou das mãos, como se lhe tivesse sido apenas emprestado por algum tempo.

Civilizações como a da Índia, fundadas sobre a pedra angular da magia, auxiliam seus filhos quando ocorrem essas transformações necessárias cujo cumprimento é, interiormente, tão árduo para os homens. Realizam-nas através de sacramentos inquestionáveis. A outorga de vestimentas especiais, objetos, anéis de sinete e coroas recria efetivamente o indivíduo. Mudanças de alimentação e a reorganização do cerimonial externo da vida tornam possíveis determinados fatos novos, certas ações e sentimentos, e impedem outros. São muito semelhantes a ordens dadas a um hipnotizado. O inconsciente não encontra mais no mundo exterior aquilo a partir de que vinha reagindo há tanto tempo, e sim algo diferente, que lhe suscita novas respostas interiores, as quais fazem com que se liberte dos padrões enrijecidos do passado.

Nisso reside o grande valor das áreas mágicas da vida como guias da alma. Sendo os poderes espirituais simbolizados por deuses e demônios, ou por imagens e lugares sagrados, o indivíduo é posto em relação com eles por meio dos procedimentos da investidura, e tal contato é mantido por novas práticas

rituais. Um sistema sacramental assim perfeito e sem mácula é um mundo especular que capta todos os raios emanados das profundezas do inconsciente, apresentando-os como uma realidade externa suscetível de manipulação. Os dois hemisférios, interno e externo, encaixam-se então perfeitamente. Qualquer mudança de cenário pertinente à esfera especular sacramental e tangível provoca, quase automaticamente, uma alteração correspondente no campo e no ponto de vista interiores.

A vantagem que a rejeição dessa condição mágica trouxe ao homem moderno – exorcizamos, expulsamos todos os demônios e deuses do mundo; em consequência, incrementou-se nosso poder, dirigido pela razão, sobre as forças materiais da terra – nós pagamos com a perda do controle especular sobre as forças da alma. O homem de hoje está impotente ante a magia da sua própria psique invisível. Ela o conduz como bem entende. Dentre as inúmeras possibilidades factuais, conjura perversamente para ele a miragem de uma diabólica realidade externa, sem lhe oferecer nenhuma magia defensiva ou qualquer compreensão real do feitiço com que o atingiu. Estamos tolhidos de todos os lados por soluções insuficientes para as grandes questões da vida. O resultado é uma terra de ninguém de sofrimento físico e espiritual que, causado pelo insolúvel sob suas diversas formas, torna-se excruciante pela falta de saída. Para olhos pouco compassivos isso pode parecer divertido e, no âmbito da arte, dá origem à comédia – à semelhança, por exemplo, da comédia de Abu Kasem.

Os contos de fadas e os mitos têm geralmente um final feliz: o herói mata o dragão, liberta a donzela, doma o cavalo alado, conquista a espada mágica. Mas na vida tais heróis são raros. As conversas diárias no bazar, os mexericos do mercado e dos tribunais contam-nos uma história diferente: em vez do raro milagre do sucesso, vemos a trivial comédia do fracasso; em vez de Perseu vencendo a Medusa e salvando Andrômeda do monstro marinho, encontramos Abu Kasem a caminhar com suas miseráveis babuchas. Abu Kasem é, por certo, o tipo mais freqüente no mundo cotidiano. Temos aqui muito mais de tragicomédia que de ópera mitológica. A bisbilhotice que rodeou o mercador durante toda a sua vida, imortalizando-o como personagem cômico, é a mitologia do cotidiano. A anedota, como produto final do mexerico, corresponde ao mito, embora nunca atinja alturas tão excelsas. Ela encena a comédia do nó górdio que somente a espada mágica do herói mitológico pode partir.

Portanto, troquemos nossos sapatos. Se fosse tão simples assim!... Infelizmente, nossos queridos sapatos velhos, amorosamente remendados durante toda uma vida, sempre voltam para nós. É o que ensina a história. Retornam, obstinados e persistentes, mesmo depois que decidimos, finalmente, nos livrar deles. Ainda que voemos, com as asas da manhã, até os confins dos mares, estarão conosco. Os elementos não os aceitam – o mar os cospe de volta, a terra se recusa a recebê-los e, antes que o fogo os destrua, tombam através do ar, completando nossa ruína. Nem o coletor de impostos os quer! Por que qualquer coisa neste mundo haveria de sobrecarregar-se com os demônios sarapintados de nosso ego, apenas porque a nós, por fim, a presença deles se torna incômoda?

Quem libertará Abu Kasem de si mesmo? O caminho pelo qual buscou libertar-se foi obviamente fútil: ninguém consegue livrar-se de seu ego bem-amado simplesmente atirando-o pela janela quando ele se põe a pregar peças. No final, Abu Kasem conjurou o juiz a, pelo menos, não responsabilizá-lo por futuras diabruras que as babuchas viessem a perpetrar. O juiz apenas riu dele. Não irá também rir-se de nós o nosso juiz? Somos, unicamente nós, os responsáveis por esse inocente processo que dura toda uma vida: o da construção de nosso próprio ego. Involuntária e amorosamente, remendamos os sapatos que nos conduzem ao longo da vida; em última instância, continuaremos submetidos à sua incontrolável compulsão.

Aprendemos um pouco a respeito observando como atua nos outros essa compulsão incontrolável – por exemplo, quando lemos gestos não-intencionais. É uma força que se manifesta à nossa volta, em todos os tipos de expressões espontâneas: na caligrafia e nos atos falhos das pessoas, nos sonhos e nas imagens inconscientes. Essa força tem mais controle sobre um homem do que ele próprio percebe ou gostaria que se soubesse – é infinitamente maior que sua vontade consciente. Ingovernáveis, seus instintos são cavalos endemoninhados atrelados à carruagem da vida, da qual o ego consciente é apenas o cocheiro. Não há nada a fazer a não ser resignar-se, como o Egmont de Goethe, a “segurar as rédeas com força e dirigir as rodas com precisão, ora para a esquerda, ora para a direita, desviando-se aqui de uma pedra, ali de um precipício”.

Nosso destino se decanta durante a vida através de nossos inumeráveis e pequenos movimentos, das ações e omissões não muito conscientes do cotidiano; por meio de nossas opções e recusas, adensa-se, até que a solução atinge o ponto de

saturação, pronta para cristalizar-se. Um pequeno frasco, por fim, é suficiente, e o que vinha se formando há longo tempo como um líquido nebuloso, meio indefinido, que apenas se mantinha disponível, precipita-se como destino, com a transparência consistente de um cristal. No caso de Abu Kasem, a alegria que se seguiu à sua transação bem sucedida, a vertigem do maravilhoso duplo golpe graças ao qual comprou os frasquinhos de cristal e a essência de rosas, foi o que elevou a opinião que fazia de si próprio, colocando em movimento a roda do destino. Sentiu que as coisas deviam continuar caminhando assim, com pequenos presentes da fortuna, pequenos e agradáveis lucros dos quais sua vida poupada e laboriosa o fazia merecedor. “Vê, mais outra! Vê, Abu Kasem, seu cão felizardo, essas babuchas luxuosas, praticamente novas, em vez das outras velhas! Talvez as tenha mandado aquele amigo que te critica, que não suportava mais ver-te andando por aí com teus velhos farrapos.”

A avareza de Abu Kasem, inflada por sua sorte momentânea, excedeu-se um pouco. Ultrajar-lhe-ia o sentimento de triunfo e dissipar-lhe-ia a altivez, conformar-se com a idéia de colocar realmente a mão no bolso e comprar um par de babuchas novas. Ele teria sido capaz de encontrar as velhas babuchas no vestiário, da mesma forma que os empregados do juiz logo as encontraram, se ao menos se desse ao trabalho de procurá-las um momento. Se lhe ocorresse a desconfiança – sensata mas desagradável – de que alguém poderia estar tentando caçoar dele. Em vez disso, agradou a si mesmo aposando-se das babuchas novas, meio entontecido, cego pela beleza delas, que vinham satisfazer-lhe os ignorados impulsos inconscientes. Foi um ato infantil de doce alheamento de si próprio, um colapso momentâneo do autocontrole. Mas alguma coisa há muito desconsiderada expressou-se através desse ato. Era algo que vinha, silenciosamente, ganhando um poder avassalador e que pôde, por fim, desempenhar seu papel; a partícula que desencadeia a avalanche fora posta em movimento.

A mesma rede com a qual Abu Kasem pescara seus duvidosos ganhos no bazar agora o apanhava, tecida com os fios de sua avareza. Em bela situação estava, aprisionado em sua própria armadilha! O que vinha há longo tempo sendo gerado em seu interior, uma tensão ameaçadora que crescia lentamente, derramou-se, sem que nada o fizesse prever, no mundo exterior. Atirou-o nas garras da lei, onde ficou a debater-se,

impotente, num emaranhado de humilhação pública, chantagem de vizinhos e problemas com autoridades. O próprio comportamento de Abu Kasem, sua gananciosa prosperidade e o ávido amealhar de si mesmo vinham há muito azeitando os dentes desse maquinismo, colocando-os no lugar onde deveriam estar.

Segundo a fórmula hindu, o homem planta sua semente e não se preocupa com o desenvolvimento dela. Depois da germinação e do amadurecimento, cada um deve comer o fruto de seu próprio campo. Não só nossas ações, também as omissões convertem-se em nosso destino. Mesmo as coisas que omitimos querer são levadas em conta entre nossas intenções e realizações, e podem evoluir até se tornarem acontecimentos muito importantes. Assim é a lei do *karma*. Cada pessoa se torna seu próprio carrasco ou vítima e, no caso específico de Abu Kasem, seu próprio bufão. A gargalhada do juiz é a gargalhada dos demônios no inferno, ante os condenados que, tendo sentenciado a si mesmos, ardem nas próprias chamas.

A história de Abu Kasem mostra quão sutil é a urdidura da rede do *karma* como são inflexíveis seus delicados fios. O ego do mercador, cujos demônios o apertam entre as garras, poderá libertá-lo? Ou poderá, esse mesmo ego, condenar-se à morte? Em seu desespero, o mercador não estará prestes a reconhecer que ninguém conseguirá livrá-lo de suas babuchas, nenhum poder na terra conseguirá destruí-las, mas que deve continuar tentando livrar-se delas, apesar de tudo? Se ao menos pudessem deixar de lhe ser essenciais, se cada um de seus fragmentos fosse perdendo importância gradativamente, assim como haviam se tornado mais preciosas para ele a cada remendo! Se conseguisse ao menos libertar-se daqueles farrapos coloridos, pedaço a pedaço, até não serem mais que um par de indiferentes andrajos!³

O conto relata que o juiz não pôde recusar a súplica de Abu Kasem, o que significa que o mercador deixaria de ser obsedado pelas terríveis babuchas. Em outras palavras, começara a raiar a luz do seu novo dia. Afinal, essa luz não poderia brotar a não ser da profunda cratera de seu próprio interior, que até então lhe empanava a visão com turvas distilações. *Nemo contra diabolum nisi deus ipse*. (Ninguém contra o diabo a não ser o próprio Deus.) O ego misterioso que Abu Kasem tecera tão penosamente a seu redor, ao construir seu mundo – o juiz, os vizinhos, os pescadores, os elementos (pois mesmo estes têm um papel a desempenhar neste ego secreto e bem-amado) –,

as imundas babuchas e toda sua riqueza vinham lhe dirigindo sinais incessantes. Que mais poderia ele pedir à sua esfera especular externa? Ela já lhe falara à sua própria maneira, golpe após golpe. A libertação final, agora, teria que originar-se dele mesmo, de seu interior. Mas como?

É nesses momentos que a sugestão de um sonho pode auxiliar ou trazer um vislumbre de compreensão em resposta ao oráculo de algum conto atemporal. Pois o mago oculto, que projeta tanto o ego como o mundo especular deste, pode fazer mais do que qualquer força exterior, desemaranhando à noite a teia urdida durante o dia. Ele pode sussurrar: "Mude seus sapatos". Só é preciso que olhemos e vejamos de que foram feitas nossas babuchas.

THOT

NOTAS

1. Do Thamarat ul-Awrak (Frutos das Folhas) de Ibn Hjjat al-Hamawi. Outra versão inglesa pode ser encontrada em H. I. Katibah, *Other Arabian Nights*, Charles Scribner's Sons, Nova Iorque, 1928, "The Shoes of Abu Kasim". Richard F. Burton nos dá uma variante resumida e bem diferente em *Supplemental Nights to the Book of the Thousand Nights and a Night*, vol. IV, Benares, 1887, pp. 209-217, "How Drummer Abu Kasim became a Kazi" e "The Story of the Kazi and his Slipper". Nela se vê que, tendo se libertado de suas babuchas, Abu Kasem partiu para terras distantes e tornou-se cádi.
2. Quando o rei Policrates, soberano de Samos, hospedava o rei do Egito, fatos sucessivos demonstraram sua extraordinária boa sorte. Alarmado, o rei do Egito suplicou a Policrates que sacrificasse voluntariamente algo precioso para evitar a inveja dos deuses. Policrates atirou seu anel ao mar. No dia seguinte o cozinheiro, ao preparar um peixe para o banquete real, encontrou o anel em seu ventre. Aterrorizado, o rei do Egito zarpou para seu país.
3. Strindberg concebeu esse caminho de retorno em seu período de "inferno". Descobriu em Swedenborg o conceito do castigo que o homem carrega ao pescoço, extraindo-o de seu próprio inconsciente, e sabia, por experiência própria, de que maneira sinistra as coisas inanimadas podem pregar peças fatais: objetos estranhos, casas e ruas indiferentes, instituições e todos os resíduos da vida cotidiana. Já idoso, muito cansado, Strindberg escreveu um conto de fadas baseado na velha história das babuchas de Abu Kasem ("Abu Casems Toffler", *Samlade Skrifter*, Del. 51, Stockholm 1919). Mas sua versão não cumpre o que o título promete. Muitos pontos essenciais foram modificados e muita coisa não-essencial foi inserida. As babuchas esfarrapadas de Abu Kasem não são a obra de sua vida, mas lhe foram dadas pelo califa para pôr à prova sua avareza. Por outro lado, em alguns escritos anteriores, ele abordou com melhor resultado a questão do destino autogerado – o teatro que a própria existência constrói, que adquire vida e se põe a brincar conosco porque seus bastidores e adereços são expressões de nosso ser interior. Apresentara-o em *To Damascus* (1898) como uma fase de sua própria viagem ao inferno, mostrando como nosso mundo é gerado por nossas próprias compulsões involuntárias, sejam elas demoníacas ou silenciosamente solidárias.

OBRAS DESTA EDITORA

| | |
|---|--|
| Romano Guardini | A aceitação de si mesmo e As idades da vida |
| Henrich Zimmer | A conquista psicológica do mal |
| Nagarjuna | A grinalda preciosa |
| Beto Hoisel | Anais de um simpósio imaginário |
| Mahatma Gandhi | A roca e o calmo pensar |
| Joseph Campbell | As máscaras de Deus mitologia primitiva - vol. 1 mitologia oriental - vol. 2 |
| Maura Baiocchi | Butoh, dança veredas d'alma |
| Nagarjuna | Carta a um amigo |
| Edgar Morin | Ética, solidariedade e complexidade |
| Edgard de Assis Carvalho, Maria da Conceição de Almeida, Nelly Novaes Coelho Nelson Fiedler-Ferrara e Heinrich Zimmer | Filosofias da Índia |
| Ignacio da Silva Telles | Forjadores espirituais da história |
| Shunryu Suzuki | Mente zen, mente de principiante |
| Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama | Minha terra e meu povo |
| Heinrich Zimmer | Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia |
| Jacob Needleman | O coração da filosofia |
| Sogyal Rinpoche | O livro tibetano do viver e do morrer |
| Joseph Campbell e Bill Moyers | O poder do mito |
| Patrício Sciadini, OCD | San Juan de la Cruz, o poeta de Deus |
| Morgana Masetti | Soluções de palhaços: Transformações na realidade hospitalar |
| Ubiratan D'Ambrosio | Transdisciplinaridade |
| Olgária Matos | Vestígios - Escritos de filosofia e crítica social |
| Mircea Eliade | Yoga - Imortalidade e liberdade |
| autores diversos | Publicação de ensaios: THOT (nºs 53 a 70) |
| Henrique Murachco | Co-edição - Palas Athena / EDUSP: Diálogo dos mortos, Luciano |
| Hypnós nº 3 | Co-edição - Palas Athena / EDUC: Ethos, ética |
| Hypnós nº 4 | Techné |

Para aquisição de nossas obras e assinatura
da publicação THOT, entrar em contato com

ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA

Rua Leônicio de Carvalho, 99 - Paraíso 04003-010 - São Paulo - SP
Fones: (011) 288.7356 - 283.0867 e 287.2668 Fax: (011) 287.8941

Suite em fá maior

Anoiteci escutando seu poema.
Acordei antes do tempo.
Duvidei estar ali, deitado, vendo o que via.
Seria a noite
— poderosa rainha —
caçoando dos meus sentidos?
Seria...

Uma voz, no meio da gruta marinha, cantava.
Desamarrei as cordas de Ulisses; nadei.
A mulher distante, beijeí.
O infinito se enrodilhou numa bolha de sabão vermelha.
Milhões de outras bolhas inventaram outras cores.
Súbito, a chuva antiga lavou meus olhos.
A incredulidade evaporou com as lágrimas.
A lua aconteceu amarela; uivei.
A montanha do destino, escalei.
Nos céus,
meus dedos procuraram
os seus motivos,
sereia...
Quis ser músico.
Quis fazê-la cantar
— em fá maior —
cada grão de areia
que machuca a sua garganta.
Escutei, duvidei, amei.
Chovi.
Uivei, escalei, procurei.
Ser rei?

Mergulhei na quietude da aurora
sem querer saber que verbo sou,
depois de ter anoitecido
enfeitado com o poema que você é em mim.

(Esta epifania aconteceu enquanto eu escutava o
Adágio da Suite I/nº 2 - Hwv 427, de Händel)